



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA

EDMEIA LAURENTINA VIANA

**O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR: O PAPEL
SOCIAL DOS ARQUIVOS NA RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA
COLETIVA**

SALVADOR
2020

EDMEIA LAURENTINA VIANA

**O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR: O PAPEL
SOCIAL DOS ARQUIVOS NA RESSIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA
COLETIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Arquivologia do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientadora: Profa. Me. Leyde Klebia Rodrigues da Silva.

SALVADOR

2020

CIP – Catalogação na Publicação

Viana, Edmeia Laurentina

V614m O Movimento das Lavadeiras de Salvador: o papel social dos arquivos na resignificação da memória coletiva / Edmeia Laurentina Viana. – Salvador, 2020.
114 f. : il.

Orientadora: Leyde Klebia Rodrigues da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Colegiado do Curso de Arquivologia, 2020.

1. Arquivos. 2. Memória Coletiva. 3. Movimento das Lavadeiras de Salvador. I. Silva, Leyde Klebia Rodrigues da, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA



TERMO DE APROVAÇÃO

Edmeia Laurentina Viana

**O Movimento das Lavadeiras de Salvador:
o papel social dos arquivos na ressignificação da memória coletiva**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido à aprovação da Comissão Examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia, pelo Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, em 10 de dezembro de 2020.

EXAMINADORES:

Leyde Klebia Rodrigues da Silva
Mestra em Ciência da Informação (UFPB)
Professora do ICI/UFBA

Ana Claudia Medeiros de Sousa
Doutora em Ciência da Informação - PPGCI/UFPB
Professora do ICI/UFBA

Carolina de Souza Santana Magalhães
Doutora em Ciência da Informação (UFBA)
Professora do ICI/UFBA

AGRADECIMENTOS

No meu conceito de amizade, empatia e colaboração, não me importa o determinado momento que tive apoio. O que importa, é que no momento que eu precisei essa pessoa me apoiou e me ajudou e por isso eu estou aqui. Sou grata a todos que doaram mais, ou que doaram menos, devido seu próprio contexto de vida, mais no final das contas foram as somas de tudo que me trouxe aqui, sem essa soma não conseguiria. Obrigado a todos e todas.

As mulheres não são passivas nem submissas. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência - à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história (PERROT, 1985, p. 212).

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo evidenciar o papel social dos arquivos por meio da trajetória do Movimento das Lavadeiras de Salvador para ressignificação da memória coletiva. Especificamente, pretende-se: realizar um levantamento referente aos documentos do Movimento das Lavadeiras de Salvador no Centro de Estudos e Ação Social; analisar os documentos do Movimento das Lavadeiras de Salvador no Centro de Estudos e Ação Social sob os aspectos socioculturais; traçar o perfil das mulheres integrantes do Movimento das Lavadeiras de Salvador a partir dos documentos selecionados; apontar registros de memória e identidade do Movimento das Lavadeiras de Salvador contidos nos documentos citados; identificar o alinhamento da percepção de assessores do CEAS que atuaram no Movimento das Lavadeiras de Salvador com as informações registradas nos documentos em estudo. Metodologicamente está baseada em uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. No que se refere aos procedimentos, consistiu-se em uma pesquisa documental, do tipo estudo de caso. O campo foi o Centro de Estudos e Ação Social e o objeto do estudo foi a documentação do Movimento das Lavadeiras de Salvador. Os instrumentos para a coleta dos dados foi a pesquisa *in loco* e um roteiro de entrevista semiestruturado, aplicado via e-mail. Os resultados mostraram que o Movimento das Lavadeiras de Salvador é muito rico em relação a sua documentação, e que a memória dessas mulheres se faz presente tanto por meio dos documentos quanto por meio das pessoas que colaboraram na construção da história do movimento, e ainda, carregam na oralidade memórias coletivas que também contribuem para a compreensão do papel social dos arquivos. Nas considerações finais refletiu-se sobre o potencial da pesquisa, principalmente tendo em vista o objeto de estudo, o papel social dos arquivos para ressignificação da memória coletiva, assim como a importância de desenvolver e estimular futuras investigações na área da Arquivologia com este tema.

Palavras-Chave: Arquivos. Memória Coletiva. Movimento das Lavadeiras de Salvador.

ABSTRACT

The research aimed to understand the social role of archives through the trajectory of the Washerwomen Movement in Salvador to redefine collective memory. Specifically, it is intended to: to carry out a survey regarding the documents of the Washerwomen Movement of Salvador at the Center for Studies and Social Action; to analyze the documents under historical, administrative and identity aspects; to draw the profile of the Washerwomen Movement of Salvador from the selected documents; to discuss about the redefinition of collective memory as the social role of archives. Methodologically, it is based on a qualitative, descriptive, and exploratory approach. About procedures, it consisted of documentary research, of the case study type. The field was the Center for Studies and Social Action and the object of the study was the documentation of the Movement of the Washerwomen of Salvador. The instruments for data collection were the on-site survey and a semi-structured interview script, applied via e-mail. The results showed that the Washerwomen Movement of Salvador is very rich in relation to its documentation, and that the memory of these women is present both through the documents and through the people who collaborated in the construction of the movement's history, and also, carry collective memories in orality that also contribute to the understanding of the social role of archives. In the final considerations, the research potential was reflected, mainly in view of the object of study, the social role of archives for reframing collective memory, as well as the importance of developing and stimulating future investigations in the field of Archivology with this theme.

Keywords: Archives. Collective Memory. Movement of the Washerwomen of Salvador.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Grupos de Lavadeiras distribuídos pela cidade de Salvador...	43
Figura 2 - Plano de arquivamento da documentação das Lavadeiras (1983-1994).....	51
Figura 3 - Arquivamento da documentação do Movimento das Lavadeiras – ALARMES (1983-2000).....	52
Figura 4 - Ponto de Referência dos Grupos de Lavadeiras.....	53
Figura 5 - Participação das Lavadeiras em Assembleias de 1985 a 1987	54
Figura 6 - Questões abordadas em assembleias de 1985 a 1987	55
Figura 7 - Papel dos agentes pastorais em relação as lavadeiras, e as assembleias de I ^a á IV ^a . Junto a isso, vários questionamentos	56
Figura 8 - Trechos do documento “Reflexões de alguns agentes”	58
Figura 9 - Relatório semestral de Atividades (1996.2).....	59
Figura 10 - Continuação, Relatório semestral de Atividades 1996.2.....	59
Figura 11 - Jornal da ALARMES, n. 11 julho de 1988.....	61
Figura 12 - Jornal da ALARMES, n. 31 julho de 1992.....	62
Figura 13 - Jornal da ALARMES, n. 31 julho de 1992.....	63
Figura 14 - Recorte n. 01 do jornal A TARDE de 21 de março de 1987.....	65
Figura 15 - Recorte 2, Tribuna da Bahia de 4 de outubro de 1991.....	66
Figura 16 - O recorte n. 03, da Tribuna da Bahia de 20/09/1986	67
Figura 17 - Recorte de n. 04, do jornal Tribuna da Bahia de 04 de outubro de 1991 (Parte 1).....	68
Figura 18 - Recorte de n. 04, do jornal Tribuna da Bahia de 04 de outubro de 1991 (Parte 2)	68
Figura 19 - Recorte nº 05, Jornal A tarde de 23 de março de 1987	68
Figura 20 - Recorte n. 6 incluindo foto, do jornal A TARDE de 1987.....	69
Figura 21 - Lavadeiras em passeata	69
Figura 22 -Recorte 07, Jornal A TARDE, [02 de abril de 1992].....	70
Figura 23 -Recorte nº 01, Hinos das Lavadeiras	71
Figura 24 - Recorte 02, Baião das Lavadeiras	71
Figura 25 - Recorte 03, Xote das lavadeiras	72
Figura 26 - Recorte 04, Palavras de ordem.....	72
Figura 27 - Assembleia e passeata das lavadeiras em 16/11/1997 (Parte 1)	73
Figura 28 - Assembleia e passeata das lavadeiras em 16/11/1997 (Parte 1)	73
Figura 29 - Abaixo assinado para requerer dos seus atos constitutivos, realizado	

em 19/09/1983. Documento datada de 30/10/2002	74
Figura 30 - Relação dos membros fundadores da ALARMES 30/10/2002.....	75
Figura 31 - abaixo assinado ao Ministro da previdência Social em 1987	76
Figura 32 - Questões em discussão na audiência com a comissão de direito em 29/04/1998.....	77
Figura 33 - Roteiro em Brasília, orientação para delegações Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos – CN.....	78
Figura 34 - Campanha por Igualdade dos Direitos e Valorização no Trabalho – Carta Aberta, dia 27/04/1998	79
Figura 35 - Fotografias da década de 1980.....	80
Figura 36 - Fotografias da década de 1980 (Lavadeira a margem de um rio ou lagoa)	81
Figura 37 - Lavadeira participando da comemoração de 15 anos da ALARMES com a camisetas dos 15 anos da ALARMES, cartazes e faixas	82
Figura 38 - Comemorações dos 15 anos da ALARMES em 199882.....	82

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Lavanderia Comunitária de Salvador (2013)	47
Tabela 2 - Lavanderia Comunitária de Salvador (2018-2019)	48
Tabela 3 - Comparativo entre 2013 e 2018-2019	48
Tabela 4 - Participação das Lavadeiras em Assembleias de 1985 a 1987	55
Quadro 1 - Questões abordadas em assembleias de 1985 a 1987.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCS	Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade
ALARMES	Associação das Lavadeiras da Região
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
CAMPO	Casa da Memória Popular
CDP	Centro de Documentação Popular
CEAS	Centro de Estudos e Ação Social
INPS	Instituto Nacional da Previdência Social
MLS	Movimento das Lavadeiras de Salvador
MNU	Movimento Negro Unificado
SJDHDS	Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ARQUIVO, MEMÓRIA E SOCIEDADE	17
2.1	O PAPEL SOCIAL DOS ARQUIVOS	19
2.2	O VENCEDOR LEVA TUDO: HISTÓRIA OFICIAL X MEMÓRIA COLETIVA DOS SUJEITOS	22
2.3	IDENTIDADE E MEMÓRIA	25
2.4	PRESERVAR PARA RESSIGNIFICAR.....	27
3	MOVIMENTO DE MULHERES: DO HISTÓRICO AO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS	31
3.1	BREVE HISTÓRICO BRASILEIRO DO MOVIMENTO DE MULHERES.....	32
3.2	MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS	33
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	36
4.1	CAMPO DE PESQUISA: O CEAS	38
5	MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR: ANÁLISES, RESULTADOS E DISCUSSÕES	40
5.1	BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR.....	41
5.2	QUESTÕES SOCIAIS E PERFIL DAS LAVADEIRAS.....	44
5.3	ANÁLISE DOS DOCUMENTOS DO MOVIMENTO DA LAVADEIRAS DE SALVADOR.....	50
5.3.1	Análise dos jornais da ALARMES: documentação em circulação da Época	60
5.4	ENTREVISTAS	83
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	93
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	98
	ANEXO A – IMAGENS DOS DOCUMENTOS QUE NÃO FORAM UTILIZADOS NAS ANÁLISES	100

1 INTRODUÇÃO

A lavadeira trabalha / Com água, Q-Bôa e sabão / E a patroa o que faz? / Assistir televisão. A Lavadeira trabalha / Com sabão, Q-Bôa, água e anil / Só não pode é limpar / A sujeira do Brasil (IRACI, [1983–2000])

Este trabalho parte do pressuposto que ressignificar a memória coletiva do Movimento das Lavadeiras de Salvador (MLS), atribuindo um novo contexto a essa memória, valorizando o passado e refletindo sobre como essas lembranças se comportam no presente, a partir de uma memória oral e documental, pode ser um caminho para evidenciar o papel social dos arquivos.

A partir dessa premissa, mostraremos alguns aspectos importantes sobre o MLS, tendo em vista o cenário político da década de 1970 e 1980, que foi marcado pela efervescência de diversos movimentos sociais. É importante contextualizar que, à época, todo e qualquer movimento social era subversivo, considerado inimigo do Estado, não muito diferente dos dias atuais, por assim dizer. O movimento foi articulado, em sua maioria, por mulheres negras, analfabetas e sem direito a voz e voto, pois a própria Constituição não as permitia. Mulheres que foram subjugadas e marginalizadas.

Por isso, entendemos que é extrema importância a análise documental, a fim de nos oferecer o contexto social, político e econômico da época, e assim termos uma visão global do MLS. Segundo Bellotto (2014, p. 133) “o conjunto dos documentos de caráter permanente, dentro de uma sociedade, vem a constituir o seu patrimônio cultural”. Nesse sentido, rever e ressignificar a memória inserida nesses documentos se configura como ato democrático e social dos arquivos.

Os grupos apresentados, neste estudo, são descritos como grupos de mulheres em busca de melhores condições de trabalho e reconhecimento da sua identidade na engrenagem social. Tal identidade perpassa pela oralidade e valorização do espaço onde estão inseridas, findando com registros documentais.

Desta forma, o papel social do arquivo objetiva subsidiar informações contida nos documentos, traçando um paralelo relativos à memória coletiva e a identidade. Ao realizar a função de demonstrar a importância dos arquivos para a construção da cidadania e também da preservação da memória:

O arquivo é a ‘consciência histórica’ da administração. Também pode sê-lo relativamente à comunidade, se souber captar as potencialidades que, nesse sentido, lhe oferece seu acervo. A par da cultura tradicional, os arquivos

podem enveredar pelo caminho da divulgação verdadeiramente popular, sem se esquecer do constante reaquecimento de suas relações com seus usuários correntes: os pesquisadores – cidadãos comuns ou historiadores. (BELLOTTO, 2006, p. 228).

Assim, com este trabalho é possível evidenciarmos a importância dos arquivos na ressignificação da memória coletiva das lavadeiras de Salvador na luta por seus direitos e cidadania, que perdura até os dias atuais. Ao descrever o arquivo no seu aspecto social, identitário e memorialístico, juntamente com a importância da conservação e acesso à informação, formamos um conjunto de fatores necessários a promover essa ressignificação através da promoção de uma reflexão perante os documentos armazenados. Sendo assim, daremos visibilidade a diversos aspectos do movimento.

Na medida em que o arquivo se aproxima dos indivíduos, é possível afirmar que ocorre a possibilidade de diálogo direto com a identidade cultural de um povo ou nação. "A identidade cultural é um direito do homem e este direito do homem só pode ser assegurado pela história e pela memória". A identidade, como tal, está imbricada à cidadania. E é aqui entendida nesse sentido, o do acesso pleno do cidadão ao universo da informação. (BELLOTTO, 2014, p. 134)

Para discorrer sobre a memória coletiva, trataremos a abordagem de Michel Pollak (1992) entre outras, a sua visão em relação memória "vividos por tabela", que são lembranças de um certo momento que a pessoa vivenciou ou não, e também sobre a flutuação da memória. A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. "A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa" (POLLAK (1992, p. 203-204). Por conta deste fenômeno, tanto a memória coletiva quanto a individual sofrem flutuações, mudanças e contrastes.

Essa abordagem foi selecionada por entendermos que os relatos dos documentos dão suporte à memória do grupo, fortalecendo os aspectos identitários provenientes da história oral e documentada. Esses suportes proporcionarão uma visão mais expressiva desse movimento.

Adiante, falaremos sobre o lugar de conservação dessas lembranças, o campo de estudo no qual voltaremos o olhar sobre as diferentes narrativas acerca da memória coletiva: O Centro de Estudos e Ação Social de Salvador (CEAS), que detém a custódia do acervo na Casa da Memória Popular (CAMPO) a respeito do MLS.

O CEAS é uma organização que tem como premissa à superação das desigualdades, da exclusão social, e a mudança de estruturas sociais opressoras, atuando destemidamente em territórios marcados por situações históricas de pobreza e dominação. Tendo como propósito analisar e compreender os desafios de moda a posicionar-se diante dele, isso tudo ocorre com o apoio das lideranças e assessorias de movimentos populares que são formadores (as) de opinião.

Os documentos sob custódia a CEAS sobre o Movimento das Lavadeiras de Salvador (MLS), propiciar-nos todas as informações necessárias, do ponto de vista administrativo, social, político, econômico e identitário. No processo de reexaminá-lo, será possível trazer à tona o papel social dos arquivos na construção da identidade, memória. Para isso, para podermos realizar esse trabalho a organicidade do documento será determinante para todo o processo, mesmo um documento puramente administrativo pode revelar vários contextos da sua criação e nos colocar nesse tempo e espaço, possibilitando que tanto um arquivista, quanto um historiador tenha como extrair fatos relevante em relação àquela documentação.

Conheci o CEAS, quando fiz a disciplina Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), intitulada História e Memória das Lutas Populares na Bahia: a Comunidade do Alto das Pombas ministradas pelo Professor Iraneidson (Iran) Santos Costa, essa ACCS visava reconstruir, socializar e restituir a História e a Memória do Alto das Pombas, resgatando as lutas sociais ocorridas na comunidade, confrontando o discurso produzido pela grande imprensa e o contra discurso elaborado pelos veículos de comunicação comunitários existentes (jornal, rádio etc.).

A partir dessa vivência, comecei a estagiar no Programa de Memória, na Casa da Memória Popular (CAMPO) onde desenvolvi as atividades de estágio obrigatório da disciplina ICIA-17. No CEAS, sendo então, supervisionada e assistida pela Bibliotecária Débora Tourinho de Santana. Durante o estágio, desenvolvi interesse na história das lavadeiras, onde comecei a separar alguns documentos em relação a elas enquanto fazia a higienização. Meses depois, Roseli Leal, uma companheira do curso de Arquivologia da UFBA, começou a estagiar no CEAS e se interessou pela temática do MLS, a partir disso, desenvolvemos juntas um artigo. Após esse momento surge a ideia para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tudo isso, foi possível graças ao contato com essa documentação.

A importância maior do acervo do CAMPO, dá-se na medida em que ele torna disponível a todos (as) que o desejarem, e lá encontramos uma linguagem acessível,

da nossa história cultural e política recente, através dos relatos, experiências e fatos vivenciados por milhares de homens e mulheres que deixaram sua marca nos mais diversos documentos. Trata-se da história do país reescrita por aqueles(as) que a fizeram: os grupos populares.

Ao ouvir os relatos da comunidade das lavadeiras a respeito de dores e lutas, meu envolvimento foi imediato e junto a isso me identifiquei com a causa, uma vez que, sei o que é sentir na carne as consequências dessas dores, por minha origem humilde e por ser mulher e negra. Logo, escrever sobre as lavadeiras e seu movimento é contar um pouco da história de Salvador e de seu povo, por mais humilde e marginalizadas que essas mulheres tenham sido, sua trajetória pode nos ajudar a compreender nossa própria história, tendo em vista que seu legado faz parte de várias camadas da sociedade e que juntos podemos transformar realidades e construir nossa identidade.

Nesse sentido, nos questionamos: Qual o papel social dos arquivos para ressignificação da memória coletiva por meio da trajetória do Movimento das Lavadeiras de Salvador?

Sendo assim, o nosso objetivo geral de pesquisa é: **evidenciar o papel social dos arquivos por meio da trajetória do Movimento das Lavadeiras de Salvador para ressignificação da memória coletiva desse grupo.**

Especificamente, pretende-se:

- a) Realizar um levantamento referente aos documentos do Movimento das Lavadeiras de Salvador no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS);
- b) Analisar os documentos do Movimento das Lavadeiras de Salvador no CEAS sob os aspectos socioculturais;
- c) Traçar o perfil das mulheres integrantes do Movimento das Lavadeiras de Salvador a partir dos documentos selecionados;
- d) Apontar registros de memória e identidade do Movimento das Lavadeiras de Salvador contidos nos documentos citados;
- e) Identificar o alinhamento da percepção de assessores do CEAS que atuaram no Movimento das Lavadeiras de Salvador com as informações registradas nos documentos em estudo.

Nesse sentido, construímos esse trabalho da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, “Introdução”, apresentamos as considerações iniciais do trabalho, as justificativas, problemáticas, objetivos, motivações e estrutura do trabalho.

No segundo capítulo, “Arquivo, Memória e Sociedade”, primeiro capítulo do referencial teórico, abordamos a relação entre esses três conceitos, o papel social dos arquivos e suas funções, uma breve discussão sobre a memória coletiva dos sujeitos marginalizados em contraposição a história oficial, reflexões sobre identidade e memória e por fim uma discussão sobre a importância da preservação e do acesso à informação como uma prática importante para todas as unidades de informação, sobretudo, os arquivos.

No terceiro capítulo, “Movimento das Mulheres: do histórico ao movimento de mulheres negras”, realizamos um breve histórico do movimento de mulheres no Brasil, em seguida focamos na questão no movimento das mulheres negras, suas lutas, participação política e envolvimento social.

No quarto capítulo “Metodologia da Pesquisa”, apresentamos a metodologia utilizada no trabalho, identificando instrumentos, o método adotado para a organização, tratamento e análise dos dados, assim como o campo de pesquisa para realização da pesquisa.

No quinto capítulo “Movimento das Lavadeiras de Salvador” chegamos às análises, resultados e discussões acerca da pesquisa. Apresentamos, primeiramente, um breve contexto sobre Movimento das Lavadeiras de Salvador, em seguida identificamos e discutimos questões sociais sobre o perfil das lavadeiras, para assim iniciar a análise descritiva dos documentos do Movimento da Lavadeiras de Salvador, completando o capítulo com entrevistas realizadas.

Por fim, no sexto capítulo “Considerações Finais”, tecemos algumas conclusões que foram possíveis a partir dos resultados levantados, o potencial da pesquisa, principalmente tendo em vista o objeto de estudo (MLS), o papel social dos arquivos para ressignificação da memória coletiva, assim como a expectativa que a partir deste estudo seja possível estimular futuras investigações na área de Arquivologia.

2 ARQUIVO, MEMÓRIA E SOCIEDADE

Quando não souberes para onde ir, olhe para trás e pelo menos saiba de onde vens (PROVÉRBIO AFRICANO apud GONÇALVES, 2006. p. 396)

O arquivo sempre esteve presente na sociedade, o desejo de guardar suas memórias e preservá-las é algo inerente ao ser humano. Assim, o arquivo vem de forma a contribuir para suprir essa necessidade, oferecendo à sociedade subsídios para manter sua história e traços de sua identidade.

Para isso, o entendimento básico de como funciona a memória coletiva se torna fundamental, uma vez que ela é um ingrediente para recompor a história de um indivíduo, um povo ou até uma nação.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p. 201).

Contemplar essas variações sobre a memória através da retomada de acontecimentos que os indivíduos ou grupos viveram, sejam acontecimentos positivos ou negativos, oferece o resgate de experiências vividas em grupo ou individualmente, e mesmo que não se tenha experienciado diretamente o indivíduo tem a possibilidade de revisita-los através de fontes de informação como, arquivos, bibliotecas e museus.

Sengundo Brito, Mokarzel e Corradi (2017) as unidades de informação como arquivos bibliotecas e museus emergiram na sociedade devido a lacunas da nossa memória. Desse modo, com as unidades de informação podemos de forma eficaz preencher essas lacunas através de documentos, fotografias, mapas ou esculturas de acordo com as informações contidas neles.

Arquivo, memória e sociedade se entrelaçam e oferecem resposta efetiva ao papel social dos arquivos na perspectiva da salvaguarda da memória coletiva como patrimônio histórico a ser preservado, não apenas pela história institucionalizada pelos historiadores que salientam demasiada relevância aos registros documentais. Mas "em defesa da memória oral, é preciso romper com o princípio de que só são documentos arquivísticos de valor histórico os documentos provenientes da comunicação gráfica" (SANTOS, 1988, p. 113).

Atualmente, a história nomeada como oral não está restrita a ser uma 'outra' história, mais verdadeira, autêntica, porque estava tratando, como se dizia anteriormente, com a 'história viva'. O debate que se produz hoje sobre a história oral ultrapassou essa perspectiva. Cada vez mais o que se percebe nestes trabalhos é o uso das fontes orais na produção da escrita da história, discutindo os aspectos teóricos e metodológicos das abordagens. O caminho foi longo e muitos contribuíram para o trabalho com as fontes orais. (FARIAS, 2010, p. 63).

É importante a compreensão de que as fontes orais podem e devem ser usadas na construção de narrativas, pois possibilitam a integração de culturas. No caso do Movimento das Lavadeiras o uso de fontes orais é indispensável para compreender as narrativas que constituem o contexto no qual estão inseridas, a oralidade juntamente com os documentos vindos de variadas formas, independente qual unidade de informação provenha, é uma grande fonte de memória e reconstituição de histórias vividas.

Sabemos que as instituições (públicas ou privadas) deixam seus rastros na história por meio dos documentos que produzem em decorrência de suas atividades. Historicamente, coube ao arquivo manter viva a memória em forma de documentos. Em relação a memória e como ela se comporta em relação aos arquivos, segundo Brito, Mokarzel e Corradi, (2017, p. 163):

A constituição de memória, especificamente nos Arquivos, se procede naquele classificado como 'Permanente' ou, como é mais usualmente conhecido, 'Arquivos Histórico'. É neste Arquivo em que se encontram os documentos de relevância sociocultural e que devem ser preservados perpetuamente. As informações desses documentos espelham a sociedade e a época em que o Arquivo se insere, formando, dessa maneira, um manancial de memória à disposição para consulta.

Para que isso seja possível é necessária a aproximação entre arquivo e população, ou melhor dizendo: usuários. Sendo assim, entendemos que

As novas funções têm a ver com a cidadania, com a aproximação da população de sua identidade cultural e de seu patrimônio histórico, e podem ser corporificadas em inúmeras ações: palestras, visitas, exposições, eventos, comemorações, atividades de teatro e de turismo relacionadas com os documentos do arquivo. (BELLOTO, 2014, p. 133).

Para aproximação da comunidade com o arquivo, é necessário que os indivíduos se enxerguem e se identifiquem com esses arquivos, somente assim esses instrumentos de memória terão a função social de promover cidadania e pertencimento. Nesse viés, acreditamos que a trajetória do Movimento das Lavadeiras, perante seu riquíssimo acervo e suas histórias de vida loco-regional, pode contribuir para o entendimento dessa função social dos arquivos.

A nossa intenção é a de valorizar a memória coletiva desse grupo de mulheres que exerceram importante papel político social para o país. Tal valorização da memória perpassa além da oralidade, o lugar onde o grupo executa o seu labor. Sendo assim,

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. (NORA, 1993, p. 21-23).

O simbolismo da lavanderia está diretamente associado à memória coletiva destas trabalhadoras e a identidade social delas, construída a partir desse espaço. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a lavanderia é um “lugar de memória. Assim, ao ressignificar esses eventos, fica evidente a importância do protagonismo das mulheres lavadeiras perante o cenário social, cultural e indenitário brasileiro. Revisitar o movimento das lavadeiras é trazer à baila as vozes de grupos marginalizados por elementos de raça, fragilidade econômica e pouca escolaridade. É, além de tudo, conscientizar a sociedade dos direitos que esses grupos possuem de contarem suas histórias e reafirmar a participação na construção da história do país.

2.1 O PAPEL SOCIAL DOS ARQUIVOS

Para melhor recobrar a história e seus contextos diversos, é necessário entender a gênese de nossa civilização traduzida no entendimento do desejo do ser humano de contar a própria história. Sendo assim, a fim de compreender como os arquivos exercem suas inúmeras funções, inclusive a social, voltaremos nosso olhar ao homem primitivo.

As diversas áreas do conhecimento estão sempre em busca de novas descobertas, pois isso constitui parte importante de nossa evolução e aperfeiçoamento constante. É o caso dos medicamentos, por exemplo, que foram criados para tratar doenças específicas e posteriormente apresentaram potencial para o tratamento de outras doenças. Diante do exposto, entendemos que o arquivo evoluiu e passou a ter novas utilidades e atributos.

Primeiramente o ser primitivo sentiu certas necessidades para as quais, naquele momento, não existiam técnicas, materiais e conhecimento evolutivo suficientes para serem sanadas. Uma dessas necessidades era a de preservar e

registrar sua existência e memória; afirmar: estivemos aqui! Nossos nomes eram estes e vivíamos deste modo.

Segundo Higounet (2003), a humanidade, desde o seu primórdio, manifestava a necessidade de se expressar e de guardar suas memórias. Essa necessidade representa um dos fatores que motivou a criação da escrita. Dessa maneira, eles utilizaram formas engenhosas para conseguir seus objetivos comunicacionais e memorialísticos. Sendo assim, estamos diante do estágio embrionário da escrita. Adiante, observa-se a importância da escrita para o homem primitivo e seus primeiros passos para conservar palavras que refletiam seus anseios e necessidades, assim como seus pensamentos.

Desde a mais Alta Antiguidade o homem sentiu a necessidade de conservar a sua própria <memória>, primeiro sob forma oral, depois a forma de *grafitti* e de desenhos e, finalmente, graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou letras. A memória assim registrada e conservada constituiu ainda a base de toda e qualquer atividade humana [...] (GANGNON-ARGUIN, 1998, p. 34).

Foi através do desenvolvimento da escrita que a humanidade pode registrar seu testemunho acerca de sua existência e comunidade. Essas manifestações primitivas constituem grande significado para humanidade, é o que nos liga aos sentimentos e existências de nossos antepassados.

Marília Ferreira Rodrigues (2015) relata que observar o surgimento dos arquivos nos oportuniza o contato com a origem da escrita e da disseminação dos documentos, e isso tudo se dá devido aos registros feitos pelos nossos antepassados em suas mais diversas relações durante a história. Isso se deve a evolução da humanidade da oralidade para a escrita, e com o passar do tempo fica indispensável a necessidade de arquivos.

No decorrer das épocas, os documentos serviram para o exercício do poder, para o reconhecimento dos direitos e para o registro da memória e utilização futura. Mesmo em sua função administrativa, ao longo das histórias, esses documentos refletem as relações existentes entre os governos, organizações e pessoas (GANGNON-ARGUIN, 1998).

A informação administrativa – contida, por sua realidade jurídico-institucional, nos arquivos correntes e, posteriormente, como testemunho em fase intermediária ou como fonte histórica, custodiada nos arquivos permanentes – não se restringe a si mesmo. Se a consideramos de modo mais abrangente, analisando-a como transmissão cultural [...].

Os conjuntos informacionais que se geram não podem ser definidos compartimentadamente como material de arquivo, de biblioteca ou centro de documentação, por serem atípico, como totalidade, a qualquer um deles. Esses conjuntos de dados constituem a memória. (BELLOTTO, 2006, p. 271).

Os documentos administrativos em seus contextos jurídicos, econômicos e sociais estão impregnados de informações, tanto das entidades às quais pertencem quanto da massa humana da época da sua criação, que testemunha os seus costumes e comportamentos. Com a utilização para o poder, a prova e a memória, mesmo do ponto de vista administrativo é possível observamos referências de cada período da construção histórica da sociedade.

[...] Os arquivos continuam a ser uma fonte privilegiada para nos mostrarem o conteúdo das nossas raízes. Os documentos, qualquer que seja o seu caráter, pessoal, administrativo, financeiro, são portadores de uma informação particular diferente da obra literária, da escrita científica ou da reportagem factual [...]. Os arquivos constituem uma fonte de informação única sobre pessoas e as organizações e por esse motivo, constituem materiais indispensáveis à história ou qualquer outra disciplina cujo o objetivo seja o passado. (GANGNON-ARGUIN, 1998, p. 34 - 35).

Tais instituições vêm, ao longo do tempo, disponibilizando informações sobre a origem cultural de determinados povos. A cada dia, os indivíduos buscam mais informações sobre suas origens e sobre como viviam seus antepassados (RODRIGUES, 2015).

As informações contidas nos arquivos documentais: papel, mapas, quadros, fotos, utilidades do lar, roupas, arquitetura etc. tem o papel de nos informam sobre aquela sociedade e época em questão, nos desvenda mistérios do passado e amplia nossa compreensão acerca do momento histórico, sendo uma importante fonte de memória e logo, possibilita a formação e reconstrução de identidades. Quando grupos sociais procuram informações para conhecer um pouco de seu passado os arquivos podem disponibilizar essas informações dando a essas pessoas ou grupos conhecimento sobre seu passado.

A importância cultural dessas informações precede qualquer valor monetário, pois revelam hábitos, costumes e comportamentos. Uma foto, por exemplo, revela-nos como eram os penteados de diversas épocas históricas, a forma como as pessoas se vestiam, a arquitetura através dos prédios e construções de bairros nobres e menos desfavorecidos economicamente, além da configuração geográfica traduzida em mapas, que nos permitem entender como as cidades se expandiram e quais territórios foram ocupados primeiramente etc. Esse contexto histórico e cultural pode ser

acessado através dos arquivos e documentos independentes manifestos em inúmeros suportes.

Uma das funções sociais do arquivo, seja ele identitário, cultural ou memorialístico se justifica pela necessidade de oferecer visibilidade a povos socialmente excluídos, que sofrem com o apagamento e silenciamento de suas narrativas ao longo da história.

Apesar de todos esses aspectos sobre os arquivos temos de falar sobre sua seletividade durante todo o seu percurso histórico, isso é importante para podemos nos perguntar, e saibamos responder acerca de muitas histórias que não foram registradas e porque isso aconteceu.

2.2 O VENCEDOR LEVA TUDO: história oficial *versus* memória coletiva dos sujeitos

“O Vencedor leva tudo, O Perdedor fica pequeno, Ao lado da vitória, esse é o seu destino” (ABBA, 1980, tradução nossa).

A música do grupo ABBA intitulada “*The Winner Takes It All*” tem como tradução: o vencedor leva tudo. Escrita na década de 1980, retrata a relação do vencedor perante o derrotado. A ideia expressa pela música é usada aqui como analogia para retratar como a história é contada através da visão daqueles que dominaram o poder historicamente, é o caso da história oficial *versus* a história/memória coletiva dos sujeitos cujas narrativas foram marginalizadas, e não tiveram espaço de reconhecido. A música foi usada no filme “*Mamma Mia*” e no seriado “*Better Call Saul*” – quarta temporada, episódio 10 – e conta a história de pessoas subjugadas e humilhadas que tiveram suas histórias apagadas em detrimentos das narrativas daqueles que “venceram”. É possível traçar um diálogo direto com as histórias dos povos negros e indígenas que tiveram suas vidas e culturas esmagadas e suas identidades arrancadas por povos que julgavam superiores e civilizados, fato que acabou por permitir que a história fosse contada pelo olhar dos conquistadores ou melhor dizendo, exterminadores.

Portanto, a História ao longo do tempo sofreu várias interpretações e muitos eventos ocorridos, tanto na história mundial como na local são passíveis de revolta e tristeza, a exemplo da catequização dos indígenas, escravização dos povos negros e o holocausto dos Judeus. No caso do Brasil, a colonização deixou marcas que se percebem até os dias atuais, afinal, impor sua cultura e sua vontade a um povo já

existente, ou a um povo que foi capturado e flagelado, décadas após décadas, e depois escravizado de forma vil, é quase impossível de ser superada.

Uma forma de reparar esses erros é recontar essas histórias através de registro e vestígio que encontrados, e ao recompor, seja por documentos, fotos e mapas, ou relatos passados de geração a geração esse gesto se configura, como um ato de contar a história dos “vencidos”.

Nem sempre encontraremos as histórias dos sujeitos marginalizados retratadas na história oficial de uma nação, geralmente ela aparece subentendida, fragmentada em partes nas histórias narradas pelos vencedores e geralmente esses sujeitos são os vilões da história, a classe que trouxe vergonha ou descrença ou impediu algum tipo de progresso em determinado momento histórico.

É curioso perceber, que mesmo com toda onda de conscientização e prática do ‘politicamente correto’ nossa sociedade ainda possui uma imagem do negro, do índio e de suas manifestações religiosas e culturais deturpadas, a menção a estes sempre fora colocado para explicar a que etnia derivava-se o atraso brasileiro e os defeitos do indivíduo nacional. (CARDOSO; LIMA; SILVA; SOUSA, 2008, p. 44-45).

Essas distorções da verdade podem ser repetidas várias vezes, e em um determinado ponto da história passam a ser verdade, e a partir de sua perpetuação, indivíduos que formaram essa nação com seu trabalho e sua cultura são colocados de forma pejorativa ao ser contada a sua trajetória na nação a qual pertencem. Desse modo, cabe a história e aos arquivos buscar dar voz e rever essas injustiças, recontando essas trajetórias a partir de outras narrativas, ressignificamos a memória coletiva daquele povo ou nação.

Um aspecto importante a ser considerado sobre as informações contidas em arquivos, ao longo do tempo é como essas informações no geral eram selecionadas, uma vez que concluímos que essa memória contida nesses documentos constitui uma referência oficial da memória de um povo, ou melhor, de uma nação.

Ao levantarmos questões sobre essa seletividade de memórias, os injustiçados podem declarar, estamos aqui, também fizemos parte dessa história e participamos desse mesmo cenário, só que nossa história não foi contada, ou se foi, alguns fatos importantes foram subtraídos, tudo isso devido à necessidade política e social da época em questão.

Sabe-se que sempre existiu manipulação de alguns eventos ou mesmo um total eclipse de fato históricos de certos grupos que vivem à margem de nossa sociedade.

Os grupos sociais que não são representados nos espaços públicos, sofrem grandes perdas em sua formação histórica temporal e cultural. Causando prejuízos em sua inserção no discurso daquela sociedade, com seu afastamento ou mesmo marginalização. (PEREIRA, 2016, p. 13).

Para os grupos marginalizados a função social pode ser negada devido a sua situação precária ou inexistente do registro oficial. Como um arquivo exerce ao longo tempo sua função social se há seletividade de informação e se as classes desprivilegiadas geralmente têm como forma de guardar sua memória a oralidade?

Isso ocorre porque a tradição oral é a forma que esse povo excluído tem de passar sua história, sua cultura e sua luta, e porque as vias oficiais muitas vezes não correspondiam a realidade.

Assim, a oralidade era a forma de tecer as histórias passadas. Nesse contexto ao destacamos a memória oral, como patrimônio histórico importante na intenção de valorizar a memória popular como fonte histórica (SANTOS, 1988).

A materialização da representatividade destas memórias enlaça valioso o papel social do arquivo para conectar essas histórias e promover à preservação e acesso dessas informações, que classificamos como memória coletiva.

[...] é preciso preservar-se o patrimônio histórico, aquele resultante da memória social, que perde-se, em consequência da inércia, pelo desaparecimento de pessoas cujas as histórias de vida são patrimônio histórico, quando não no sentido exato da palavra histórica, o sejam no sentido histórico – institucional. (SANTOS, 1988, p. 107).

Desta forma uma consciência social voltada a necessidade de rever esses valores em relação as histórias dos que foram julgados não merecedores perante uma seleção injusta e de certa forma discriminatória se faz necessário.

Numa sociedade atravessada, e movida, por conflitos sociais, ou seja, numa sociedade onde há explorados e exploradores, onde há, portanto, classes antagônicas, a História é sempre uma construção que reflete os interesses dos grupos sociais dominantes, que controlam os meios de comunicação. Em outras palavras, a História é uma construção das classes sociais que detém o poder e os meios de comunicação. E isso é verdade, mesmo quando tal situação é mascarada, não estando explicitada, quando ela não é evidente. (PRESTES, 2010, p. 92).

Nesse momento, temos que ter uma postura crítica em relação as histórias oficiais impostas pelas classes dominantes que são os que detém o poder. A questão se faz presente: Como reconstruir a histórias dos “vencidos” uma vez que a história oficial está na mão das classes dominantes e detentores dos veículos de informação? Apesar de sabemos da seletividade os:

Os arquivos são templos modernos – templos da memória. Como instituições, tanto como coleções os arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas. Igualmente, as que são rejeitadas por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos da memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e de nossa consciência social. (COOK, 1998, p. 143).

Embora a vulnerabilidade dos grupos marginalizados seja notória, é necessário rever a cultura em suas diferentes fontes principalmente como patrimônio imaterial, sobretudo em suas comunidades, através da memória tanto individual, quanto coletiva, com o objetivo de fomentar a remontagem da história dessa comunidade, visitar as associações de bairro, entrevistar pessoas que moram a muito tempo na comunidade, pessoas que participaram de lutas e reivindicações. Desta forma pode ser encontrado registro fotos mapas, recortes de jornais etc. E assim a história é montada e ressignificada, dessa forma o vencedor não leva tudo.

2.3 IDENTIDADE E MEMÓRIA

Como o arquivo ajuda através das documentações a traçar o papel de construir a identidade de um grupo social ou até de uma nação? Através dos arquivos é possível utilizarmos ferramentas na busca e resgate de identidades suprimidas pela narrativa oficial e promover a valorização dos atores sociais, aumentando a autoestima e a melhoria da qualidade de vida de comunidades, oportunizando a exaltação da cultura local e suas múltiplas formas de identidade, além de concorrer para a valorização das experiências vividas. Desse modo,

A identidade, enquanto fenômeno sociocultural, se forma e se consolida por discursos e práticas que utilizam a memória como uma das fontes de sua elaboração. Já o Arquivo, enquanto lugar de memória, aparece como uma instituição de substancial importância no fornecimento desses subsídios. (BRITO; MOKARZEL; CORRADI, 2017, p. 2).

A identidade é consolidada através da memória individual, coletiva ou e através de documentos de arquivos, fontes de bibliotecas, museus, pesquisa antropológica e outros, e nesse cruzamento de informações, poderemos sim colaborar para a construção da história, quantas vezes soubemos da existência de determinada tribo tal que através de evidências arqueológicas e de registros de mapas feitos na época das grandes navegações, comprovaram sua existência. É desta forma que a história oral de um povo emerge por que “os seres humanos possuem e preservam, das mais variadas formas, memórias e lembranças que permitem o processo de reconstrução

do passado e lhes dão a possibilidade de perceber a própria existência e se reconhecer como indivíduos” (WORCMAN, 1999 apud FONTANELLI, 2005, p. 17).

Essa é uma das perspectivas da reconstrução da história de grupos, visando legitimar o discurso deles proveniente da oralidade e da memória coletiva, é algo que requer uma luta contra um sistema que tende sempre a legitimar a história oficial, em detrimento da memória. Segundo Michel Pollak (1989, p. 4), “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’”.

A oralidade tem suas peculiaridades, fato que a coloca em desvantagens frente a memória arquivada, documentada, que se torna oficial. O fundamental na memória coletiva é sua construção, a memória é construída para sabermos de onde viemos e o que nos compõe. Ela não estabelece uma preservação documental, onde podemos ter acesso a qualquer momento, visitar, rever, tirar dúvidas. Mas, a cada momento conquista seu espaço, por que,

a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em seu conjunto. (HALBWACHS, 2006, p. 51).

O que significa que a relação com o grupo é fundamental para a perpetuação da memória. A falta de convívio e de troca é um dos elementos que pode levar ao esquecimento.

Michel Pollak (1992) mesura que a memória é sempre conflituosa, porque é seletiva, resultado de enquadramentos, esquecimentos e silêncios. Entendendo, pois, que a noção de que a memória coletiva é fruto da disputa social que emerge dos processos de seleção e instituição do que é e do que não é patrimônio, a “memória oficial” pode passar por instabilidades e receber conceituações contraditórias quanto a sua interpretação, gerando conflitos em torno da memória (CANDAU, 2011). Esse autor afirma que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel dele.

O que se deseja é uma legitimação dessa identidade, que podemos encontrar nos relatos orais constitutivos da memória coletiva e que nos arquivos através dos documentos encontramos vestígios. A união dessas duas perspectivas nos traz o papel social do arquivo no fortalecimento da identidade e dos traços culturais desses

indivíduos ou grupos. E assim podem constituir em patrimônio cultural advindo de uma identidade resgatada.

O patrimônio cultural pode ser definido como o conjunto de manifestações de uma comunidade (incluindo suas práticas, costumes e valores, expressões artísticas e culturais, lugares e objetos) que é passado de uma geração a outra. É constituído dos mais diversos elementos e se apresenta, convencionalmente, dividido em patrimônio imaterial e patrimônio material, onde se entende por patrimônio imaterial tudo o que está relacionado aos modos de fazer das pessoas, às técnicas e habilidades, aos valores e às crenças; e por patrimônio material os produtos da criação humana, como os artefatos, os objetos e as construções, por exemplo. (RODRIGUES, 2016, p. 2).

Assim, ao identificar os costumes e tradições de um povo, segundo Brito, Mokarzel e Corradi (2017, p. 2), “independente de qual concepção de identidade que se tenha ou de quem a está estudando, os documentos de Arquivo proporcionam legitimação do discurso identitário”. Fortalecendo tanto o indivíduo como a comunidade a qual ele pertence.

Depois de falar do papel social do arquivo, de sua seletividade e função identitária, precisamos abordar um outro ponto, tão fundamental como os outros já abordados. Estou me referindo a preservação e ao acesso à informação.

2.4 PRESERVAR PARA RESSIGNIFICAR

Esta subseção objetiva discutir a importância da preservação e do acesso à informação, que compõe uma prática importante para todas as unidades de informação principalmente para os arquivos. Todas essas práticas simbolizam esforços empregados para garantir a comunidade tanto científica, quanto popular, se aproximar dados de informação, possibilitando o surgimento e a afirmação ou não do discurso que ali estão, no nosso caso, nos documentos, eventualmente tudo isso depende de como esse acesso é disponibilizado, mas esse direito é garantido por lei.

Com a promulgação da Lei nº 12.527/2011, que passou a vigorar em 16 de maio de 2012 e que garante o acesso à informação pública, diversos setores da sociedade civil vêm debatendo à respeito do alcance e da importância do acesso a informação por parte dos cidadãos. Desenvolver uma pesquisa relacionada ao valor social dos arquivos se mostra assim de extrema relevância, pois atualmente este tema se tornou um dos pilares para a consolidação da Arquivologia enquanto área do conhecimento humano, e conseqüentemente da consolidação da profissão do arquivista junto à sociedade. (MATTOS; VIGNOLI, 2013, p. 04).

Uma vez garantido esse direito, é preciso que essa informação esteja disponível para qualquer usuário que deseja consultar, sem isso, todo o trabalho de ressignificar a memória é ineficaz, pois sem acesso, o arquivo seja ele público ou privado, perde a razão de ser porque ninguém vai ter contato com ele.

Outro fator importante que merece destaque é compreender que a ressignificação da memória do MLS só se efetivará, se a preservação dos documentos existir, isso é determinante para que essas informações existentes na Casa da Memória Popular (CAMPO-CEAS). Sem esses dois pontos, todo o trabalho de ressignificar a memória poderá ser nula, porque sem acesso significa o aprisionamento da história dessas mulheres. Isso não queremos.

Quando se fala em ressignificar a memória, se pergunta para quem fazemos isso e por quê. Fazemos porque todas as memórias do nosso povo e de outros povos do mundo que tem a oralidade como seu refúgio e que fazem parte de um patrimônio imaterial deve ser conservado e porque fazemos, por que temos o direito a conhecer nossa história e saber de nossos antepassados, um povo que não conhece seu passado, não pode construir um futuro, li isso em algum momento da minha vida adulta.

Sabemos da dificuldade que os arquivos, bibliotecas e museus passam aqui no Brasil e da falta de incentivos e políticas ligadas tanto a conservação quanto ao acesso à informação, mesmo assim precisamos continuar independente da falta de recursos e políticas adequadas.

O problema que tanto preocupa as bibliotecas norte-americanas e europeias é relevante também para o Brasil. As bibliotecas e os arquivos brasileiros, ricos em documentos históricos, são testemunhas silenciosas da deterioração implacável dos acervos, acelerada pelo clima quente e umidade (na grande maioria das regiões) e pela falta de recursos e de pessoal especializados para atuar na salvaguarda desses acervos. (HOWES, 2014, p. 13-14).

Estamos vivendo um momento no qual nossa história está virando cinzas, a exemplo dos casos do Museu Nacional e da Catedral de Notre-Dame, a nossa história nacional e nossa história mundial, sendo vítima de desastres que poderiam ser evitados ou minimizados.

Minha perspectiva de preservação se baseia na fala de Howes (2014), sobre a necessidade de se fazer alguma coisa, mesmo que seja coisas mínimas, e a importância de se utilizar os poucos recursos de maneira eficaz e inteligente, entretanto se não podermos fazer tudo, podemos fazer alguma coisa.

Quando falamos em preservação ou outras terminologias, é importante dar significado aos conceitos:

A 'preservação' propõe cuidar de todos os assuntos relacionados ao combate a deterioração dos documentos. Compreende uma política global, deste os aspectos administrativos e financeiros, até as investigações científicas sobre a constituição dos materiais e as mais simples medidas de higienização.

A 'conservação' define-se como um conjunto de medidas específicas e preventivas necessárias para a manutenção da existência física do documento.

A 'restauração' compreende as medidas aplicadas para reparar os documentos já deteriorados ou danificados. (HOWES, 2014, p. 14).

Seja no Arquivo das Lavadeiras no CEAS, seja no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), seja no Memorial Arlindo Coelho Fragoso ou no Museu da Pessoa, essa filosofia se adapta a qualquer situação que envolve, preservação, conservação e restauração.

Ao disponibilizá-lo para o acesso sejam qual for seu suporte é necessário um nível de preservação dos documentos, uma vez que serão manipulados pela comunidade, os seus principais interessados e outros usuários e instituições.

A preservação e o acesso não só são complementares, mas também contribuem para a conscientização, já que a demanda de acesso estimula o trabalho de preservação. Encoraja-se a produção de cópias de acesso para evitar uma excessiva manipulação dos documentos a preservar. (MEMÓRIA, DO MUNDO, 2002, p. 6).

Isso demanda um certo nível de organização da unidade mantenedora dos documentos, pensar na forma de disponibilizar esses documentos é de vital importância para a preservação e posterior acesso à informação.

As atividades que as funções básicas dos arquivos exigem são: reunir, organizar, conservar e tornar acessíveis as informações contidas nos documentos que deles fazem parte. Ao cumprir adequadamente essas funções, os arquivistas possibilitam que os arquivos em que atuam possam responder aos seus objetivos fundamentais de servir à administração, ao direito, à cidadania e à historiografia. (BELLOTO, 2014, p. 132).

Ter uma visão geral das pessoas que frequenta a unidade de informação é essencial, conhecer o pesquisador seja ele, aluno, professor ou um membro da comunidade, saber sobre os usuários ajuda a unidade de informação a se programar. Saber quais documentos são frequentemente requisitados e desta forma, que se conhece, a sua preferência, qual a sua linha de interesse e assim a unidade de informação no nosso caso o arquivo, pode melhor servi-lo.

As análises do comportamento informacional se apresentam como investigações que buscam levantar e caracterizar os interesses, as necessidades ou demandas e as maneiras de uso da informação por parte dos usuários reais e potenciais. (AVILA; SOUSA, 2011, p. 44-45).

Para uma análise comportamental eficiente é necessário que arquivista tenha a habilidade de utilizando-se a informação arquivística como instrumento de acesso ao conhecimento e a transformação social, pois o arquivista é o elemento de ligação entre a informação e o usuário, ou seja, exerce a importante função de mediador da informação em plena era da informação.

Com essas ações o arquivista buscar favorecer o sentimento de pertencimento e orgulho, ajudando a esclarecer problemas atuais e buscar soluções que objetivem a construção de um espaço de autoconhecimento, na busca pela identidade, reflexão em relação memória social e valorização das pessoas (BELLOTTO, 2014).

A junção do acesso à informação com as políticas de preservação, e o profissional arquivista é o que garante de forma eficiente, e real perspectiva da transmissão dos relatos existente no arquivo, que significa memória e identidade, que se encontra impregnada nesses documentos, isso dará vazão a reconstrução memorialista e trará consigo o aspecto cultural, onde a cultura não vem só sobre a forma de uma memória material e sim, de um conjunto de informações que resulta no acesso à informação e no fortalecimento identitário de um povo, ou um indivíduo, quem sabe de uma nação inteira.

3 MOVIMENTO DE MULHERES: DO HISTÓRICO AO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS

Se quiser ir rápido, vá sozinho. / Se quiser ir longe, vá acompanhado.
(PROVÉRBIO AFRICANO)

Neste capítulo abordaremos brevemente a trajetória das mulheres brasileiras na busca por direitos, igualdade e respeito. A luta contra a desigualdade de gênero é constante na história. A cultura patriarcal e machista defende que é dever das mulheres sempre servir ao homem, seja nos afazeres domésticos, seja no fornecimento de prazer ou na criação dos filhos. Perpetuando, assim, a ideia de inferioridade na qual o homem é o protetor e provedor da família e a mulher deve assumir uma posição de submissão e se dedicar exclusivamente ao lar.

Devido as guerras, com os homens longe de casa, mulheres e crianças precisaram assumir postos de trabalho fora de casa para sustentarem suas famílias, contribuindo para a economia das nações. No entanto, as remunerações não eram as mesmas que os homens recebiam, uma vez que seus esforços não eram valorizados na mesma proporção. Os impactos dessa cultura são largamente sentidos ainda atualmente. É bastante comum as mulheres receberem salários inferiores aos dos homens, mesmo quando executam as mesmas funções dentro de uma empresa.

[...] funções iguais, salários e direitos iguais; igualdade de oportunidades no acesso ao mercado de trabalho e a ascensão e aprimoramento profissional. Todas essas bandeiras são parte do processo de conscientização da mulher de seu próprio valor e da necessidade de que ela se coloque como agente da sua liberação. (MOREIRA, 2007, p. 65).

Ao longo da sua história do ocidente, podemos ter notícias de mulheres que se rebelaram contra as imposições sociais e com o passar dos tempos os grupos de mulheres foram se organizando e intensificando suas reivindicações, até que em 1957, 129 operárias morreram queimadas numa fábrica em Nova York, nos Estados Unidos da América. A luta das mulheres ganhou um marco histórico, esse acontecimento teve tanta repercussão que a partir dele surge o Dia Internacional da Mulher, comemorado todo dia 8 de março (PINTO, 2010).

Buscando liberdade e igualdade, as lutas das mulheres vêm ganhando força e tendo êxito, embora ainda persista o pensamento patriarcal e as convenções socioculturais que limitam a atuação das mulheres e ainda hoje as mantém em posições secundárias nos diversos setores da sociedade.

Ademais, muitas formas de violência foram e são usadas para subalternizar as mulheres no geral. A violência não é apenas física, mas também psíquica e moral, não ocorrendo apenas em âmbito local, ou nacional, e sim em âmbito global. Sem conhecer fronteiras econômicas ou culturais a violência de gênero por muito tempo passou despercebida (PIOVESAN, 2012, p. 6).

Desse modo, a luta pelo reconhecimento de identidades e o direito à diferença são lutas recentes em prol do processo de emancipação feminina. As diversas lutas dos movimentos sociais pelos direitos das mulheres, em diversas frentes e ao redor do mundo, são fundamentais para possibilitar que os direitos das mulheres sejam parte do cotidiano seja na família, no trabalho, na política e no âmbito reprodutivo e sexual.

3.1 BREVE HISTÓRICO BRASILEIRO DO MOVIMENTO DE MULHERES

As primeiras manifestações das lutas feministas no Brasil brotaram na década de 1970. No contexto da ditadura militar, a organização dos movimentos era feita de forma clandestina. O regime militar via com desconfiança qualquer manifestação nesse sentido. Com o processo de redemocratização dos anos 1980, surge uma quantidade significativa de movimentos em prol dos direitos das mulheres cujos objetivos eram direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde, além de se levantarem contra o racismo e contra a violência doméstica e social (PINTO, 2010).

As articulações, geralmente, aconteciam junto às organizações que trabalhavam com direitos humanos e movimentos populares cuja atuação nos bairros pobres, nas favelas visava a luta por saneamento básico, saúde e educação, com forte influência das Comunidades Eclesiásticas de Base da Igreja Católica.

Mesmo diante do levante mencionado anteriormente, as conquistas do feminismo no Brasil ainda se apresentam de forma incipiente, todavia é possível listar algumas vitórias, dentre elas a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984 e a promoção de uma campanha nacional para a inclusão de direitos das mulheres. O esforço nesse sentido, Esforço que inclui essa luta na Constituição Federal de 1988; No governo de Luiz Inácio Lula da Silva foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; Ainda na última década do século XX, com o intuito de promover medidas protetoras, tendo como principal objetivo a

luta contra a violência contra as mulheres, surgem as Delegacias Especiais das Mulheres em todo o país; Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Num país em que a desigualdade social é imensa, no qual a maioria dos lares têm mulheres como responsáveis pelo sustento da família, as mulheres passam a representar mais papéis na sociedade, de forma que, aos poucos, acabam sendo reconhecidas, mesmo que minimamente. Ainda que as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções permaneçam, os movimentos feministas deram visibilidade às causas das mulheres, no sentido de identificar as lutas populares como as lutas pela democratização do país (CARNEIRO, 2003).

Essas conquistas foram fundamentais para uma efetiva mudança no mercado de trabalho, uma vez que o modelo de família mudou ao longo da história e obrigou a mulher a assumir cada vez mais responsabilidades dentro e fora de casa.

3.2 MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS

A luta da mulher brasileira tem um agravante: uma vez que vivemos num país com a população extremamente miscigenada, devido ao seu processo de colonização, sabemos que essa luta é marcada pela trajetória de um país que se desenvolveu através da desigualdade e da exploração do trabalho do negro. É possível ver as marcas da escravidão que perpassa todas as esferas da sociedade brasileira. O racismo se manifesta de forma enraizada na sociedade se unindo a outros tipos de opressão para operar e aprofundar ainda mais o abismo desigual presente no Brasil. Essa posição de subalternidade é atual, uma vez que a maioria dos cargos considerados de subordinação e de menor prestígio para a sociedade são ocupados por pessoas negras.

No período pós abolição da escravatura, as mulheres trabalhavam no campo, vendiam o refofo nas feiras e participavam do comércio.

O dinheiro que arrecadavam com a venda desses artefatos e das iguarias foram o suficiente para libertar muita gente. Às vezes, elas exerciam duas profissões ou mais, combinando as funções de escravas domésticas ou trabalhadoras do campo com o ofício da lavagem de roupas, da venda no tabuleiro e outros mais. (PORTAL GELEDÉS, 2020).

Assim, com sua força de trabalho e sua resistência, essas mulheres enfrentaram os desafios do processo abolicionista no Brasil. A importância desses grupos de mulheres pode ser percebida na religião, nos círculos de trabalho no ambiente familiar entre outros. Então, muito do que foi construído na história do país, deve-se as ações dessas mulheres. Ainda assim:

[...] pesquisas tem apontado para a presença das nossas mulheres nas mais diversas profissões do mercado de trabalho das cidades e tentado entender historicamente como fomos aprisionadas no subemprego e encurraladas em profissões pouco valorizadas. Para além de empregadas domésticas, as mulheres negras empobrecidas também foram trabalhadoras de fábricas, doceiras, costureiras e muito astutas, pois sobrevivemos em uma sociedade que nos desejou a morte. (PORTAL GELEDÉS, 2020).

É imprescindível compreender que as mulheres negras lidam, no seu cotidiano, com uma realidade desumana, sendo vítimas constantes de discriminação e racismo, simplesmente pela cor de sua pele.

À comunidade em geral, cabe o entendimento, o conhecimento e principalmente, o posicionamento face as questões que estruturam e equilibram a sociedade. Pensar a diferença do ser mulher ou as diferenças do ser Mulher Negra é ousar visibilizar as lutas, entendendo que, estando na base da pirâmide social, a mulher negra ao movimentar faz com que toda estrutura saia da estagnação. (TADIELO, 2020).

Caba ressaltar a necessidade de um claro posicionamento em relação às necessidades das reivindicações femininas, visto que os movimentos de mulheres precisam de atenção às especificidades de suas pautas, um exemplo desse tipo de organização feminina é o MLS, universo basilar deste estudo. Ainda mais quando se considera que o MLS foi um movimento que, primordialmente, foi composto de mulheres negras.

Diante do contexto acima descrito, no início do século passado, a população negra passou a se organizar a fim de lutar pelos seus direitos. Primeiramente, os movimentos se configuravam a partir da mobilização de homens e mulheres que buscavam direitos igualitários nos âmbitos racial e social. Esses movimentos remontam a década de 1930, no entanto foi na década 1970, com o surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU), que as lutas ganharam forças. E entre as décadas de 80 e 90, os movimentos de mulheres negras começam a se formar e se consolidar no Brasil.

O movimento Negro desempenhou um papel de extrema relevância na luta antirracista em nosso país, sensibilizando inclusive os setores não negros e

buscando mobilizar as diferentes áreas da comunidade afro-brasileira para a discussão do racismo e suas práticas. (GONZALEZ, 1984, p.6).
[...] é no Movimento Negro que se encontra o espaço necessário para as discussões e o desenvolvimento de uma consciência política a respeito do racismo e suas práticas e de articulações com a exploração de classe. (GONZALEZ, 1984, p.7).

O MNU lutou incessantemente pela implantação da lei contra discriminação racial no Brasil vindo a ser promulgada em 05 de janeiro de 1989, sendo considerada uma grande conquista para a população negra do Brasil (SILVA, 2014).

Assim, com a avanço das reclamações/necessidades, mulheres que faziam parte do movimento negro reivindicaram pautas mais específicas de emergência, as quais o MNU não abrangia. Pois, para as mulheres negras, a luta racial não lhes atendia as necessidades, visto que era preciso considerar o aspecto de gênero, sendo ele uma das amarras para a liberdade feminina. Desse modo, o movimento negro se uniu aos movimentos feministas dos anos 70 e 80 em busca de democracia e igualdade de gênero.

Sendo assim, logo surgiram os Movimentos de Mulheres Negras entre a década de 80 e 90. Eventos em âmbito internacional ocorreram em 90, a exemplo da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo, em 1994 e da Conferência Mundial sobre a Mulher em Beijing, em 1995, promovidos pela ONU e possibilitaram a mobilização das mulheres negras de várias partes do mundo (SILVA, 2014).

No Brasil, um importante passo para o segmento foi a criação da Articulação de Mulheres Negras do Brasil (AMNB), no ano 2000, rede composta por ONGs de todo o país, o que fortaleceu movimentos por todo o território brasileiro e influenciou novas organizações. Criada durante a realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas (África do Sul, 2002), a AMNB tem por objetivo o monitoramento de recomendações, do Plano de Ação e a formulação de estratégias de desenvolvimento inclusivo para o Brasil, centradas na proteção e na promoção dos direitos; na geração de oportunidades no mundo do trabalho na cidade e no campo; na igualdade de tratamento na vida e no respeito à diversidade humana, sem racismo, sexismo, lesbofobia ou classismo seja para o Brasil ou para a América Latina (AMNB, 2019).

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Se quer saber o final, preste atenção no começo. (PORTAL GELEDÉS, 2012).

Uma análise mais aprofundada do movimento das lavadeiras, perante o complexo âmbito histórico-social em que se constituiu e visando descrever intrincadas relações entre seus atores, exige uma abordagem qualitativa. Richardson (1999, p. 80) propõe que,

os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]. Podem 'contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos'.

Destarte, esta pesquisa também se trata de um estudo exploratório e descritivo. Gil (1999) mensura que uma pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com o intuito de torná-lo explícito ou de construir hipóteses.

Envolve levantamento bibliográfico; questionário com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

No caso do movimento das lavadeiras, ainda não existem trabalhos em relação a ressignificação de sua memória coletiva, havendo, portanto, pouco conhecimento disponível sobre o tema. Desse modo, uma abordagem exploratória trará um aprofundamento sobre o assunto, gerando informações ainda desconhecidas. Num estudo descritivo, por sua vez, há um aprofundamento maior do que no exploratório. Gil (1999) afirma que a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis. Desta forma, realizamos um levantamento de dados dos acontecimentos que caracterizam o movimento das lavadeiras para subsequente análise.

Quanto ao procedimento, o estudo consistiu em uma pesquisa documental e um estudo de caso. Para tal, foi feita a identificação e a análise dos documentos das lavadeiras arquivados, encontrados no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), com

intuito de mapear a construção e consolidação do movimento. A pesquisa documental, segundo Silva e Grigolo (2002), vale-se de materiais que ainda não receberam nenhuma análise aprofundada, não tendo recebido tratamento analítico. Já o estudo de caso se caracteriza pelo aprofundamento de um único caso a partir da reunião de informações numerosas e detalhadas para apreender a totalidade de uma situação (BRUYNE, HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977).

O campo de pesquisa é próprio CEAS. A fim de evidenciar o papel social desse arquivo, o objeto do estudo foi a documentação do Movimento das Lavadeiras que se encontram sob a guarda do centro acima mencionado, sendo seu local a cidade de Salvador.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foi a pesquisa *in loco* e um roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE A), enviado por e-mail a 2 (dois) assessores do CEAS que estiveram diretamente relacionados ao Movimento de Lavadeiras de Salvador, a fim de complementar informações que foram impedidas de serem coletadas em ocasião da pandemia do COVID-19. A observação é a utilização dos sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade de forma direta, sem que haja qualquer tipo de intermediação (GIL, 1999). A entrevista consiste na obtenção de informações de um entrevistado ou entrevistada sobre determinado assunto ou problema. Segundo Selltiz, Wrightsman e Cook (1987, p. 15) “na entrevista e no questionário dá-se um grande peso aos relatos verbais dos sujeitos para obtenção de informações sobre os estímulos ou experiências a que estão expostos e para o conhecimento de seus comportamentos”.

Desse modo, especialmente no caso do Movimento das Lavadeiras de Salvador, por se tratar de um movimento repleto de fatores sociais em seu cerne e no qual houve um envolvimento muito próximo dos assessores, esses relatos de experiências são de extrema importância para conhecer esse movimento de perto e a atuação desses agentes.

A coleta de dados referente aos documentos do acervo da CAMPO, do MLS, ocorreu da seguinte forma: os documentos foram selecionados em relação ao interesse da pesquisadora durante estágio voluntário nos anos de 2018 e 2019, e em 30 de outubro 2020, durante visita agendada no CEAS, no período da pandemia em 2020, seguindo as normas de segurança sanitárias estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

4.1 CAMPO DE PESQUISA: O CEAS

O CEAS é uma organização sem fins lucrativos que atua com a perspectiva de superação de desigualdades socioeconômicas, buscando mitigar relações de opressão na sociedade e contribuir para a inclusão social e o fortalecimento da autonomia dos grupos minoritariamente representativos.

O CEAS foi fundado, na década de 1960, pela Companhia de Jesus e é mantida por ela com a ajuda de agências financiadoras nacionais e internacionais, no contexto da Ditadura Militar (ZACHARIADHES, 2010). Atualmente tem como estratégia duas frentes de atuação, discriminadas abaixo:

A primeira frente diz respeito às atividades de organização e intervenção de Movimentos Sociais com atuação direta junto às camadas sociais populares, executadas pelas equipes interdisciplinares (Rural, Urbana e Memória);

A outra visa a promoção de reflexão e articulação entre a teoria e prática através da Revista Cadernos do CEAS, com mais de 40 anos de publicação, e do espaço de debate de formação sociopolítica, interno e aberto ao público, promovido sobre temáticas da atualidade ou de assuntos de interesse. Este espaço é dirigido à equipe do CEAS, formadores (as) de opinião, lideranças e assessorias de movimentos populares. A esse respeito, Zachariadhes aponta:

[...] o CEAS foi um importante lugar de resistência à opressão política que se abatia sobre todos aqueles que manifestavam sua discordância com o governo. Foi também (e continua sendo) um posto avançado da reflexão sobre a realidade social brasileira, constituindo-se num verdadeiro laboratório de ideias no qual se desenvolveu um diálogo franco e fraterno entre indivíduos de diferentes credos políticos [...] (ZACHARIADHES, 2010, p 12).

Para o alcance dos objetivos o CEAS trabalha com três programas: O Programa Rural, o Programa Urbano e o Programa de Memória.

O Programa Rural assessora camponeses na luta pelo acesso e permanência à terra, e direitos territoriais; com enfoque nos grupos de mulheres e juventude; orientação quanto às produções agroecológicas, apoia a organização produtiva e de subsistência e comercialização solidária dessas produções, além de criação de uma rede de articulação em coordenação da sociedade civil organizada para desenvolver um plano de gerenciamento sustentável para a bacia do Rio Pardo. A Equipe Rural atua nas regiões do sudoeste e sul da Bahia em estreita parceria com entidades e movimentos sociais do campo.

O Programa Urbano atua na assessoria aos movimentos populares urbanos, com enfrentamento e resistência as intervenções do Estado, especulação imobiliária e turismo, focando no direito à moradia digna. Para a articulação e mobilização, fornece apoio a comunidades na esfera jurídica-política e articula formação de incidência sociopolítica. A Equipe Urbana atua no Centro Histórico de Salvador, Subúrbio Ferroviário e Camaçari. O MLS fez parte das atividades da Equipe Urbana.

O Programa de Memória do CEAS é especializado na área social e engloba a Biblioteca Cláudio Perani e a CAMPO. Ao longo das últimas 5 décadas o CEAS tem recebido doações bibliográficas, documentais e de periódicos de vários países, que permitiram a constituição de um rico acervo. O programa de Memória oferece suporte bibliográfico para os assessores no desenvolvimento de suas atividades de formação e acompanhamento das comunidades assistidas, além de ser aberto a estudantes, pesquisadores e público geral.

Essa Biblioteca é uma das poucas no Estado da Bahia, e do Norte e Nordeste especializada na área social. Com um acervo de mais de 20 mil livros, está situada nas imediações de várias instituições de ensino superior – UFBA, Universidade Católica do Salvador e Universidade Salvador. Sua localização favorece ainda a comunidade, já que em seu entorno existem vários bairros populares carentes de informação e leitura, de forma que centenas de jovens e crianças podem utilizá-la livremente, convivendo com pesquisadores e acadêmicos da comunidade universitária.

A CAMPO dispõe de periódicos de diversos países, além de documentação relativa à história dos grupos e das lutas populares na Bahia, possui um grande acervo produzido pelos movimentos sociais, colaboradores e assessores do CEAS ao longo de sua trajetória. A documentação da CAMPO representa seguramente uma valiosa contribuição à memória que o processo de formação dos trabalhadores baianos. Seu acervo é constituído por um volume expressivo de subsídios populares, cartilhas, jornais, folhetos, fotos, relatórios técnicos e analíticos, documentos de grupos políticos, sindicais, comunitários e eclesiais referentes às mais diversas lutas sociais urbanas e rurais da Bahia, do Nordeste e de outras regiões do Brasil.

5 MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR: ANÁLISES, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Usar roupa limpa é pra lá de bom / a lavadeira é quem comanda o tom / é esfregando, coarando e enxaguando, secando e passando e cheirosa entregando / A roupa suja não tem quem aguente / até o mau cheiro faz mal a gente / mas para a gente aguentar lavar / preciso ter comida pra se alimentar / Por isso patroa, pague na tabela / e não ameace tomar a roupa dela / se você é gente é preciso viver / lavadeira é gente igual a você (SANTOS, [1983-2000]).

Neste capítulo apresentaremos as análises, resultados e discussões acerca da pesquisa sobre o Movimento da Lavadeiras de Salvador.

Com relação ao primeiro objetivo específico de “realizar um levantamento referente aos documentos do Movimento da Lavadeiras de Salvador no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS)”, obtivemos as seguintes informações:

O acervo reúne cerca de 500 boletins informativos, jornais e periódicos elaborados pelo movimento popular (associações de moradores, sindicatos, partidos, etc.), cartilhas, manuais e folders dos mais variados temas sociais, fitas em cassete, vídeos, fotos e slides. E algo em torno de 60.000 documentos produzidos e/ou recolhidos pelos (as) diversos (as) assessores (as) nestes 50 anos de CEAS.

Durante o período de um ano duas estudantes voluntárias conseguiram tratar 1.536 metros lineares de documentação, restando, ainda, 3.072 metros lineares do Fundo Movimento da Lavadeiras de Salvador, destes, aproximadamente 1.000 metros lineares são iconográficos e carecem de uma descrição mais detalhada e um acondicionamento e preservação adequada.

Com relação aos documentos selecionados e utilizados, contamos com material que foi copiado e escaneado durante o período como voluntária na visita agendada. São eles: 120 folhas de xerox, um livro com 65 páginas e 123 páginas de documentos escaneados. Todos arquivados na casa de memória CAMPOS, documentos estes, que usaram o método de gestão Ideográfico Duplex: divisão da documentação em funções, subjunções, atividades assuntos e tipo documental série. Esse método nos dá uma visão quase 3D de tudo que foi realizado nesse movimento como: Material Áudio visual: fita cassete, fotografias, slides, vídeos e programa de rádio. Com essas informações ficamos sabendo informações sobre a administração dos documentos, onde procurar e o que procurar.

Esses documentos também nos forneceram informações fundamentais sobre o MLS. O que não estava nos documentos, conseguimos coletar por meio das entrevistas (fontes orais) ou fontes externas sobre a forma de levantamento bibliográficos de trabalhos acadêmicos e da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), e reportagens.

No que se refere a forma como esses documentos foram organizados, destacamos que a Relação dos Fundos Documentais, descrito como nº 08, código LAV, fundo Movimento das Lavadeiras, organização da pasta, em ALARMES (diversos).

Como foi possível analisar, os documentos do MLS são de guarda permanentes. Contudo, quando na época, eram de fase corrente, pelo método de gestão Ideográfico Duplex, que será especificada na seção “5.3 Análise dos Documentos do Movimento da Lavadeiras de Salvador”.

Nesse sentido, este capítulo foi estruturado para o atendimento dos objetivos específicos de pesquisa, a saber: identificar e discutir algumas questões e sociais acerca do perfil das lavadeiras, depois analisar os documentos selecionados sob os aspectos socioculturais, apontar registros de memória e identidade do movimento contidos nesses documentos e por fim, identificar por meio das entrevistas a percepção de assessores do CEAS sobre o papel desempenhado por eles em colaboração com o Movimento da Lavadeiras de Salvador. Sendo assim, inicialmente apresentaremos, brevemente, a história do Movimento da Lavadeiras de Salvador pelo Centro de Estudos e Ação Social (CEAS).

5.1 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

O MLS foi um movimento de iniciativa popular social composto por mulheres, em sua maioria, de origem afrodescendente, de baixa escolaridade, residentes de centros urbanos e do subúrbio ferroviário de Salvador, a margem da sociedade. Com o apoio do CEAS durante seu início e caminhada, o movimento se constituiu de maneira formal e institucional a partir de uma Pastoral, na década de 1960. O CEAS esteve junto às lavadeiras a partir de seus agentes, fazendo a assessoria do movimento. A assessoria realizada pelos agentes perdurou por toda existência do Movimento. E tinha como um de seus objetivos o respeito à autonomia de seus integrantes. Na sua gênese, contou com o auxílio do Padre Pecchiaie, que estava no

CEAS e trabalhava com a pastoral operária ele e outros colegas, em 1983 (CEAS, 1989).

Inicialmente não havia a intenção de admitir empregadas domésticas, uma vez que o padre e os agentes acreditavam que a mudança social seria de fato efetivada através dos setores operários (fora do âmbito doméstico). Sendo assim, o pensamento de trabalhar com domésticas estava fora de questão. O padre José Antônio Pecchia, juntamente com seus agentes da igreja católica, prestava assessoria às irmãs da paróquia acerca da pastoral operária e através da qual elas exigiram a exclusão do setor doméstico no qual as lavadeiras faziam parte.

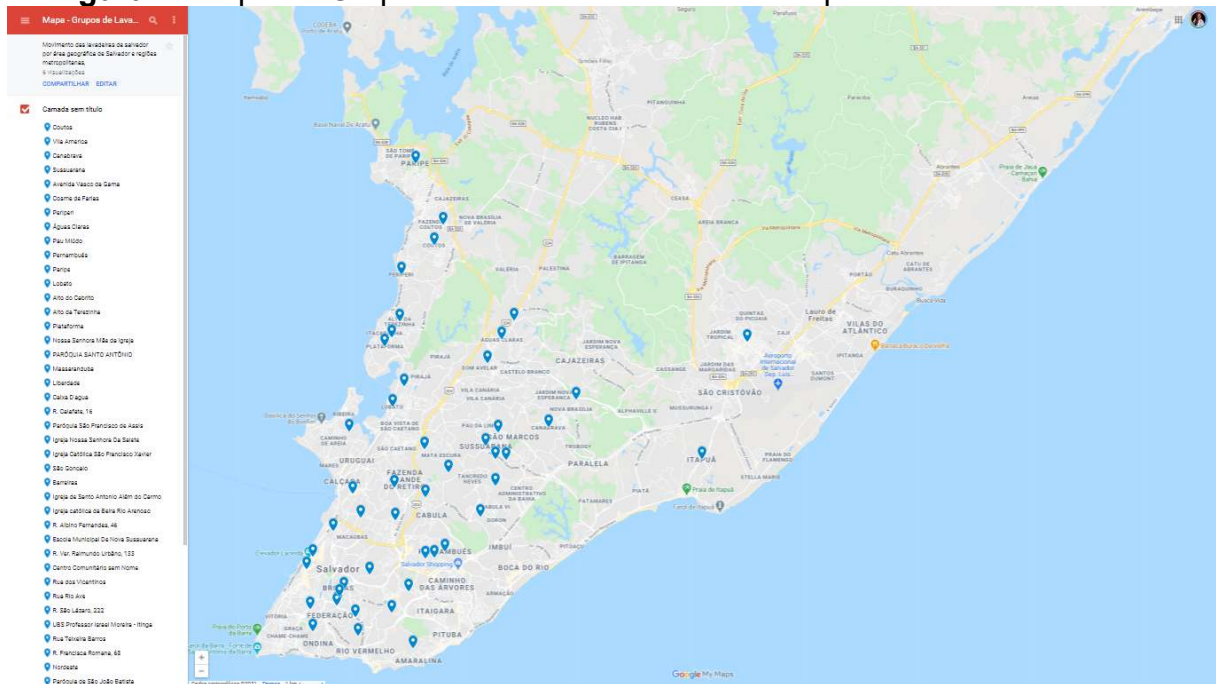
Reconhecendo o radicalismo dessa exigência inicial e não tendo êxito nesta, os agentes da paróquia começaram a solicitar a formação de um grupo para orientar as lavadeiras. Desse modo, reconhecendo sua falta de conhecimento sobre as questões que envolviam as lavadeiras de ganho, suas histórias e dificuldade, formou-se esse grupo a fim de auxiliar as lavadeiras e suas questões (CEAS, 1989).

Posteriormente, requereu-se de alguns agentes a formação de um grupo de lavadeiras que começou no bairro de Bariri, área suburbana de Salvador. Na primeira reunião do grupo, os problemas que as lavadeiras enfrentavam no dia a dia foram abordados e, assim, o padre e os agentes conseguiram entender um pouco do universo dessas mulheres.

Uma das principais dificuldades delas era o cálculo da trouxa de roupa para formulação de uma tabela de preço. Existia, ainda, o problema da aposentadoria que na época era gerido pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Em relação ao INPS, ninguém pagava a taxa, fazendo com que fosse impossível se aposentar (CEAS, 1989).

Diante das dificuldades, evidenciou-se a importância da realização de uma assembleia para resolver assuntos específicos que incomodavam as lavadeiras e atrapalhavam o progresso do movimento. À medida que o movimento foi crescendo e dando abertura para o surgimento de vários grupos, as assembleias se tornaram um ponto de encontro para as lavadeiras de toda a cidade, divididas entre gerais, área e bairro. Após 4 (quatro) anos de luta existiam aproximadamente sessenta grupos de lavadeiras em toda a cidade, vejamos a figura 1, a seguir, que ilustra os grupos de lavadeiras distribuídos pela cidade de Salvador.

Figura 1: Mapa de Grupos de Lavadeiras distribuídos pela cidade de Salvador.



Fonte: Dados da pesquisa (2021), construído a partir do recurso do Google Maps.

No ano de 1987, criou-se a Associação de Lavadeiras da região Metropolitana de Salvador (ALARMES), que inicialmente não contava com nenhum registro legal. Contudo, mesmo sem esse registro, as participantes criaram um jornal cuja finalidade era a de fazer com que as informações circulassem nos espaços ocupados por elas através da publicação casos de lutas, poesias, louvores religiosos, palavras de ordem, divulgação da tabela de preço etc. Mesmo com uma maioria analfabeta, o jornal tinha uma aceitação muito boa e alguns assuntos do jornal eram comentados nas assembleias (CEAS, 1989).

O movimento ainda promoveu, em novembro de 1987, uma passeata com 400 lavadeiras e a participação da imprensa. O trajeto percorreu uma parte da cidade e teve seu fim em frente à prefeitura de Salvador.

O movimento era muito bem aceito e tinha grande relevância social. Para melhor entender esse impacto, vejamos as palavras de J.A:

Eu acredito nesse trabalho a longo prazo, a longuíssimo prazo, porque eu vejo que os processos de transformação social não conseguem mudar tudo em poucas gerações, eles exigem um trabalho de formiga, um trabalho coletivo de grande massa, o que não é uma coisa fácil. Lavadeiras: Mulheres construindo um movimento (CEAS, Caderno Salvador, 1989, p. 62).

Para além, percebemos que um trabalho que começou desprezioso trouxe para essas lavadeiras uma nova visão de mundo e um processo de reconhecimento como grupo social, até então, inédito para elas. Em nossa visão, o empoderamento

começa por um processo pessoal de aceitação, que vai crescendo dentro de cada um. Esse processo acaba por alcançar o coletivo e em determinado momento cada ser empoderado vai passando sua experiência para os outros, promovendo a inclusão e o crescimento colaborativo. É possível constatar esse processo empoderador coletivo através da evidenciação do perfil das lavadeiras.

5.2 QUESTÕES SOCIAIS E PERFIL DAS LAVADEIRAS

Os eventos vivenciados pelas participantes do movimento oportunizaram uma mudança de perfil das lavadeiras. Os agentes perceberam que na época do início do movimento das lavadeiras, a cidade de Salvador tinha dois milhões de habitantes, a maioria não vivia há muito tempo na cidade, havia muitas favelas e invasões constantes. Nesse recorte histórico a maioria dos trabalhadores de Salvador eram biscateiros, pedreiros, lavadeiras, faxineiras, empregadas domésticas. As fábricas ficavam longe geralmente, em Simões Filho, Camaçari e Candeias. As lavadeiras estavam inclusas nesse cenário por pertencer a essa classe de trabalhadores, em sua maioria informais.

As lavadeiras, em maioria, eram mulheres que vinham do interior, viviam em barracos, favelas, invasões ou bairros populares e exerciam a atividade de lavadeira por falta de opção de emprego. Em sua maior parte, eram mães solteiras, sem aposentadoria ou assistência médica, analfabetas.

Apesar de todas as dificuldades, elas tinham consciência de que seu sustento girava em torno, quase que exclusivamente, dessa atividade. Lavar roupas: a atividade laborativa de lavar roupas das “brancas” (CEAS, 1989) era o principal sustento dessas mulheres que individualmente nutriam o mesmo sentimento de descaso a respeito da valorização de seu trabalho, além de não possuírem qualquer direito cidadão, como já mencionado.

Esse trabalho de lavar as roupas criava um desgaste no corpo e mal dava para colocar o alimento na mesa, com a alimentação precária surgem inúmeros relatos, como o exposto a seguir: “na mesa da patroa tem galinha, na mesa da lavadeira tem carcaça”. “Quem não tem marido, só pode comprar carcaça e feijão”. (CEAS, Caderno 1989, p. 44).

As lavadeiras eram vítimas de preconceito, passavam por humilhações constantes e eram extremamente discriminadas. Em muitas vezes, havia a devolução

de mercadorias quando iam ao supermercado, devido à falta de dinheiro. A atividade de lavar roupas se dava sem as menos condições de estrutura física e materiais adequados. E ficar doente não era uma opção, devido de que só recebiam aquelas que trabalhassem. Ainda havia questionamentos preconceituosos provindos da patroa ao perguntar sobre o ambiente no qual a lavadeira executava seu trabalho: “onde você bota a roupa quando está lavando?”

A qualidade do produto usado para lavar, como era de baixa qualidade podia adoecer as mãos, elas tinham que lidar com a falta de água, por pertencer a periferia. Enfrentavam ainda a inexistência de área coberta para enxugar a roupa e carga excessiva de trabalho, por isso, tinham que trabalhar nos finais de semana e feriado. Os relatos remontam que as lavadeiras cumpriam uma jornada de três turnos: lavar, cuida da casa e a noite cuidar da família.

Existia também o transporte das roupas. Geralmente, as lavadeiras moravam em cima de encostas, numa baixada, qualquer dessas situações provocavam acidentes, algumas caíam com as trouxas que eram muito pesadas, chegavam a quebrar o braço, perna e até a abortar os filhos que carregavam no ventre. O transporte era feito por meio de ônibus. Os motoristas costumavam não gostar por conta das trouxas, fazendo-as passar constrangimento e maus tratos. Uma grande parte dessas lavadeiras eram idosas com cerca de 50 anos e muitas outras tinham acima de 60 anos.

Cabe dar maior ênfase às condições de moradia delas. Mencionamos amplamente que residiam em bairro periféricos, todavia, algumas lavadeiras se encontravam abaixo do perfil socioeconômico das demais. Muitas moravam abaixo de uma lona. Era uma realidade muito degradante do ponto de vista da dignidade humana.

Ademais, para a trajetória das lavadeiras, os Agentes do CEAS - servidores que apoiavam/secretariavam o movimento – foram de primordial importância no auxílio das conquistas do movimento. Tinham como premissa não impor o que eles pensavam e sentiam ou a lógica de seus pensamentos e ritmo, mas sempre ouvir as vozes que formavam o movimento, o que ajudou muito no fortalecimento da autoestima dessas mulheres. Desse modo, as mulheres do grupo:

- a) Começaram a desenvolver criticidade em relação ao mundo em que estava inserida.

- b) Desenvolveram a capacidade de verbalizar a própria pobreza, a dependência, a forma ordinária em que viviam, a miséria e a consciência da exploração que sofriam.
- c) Toda essa experiência desabrochou devido às visitas, os grupos de bairro do movimento, as assembleias e a nova visão do mundo que elas aprenderam a contextualizar devido a assessoria do CEAS através dos agentes.
- d) Estabeleceram um coleguismo, um sentimento de grupo.
- e) Perderam a vergonha de assumir sua profissão de lavadeira, e ganharam a afirmação de sua identidade como lavadeiras e pessoa.

A visão de coletividade começou a ser desenvolvida e, com isso, os pensamentos de conquista colaborativa e não individual. Dessa forma entenderam que o “nós” fazia mais sentido que o eu. O movimento das lavadeiras com a criação da associação e a organização de suas atividades administrativas acumulou riquíssimo acervo, o que se constitui de grande valia para a contextualização da luta, história e reconhecimento desse relevante movimento feminino.

Vale ressaltar que o movimento deixou um rico legado, visto que foi um movimento formado por mulheres negras sem instrução com uma renda miserável e baixa estima, que se reuniam com a ajuda da igreja através de agentes pastorais para reivindicar seus direitos, que até então estavam sendo negados.

Desse modo, as análises aqui empreendidas oportunizarão uma visão mais geral desse movimento, os dados colhidos através de trabalhos acadêmicos, da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), e das reportagens.

O movimento, como amplamente exposto por esse trabalho, obteve grande visibilidade e chegou a envolver cidade do interior do Estado. Neste trabalho, entretanto, optamos por voltar o olhar para a cidade de Salvador.

Outro fator importante a ser observado é o de que percentual de mulheres que fizeram parte desse movimento e que já faleceram, cerca de 60% a 70%, de acordo com dados do ano de 2020. A maioria das filhas dessas mulheres preferiram ser empregadas domésticas porque essa categoria já conquistara alguns direitos. (Informações extraída de conversar com ex-assessor, (04/11/2020).

Sendo assim, de acordo com dados recentes, as lavanderias comunitárias em Salvador, segundo Zorzo, Bazzo, de Alcântara (2015, p. 320-321) as lavanderias são

[...] administradas pela Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social – SJDHDS, integrante do governo do Estado da Bahia. A secretaria é o órgão responsável pela manutenção das oito lavanderias existentes através da Coordenação de Administração das Lavanderias e dos Centros Sociais Urbanos (CSU).

A SJDHDS fornece estrutura física e materiais básicos para as atividades da lavanderia, como água, energia elétrica, sabão equipamentos domésticos.

Em 2013 foram feitos levantamentos referentes às lavanderias comunitárias, que tinha como objetivo aferir quantas lavanderias estavam ativas, determinar sua localização e número de lavadeiras em cada unidade. A fonte é Sedes – Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, que foi extinta deste de 2014 e em seu lugar temos SJDHDS.

Tabela 1 – Lavanderia Comunitária de Salvador (2013)

NOME DA LAVANDERIA	LOCALIZAÇÃO	Nº DE TRABALHADORAS ATUANTES
Lavanderia Aristides Novis	Dique do Tororó – AV. Vasco da gama	09 Lavadeiras
Lavanderia Cardeal da Silva	Rua Ana Lima Teixeira – Cosme de farias	11 Lavadeiras
Lavanderia Julieta Calmon	Rua Orlando Moscoso, s/nº - Boca do Rio	06 Lavadeiras
Lavanderia Nossa Senhora de Fátima	Rua Teixeira de Mendes – Alto das Pombas	10 Lavadeiras
Lavanderia Santa Luzia	Rua Almirante Alves Câmara, 112 – Engenho Velho de Brotas	26 Lavadeiras
Lavanderia São Gonçalo	Avenida Cardeal da Silva – Engenho Velho da Federação	04 Lavadeiras
Lavanderia Santa Teresinha	Avenida Estrela, s/nº - Alto da Teresinha (subúrbio ferroviário)	08 Lavadeiras
Lavanderia Ribeiro dos Santos	Rua Voluntário da Pátria, 655 – Lobato (subúrbio ferroviário)	04 lavadeiras
TOTAL	78 lavadeiras	

Fonte: Sedes – Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (2013)

*Dados atualizados pela autora.

Mesmo com a administração da SJDHDS, integrante do governo do Estado, as baixas nas lavanderias comunitárias são vertiginosas como veremos no Relatório de Atividades SJDHDS 2018 (Salvador/BA – 2019).

Tabela 2 – Lavanderia Comunitária de Salvador (2018-2019)

NOME DA LAVANDERIA	LOCALIZAÇÃO	TOTAL DE TRABALHADORAS ATUANTES
Lavanderia Aristides Novis	Dique do Tororó – AV. Vasco da gama	
Lavanderia Cardeal da Silva	Rua Ana Lima Teixeira – Cosme de farias	
Lavanderia Julieta Calmon	Rua Orlando Moscoso, s/nº - Boca do Rio	
Lavanderia Nossa Senhora de Fátima	Rua Teixeira de Mendes – Alto das Pombas	
Lavanderia Santa Luzia	Rua Almirante Alves Câmara, 112 – Engenho Velho de Brotas	
Lavanderia São Gonçalo	Avenida Cardeal da Silva – Engenho Velho da Federação	
TOTAL		65 Lavadeiras

Fonte: Relatório de Atividades SJDHDS 2018 (2019).

No Relatório de Atividades SJDHDS 2018 (2019) não foram informados os números de Lavadeiras por bairro, apenas o total. Na tabela 3 a seguir, apresentamos um comparativo sobre as baixas relacionadas as lavanderias comunitárias.

Tabela 3 – Comparativo entre 2013 e 2018-2019

NOME DA LAVANDERIA	LOCALIZAÇÃO	TOTAL DE TRABALHADORAS ATUANTES
Lavanderia Santa Teresinha	Avenida Estrela, s/nº - Alto da Teresinha (subúrbio ferroviário)	08 lavadeiras
Lavanderia Ribeiro dos Santos	Rua Voluntário da Pátria, 655 – Lobato (subúrbio ferroviário)	04 lavadeiras
TOTAL		12 lavadeiras

Fonte: Elaborado pela Autora (2020).

Fazendo uma análise desses dados podemos constatar:

A baixa de 2 lavanderias comunitária localizada no subúrbio ferroviário. O número de lavadeiras ativas passou de 78 para 65 devidos dados da SJDHDS 2018/2019.

Outro fator importante é que essas lavanderias se encontram inseridas em uma região de população de baixa renda e escolaridade.

As lavanderias que permanecem com algumas integrantes do MLS e as lavadeiras da 2ª geração são: Lavanderia Nossa Senhora de Fátima, Alto das Pombas e Lavanderia São Gonçalo, Engenho Velho da Federação, (dados extraídos de entrevistas com assessora do MLS, na época).

Um fator bem interessante, a lavanderia que apresenta maior expressividade é a Santa Luzia no bairro Engenho Velho de Brotas com 26 lavadeiras ativas. Esse número significativo se deve segundo Zorzo, Bazzo, de Alcântara (2015), as conexões

delas com a comunidade. Esse espaço da lavanderia era a antiga sede da associação de lavadeiras da Cidade de Salvador, que trouxe um legado de respeito perante a população do bairro.

Além desses fatores, segundo reportagem da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial - Governo da Bahia Postado em: 29/03/2019, essas lavadeiras receberam da SJDHDS, ferro e tábua de passar e uma máquina de lavar por cada lavanderia. Os clientes devem ir diretamente às lavanderias, onde podem indicar uma das profissionais, ou deixar por conta da coordenação. Os preços variam entre R\$ 50 para uma trouxa de até 10 peças e R\$ 74 para até 60 peças. É possível fazer um plano mensal que varia entre R\$ 200 e R\$ 296. A lavanderia Aristides Novis é uma das mais produtivas, localizada no Dique do Tororó, e possui clientes que enviam trouxas de cerca de 800 peças.

A lavanderia com menor número de trabalhadoras é a da Lavanderia São Gonçalo, no Bairro do Engenho Velho da Federação. A clientela diminuiu, e junto a esse fator menos roupas lavadas e mais ansiedade por parte das lavadeiras. Existe um acordo entre as lavadeiras e os clientes que consistiam em um valor em dinheiro que desse a esse cliente condição de continuar lavando suas roupas sem onerar seu orçamento, mas que também não desse prejuízo a lavadeira, mais nem sempre entravam em consenso e com isso os clientes acabam não frequentando a lavanderia. Os preços em geral são bem modestos o que reflete a situação econômica do bairro em que a lavanderia está inserida.

Meyer (2016, p. 13), identifica outros parâmetros: “As lavadeiras de roupa perderam a sua funcionalidade, tendo em vista a proliferação das máquinas de lavar e o acesso às mesmas”.

Dessa forma, a máquina de lavar, configurou-se como um recurso positivo para muitas mulheres que lavavam roupa em casa e acumulavam funções de trabalhadoras e donas de casa. Com isso, a criação e o fortalecimento do movimento ocorreram, paralelamente, com o processo de extinção da profissão.

Podemos ver que algumas dessas lavanderias ainda se mantêm ativas e contam com o apoio da comunidade e áreas circunvizinhas, entretanto essa situação não se reflete em outras unidades, principalmente em se tratando de lavanderias que foram fechadas no subúrbio ferroviário.

Destacamos, ainda, que o conjunto desses fatores que refletem aspectos político econômicos e sociais, criaram uma condição favorável para diminuição vertiginosa desse ofício.

Embora ainda existam 6 lavanderias resistindo bravamente, isso mostra a garra dessa tradição e dessas mulheres e não se pode deixar de ressaltar que esse ofício sempre teve ligação à escravidão e relação de subserviência.

Muitos africanos livres e nascidos na capital empregaram-se nas residências das elites e camadas médias urbanas. “As ex-escravas e os descendentes livres sobreviveram dos poucos ganhos auferidos de serviços socialmente desqualificados” (MEYER, 2016, p. 15).

Esse estigma deixou marcas, do qual leva-se muitas gerações para quebrar um paradigma de servidão, por isso o MLS é de importância fundamental para a nação, e representa que não estamos mais dispostos a viver à margem de uma sociedade erguida sobre o trabalho e o sangue do nosso povo escravizado.

A partir de agora analisaremos os documentos levantados para essa pesquisa.

5.3 ANÁLISE DOS DOCUMENTOS DO MOVIMENTO DA LAVADEIRAS DE SALVADOR

Nessa subseção capítulo veremos as variadas formas empregados pelo CEAS na gestão de seus documentos, tanto na fase corrente e posteriormente na permanente, deste já salientamos que faremos análise de alguns documentos e que não existe uma ordem de apresentação.

“Considera-se gestão de documentos o conjunto de procedimentos e operações referentes à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente” (BRASIL, 1991).

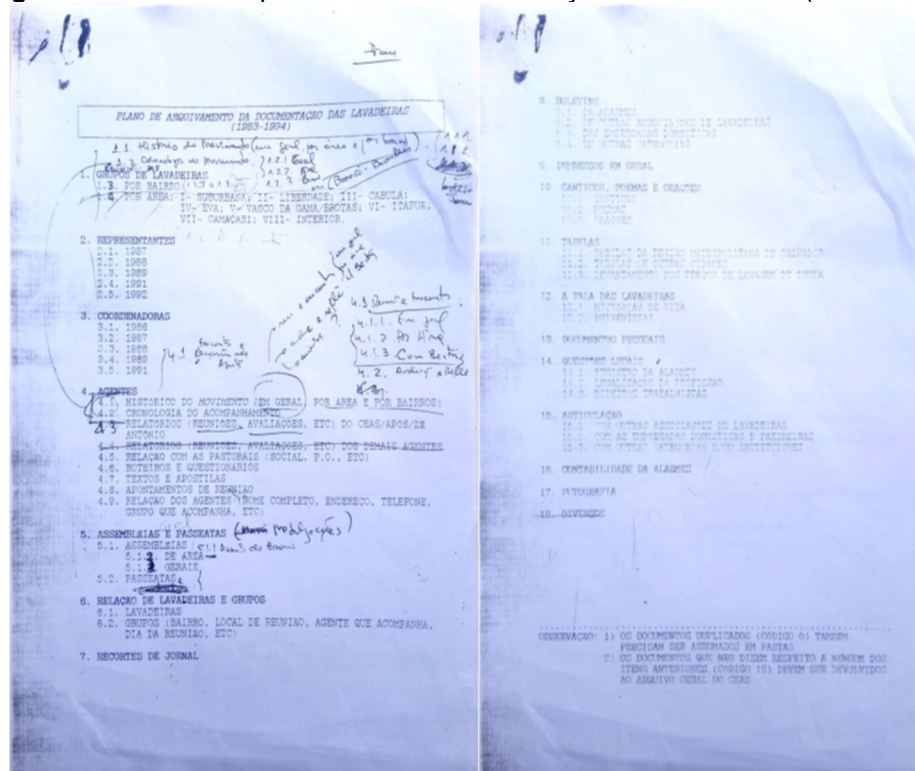
São vários os documentos que analisaremos sobre esse movimento, em seus mais variados suportes, na qual extrairemos informações para melhor entender e ampliar o universo de sua criação e propósito, destacaremos as documentações, encontramos em dois planos de arquivamento o do plano de arquivamento da documentação das lavadeiras de (1983-1994), acreditamos ter sido o primeiro plano e posteriormente o do CDP, que vem mais completo abrangendo todas as documentações e pautas do movimento e que vai até o ano de 2000. Destacamos que

os dois usam plano de classificação, Ideográfico Duplex, que é composto de divisão da documentação em funções, subfunções, atividades assuntos e tipo documental série.

Veremos que os dois planos de arquivamentos são semelhantes e importantes para podermos entender a organicidade na ordenação dos documentos. Primeiro teremos: O Plano de arquivamento da documentação das lavadeiras de (1983-1994) se dava da seguinte forma: Por grupos de lavadeiras; representantes; agentes; assembleias e passeatas; relação de lavadeiras e grupos; recortes de jornais; boletins; impressos em geral; cânticos, poemas e orações; tabelas; A fala das lavadeiras; documentos pessoais; questões legais; articulações; contabilidade da ARLARMES; fotografias; diversos.

A Figura 2, a seguir, Plano de arquivamento da documentação das Lavadeiras (1983-1994), usa como método de gestão Ideográfico Duplex: divisão da documentação em funções, subfunções, atividades assuntos e tipo documental série. Esse documento o plano de arquivamento da documentação das lavadeiras de (1983-1994), acreditamos ter sido o primeiro plano de arquivamento e posteriormente o do CDP, que seria o mais completo.

Figura 2 - Plano de arquivamento da documentação das Lavadeiras (1983-1994)



Fonte: Plano de Arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Também temos o plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES [1983–2000]).

Documentos abaixo relacionados mostra a forma de arquivamento dos documentos das lavadeiras. Outro ponto importantíssimo era o nível de organização dessa documentação que data de 1983 a 2000, eles organizavam da seguinte forma: 1. O histórico do movimento; 2. Por área e cronologia; 3. Por bairro; 4. Estrutura organizativa; 5. Estrutura financeira; 6. Mobilizações e manifestações públicas; 7. Festejos; 8. Articulações; 9. Discursos; 10. Correspondências; 11. Impressões; 12. Materiais audiovisual; 13. Diversos.

Deixando claro as subseções com informações riquíssimas acerca das tipologias como a seção 2. Com as atas, estatutos, regimentos e registros, documentações trabalhistas etc.

A Figura 3, Arquivamento da documentação do Movimento das Lavadeiras – ALARMES (1983-2000), método de gestão de Ideográfico Duplex: divisão da documentação em funções, subfunções, atividades assuntos e tipo documental série.

Figura 3 - Arquivamento da documentação do Movimento das Lavadeiras – ALARMES (1983-2000)

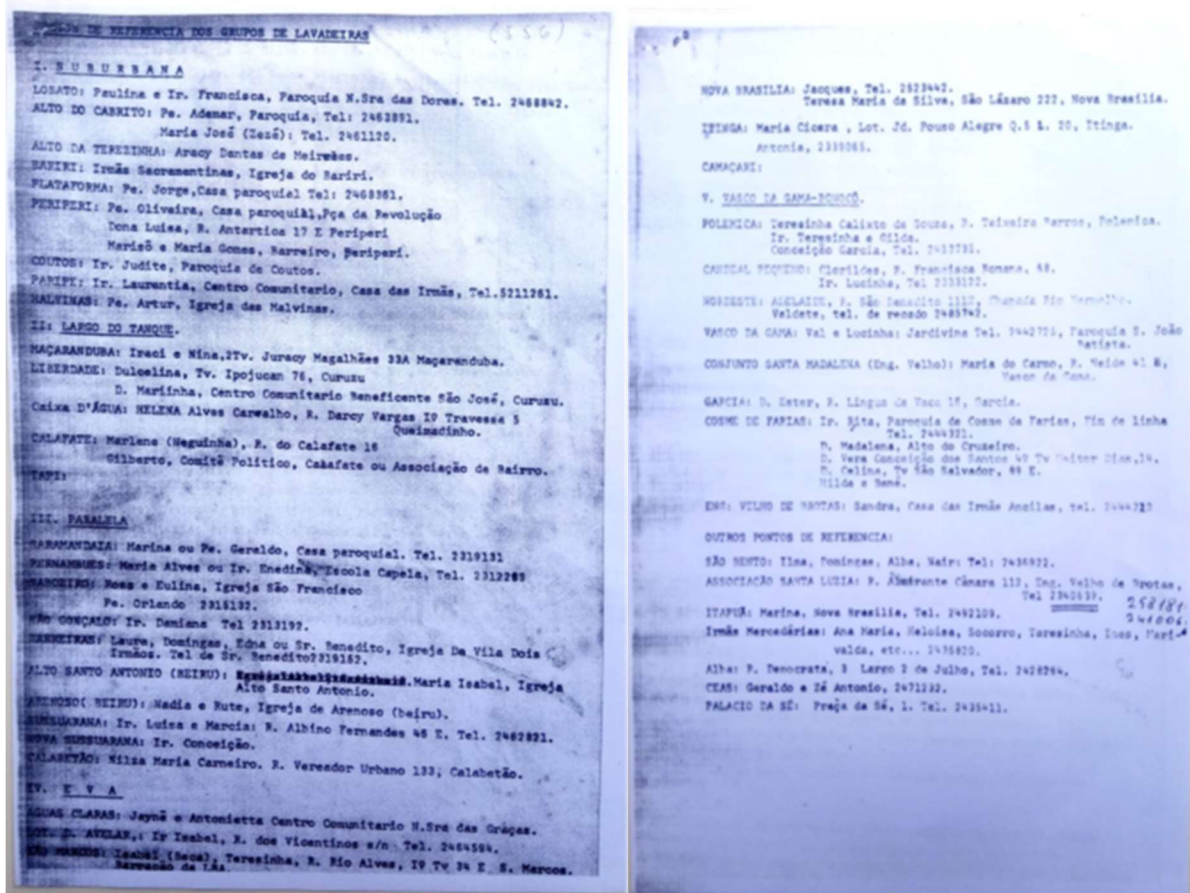
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO POPULAR (C.D.P.) ARQUIVAMENTO DA DOCUMENTAÇÃO DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS – ALARMES (1983-2000)		
1. HISTÓRICO DO MOVIMENTO	4.1. FESTEJOS	4.1.1. SÃO JOÃO
1.1. EM GERAL	4.2. NATAL	4.2.1. COMEMORAÇÕES
1.1.1. CRONOLOGIA	4.4. COMEMORAÇÕES	4.4.1. DOS 10 ANOS DA ALARMES (1993)
1.1.2. ASSEMBLÉIA GERAL	4.4.2. DOS 15 ANOS DA ALARMES (1998)	4.5. OUTROS EVENTOS
1.1.3. OUTROS ENCONTROS (AVALIAÇÕES, PROGRAMAÇÕES ETC)	4.5.1. DA ALARMES	4.5.2. DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)
1.1.4. RELAÇÃO DAS LAVADEIRAS (NOME, ENDEREÇO, IDADE, ESCOLARIDADE, TEMPO DE SERVIÇO, QUANTIDADE DE ROUPA, FREQUÊNCIA AS REUNIÕES, AGENTE(S) QUE ACOMPANHA(M) ETC)	5. ARTICULAÇÕES	5.1. COM OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)
1.2. POR ÁREA	5.1. COM AS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS	5.1.1. COM OUTRAS ASSOCIAÇÕES/INDICADOS E/OU MOVIMENTOS/INSTITUIÇÕES
1.2.1. CRONOLOGIA	5.1.1. COM O MOVIMENTO DE MULHERES	5.1.2. COM O MOVIMENTO NEGRO
1.2.2. ÁREA I: SUBURBANA (HISTÓRICO, REUNIÕES, ASSEMBLÉIAS ETC)	5.1.2. COM O MOVIMENTO SINDICAL EM GERAL	5.1.3. COM OS PARTIDOS POLÍTICOS
1.2.3. ÁREA II: LIBERDADE	5.1.3. COM A IGREJA CATÓLICA/AS TORAS SOCIAIS	5.1.4. COM AGENTES, ASSESSORES E DEMAIS COLABORADORES
1.2.4. ÁREA III: CABULA	5.1.4. RELATÓRIOS (DE AVALIAÇÃO, PLANEJAMENTO ETC)	5.1.5. REUNIÕES, ENCONTROS ETC
1.2.5. ÁREA IV: ESTRADA VELHA DO AEROPORTO	5.1.5. ROTEIROS, QUESTIONÁRIOS, PESQUISAS ETC	5.1.6. TEXTOS E APOSTILAS
1.2.6. ÁREA V: VASCO DA GAMA/BROTAS	5.1.6. CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS AGENTES	5.1.7. RELAÇÃO DOS AGENTES (NOME, ENDEREÇO, INSTITUIÇÃO, GRUPO(S) QUE ACOMPANHA ETC)
1.2.7. ÁREA VI: ITAPIÁ	5.1.7. RELAÇÃO DOS AGENTES (NOME, ENDEREÇO, INSTITUIÇÃO, FREQUÊNCIA AOS ENCONTROS ETC)	5.1.8. RELAÇÃO DOS VISITANTES (NOME, ENDEREÇO, INSTITUIÇÃO, FREQUÊNCIA AOS ENCONTROS ETC)
1.2.8. ÁREA VII: CAMAÇARI	6. DISCURSO	6.1. DAS LAVADEIRAS
1.2.9. ÁREA VIII: INTERIOR	6.1.1. HISTÓRIAS DE VIDA	6.1.2. ENTREVISTAS
1.2.10. ÁREA IX: OUTROS ESTADOS	6.1.3. CRÔNICAS	6.1.4. CÂNTICOS
1.2.11. OUTROS ENCONTROS (AVALIAÇÕES, PROGRAMAÇÕES ETC)	6.1.5. POEMAS	6.1.6. ORAÇÕES
1.2.12. RELAÇÃO DAS LAVADEIRAS (NOME, ENDEREÇO, IDADE, ESCOLARIDADE, TEMPO DE SERVIÇO, QUANTIDADE DE ROUPA, FREQUÊNCIA AS REUNIÕES, AGENTE(S) QUE ACOMPANHA(M) ETC)	6.1.7. PALAVRAS DE ORDEM (DE PASSEATAS E OUTROS EVENTOS)	6.2. SOBRE AS LAVADEIRAS
1.3. POR BAIRRO	6.2.1. DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)	6.2.2. DE PATRÓTIOS
1.3.1. CRONOLOGIA	7. CORRESPONDÊNCIA	7.1. EXPEDIENTE
1.3.2. REUNIÕES DOS GRUPOS	7.2. RECEBIDA	8. IMPRESSOS
1.3.3. ASSEMBLÉIAS DE BAIRRO	8.1. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO E PROPAGANDA (FOLHETOS, PANFLETOS, MOSQUITINHOS ETC)	8.1.1. DA ALARMES
1.3.4. OUTROS ENCONTROS (AVALIAÇÕES, PROGRAMAÇÕES ETC)	8.1.2. DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)	8.2. BOLETINS
1.3.5. RELAÇÃO DAS LAVADEIRAS (NOME, ENDEREÇO, IDADE, ESCOLARIDADE, TEMPO DE SERVIÇO, QUANTIDADE DE ROUPA, FREQUÊNCIA AS REUNIÕES, AGENTE(S) QUE ACOMPANHA(M) ETC)	8.2.1. DA ALARMES	8.2.2. DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)
1.3.6. RELAÇÃO DOS GRUPOS (BAIRRO, DIA E LOCAL DA REUNIÃO, FREQUÊNCIA MÉDIA DE LAVADEIRAS, AGENTE(S) QUE ACOMPANHA(M) ETC)	8.2.2. RECORDES DE JORNAL	8.4. OUTRAS PUBLICAÇÕES SOBRE LAVADEIRAS
2. ESTRUTURA ORGANIZATIVA	9. MATERIAL ÁUDIO-VISUAL	9.1. FITAS CASSETTE
2.1. ATAS, ESTATUTOS E REGIMENTOS	9.2. FOTOGRAFIAS	9.3. SLIDES
2.1.1. DA ALARMES	9.3. VÍDEOS	9.4. PROGRAMA DE RÁDIO
2.1.2. DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)	10. DIVERSOS	10.1. FICHAS DE INSCRIÇÃO
2.2. ASSEMBLÉIA DAS REPRESENTANTES	10.2. CRACHÁS	0. DOCUMENTOS DUPLICADOS
2.3. COORDENAÇÃO EXECUTIVA		
2.4. QUESTÕES JURÍDICAS		
2.4.1. REGISTRO DA ALARMES		
2.4.2. RECONHECIMENTO DA PROFISSÃO		
2.4.3. DOCUMENTAÇÃO TRABALHISTA		
2.4.3.1. DAS LAVADEIRAS		
2.4.3.2. DAS PATROAS		
2.4.4. LEGISLAÇÃO TRABALHISTA REFERENTE A TRABALHO DOMÉSTICO		
3. ESTRUTURA FINANCEIRA		
3.1. CONTABILIDADE INTERNA		
3.2. RIFAS, BINGOS E SIMILARES		
3.3. TABELAS		
3.3.1. DA ALARMES		
3.3.2. DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)		
3.3.3. LEVANTAMENTO DOS PREÇOS DA LAVAGEM DE ROUPA		
4. MOBILIZAÇÕES/MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS		
4.1. PASSEATAS		
4.1.1. DA ALARMES		
4.1.2. DE OUTRAS ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS (DO INTERIOR DA BAHIA E DE OUTROS ESTADOS)		
4.2. ABAIXOS-ASSINADOS		

Fonte: Plano de Arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Os documentos abaixo selecionados fazem parte método de gestão de Ideográfico Duplex empregado na época, pertencem a seção 1 Histórico do Movimento na subfunções 1.1.4 Relação das Lavadeiras (nome, endereço, frequências as reuniões etc.)

Esses documentos seguem a gestão de documentos, usando toda a lógica empregado no sistema de arquivamento anteriormente descrito. Dessa forma, a documentação mostra a forma como organizaram os grupos de lavadeiras, por bairro, com suas respectivas representantes. Aproximadamente 49 bairros dentre eles exemplos: Suburbana; Lobato, Periperi, Largo do Tanque; Liberdade; Caixa D'água, Paralela; Pernambués, São Gonçalo; EVA; Águas Clara, São Marcos; Vasco da Gama-Bonocô, Eng. Velho de Brotas, Garcia; entre outros. Podemos ver que o movimento das lavadeiras de Salvador permeou uma vasta área geográfica de Salvador e Regiões Metropolitanas, como apresenta a Figura 4, a seguir:

Figura 4 - Ponto de Referência dos Grupos de Lavadeiras



Fonte: Plano de Arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Esses documentos fazem parte método de gestão de Ideográfico Duplex empregado na época, pertencem a seção 1 Histórico do Movimento na subfunções 1.1.2 Assembleia Geral

A seguir, apresentamos a Figura 5 e a Tabela 4 com a participação das lavadeiras nas respectivas assembleias. Conforme a imagem, exemplificamos por meio da tabela a participação das lavadeiras em assembleias os anos avaliados, os bairros, o nível de participação de cada bairro, quais bairros tinham maior participação de lavadeiras e os percentuais de participação, esses gráficos nos mostra o controle e organização que esse movimento tinha.

Figura 5 - Participação das Lavadeiras em Assembleias de 1985 a 1987

PLANO DE ARQUIVAMENTO

PARTICIPACAO DAS LAVADEIRAS NAS ASSEMBLEIAS

TABELA I

Ordem	Data	Local	Nº de Lavadeiras
Iª	25/11/85	Penha	230
IIª	10/11/85	Penha	170
IIIª	21/3/86	Penha	150
IVª	25/5/86	Penha	270
Vª	28/8/86	Mercão	395
Vª	31/8/86	Lobato	130
VIª	24/3/87	Mercão	530

525

O aumento havido na Vª Assembleia, decorrente da participação de grupos da Suburbana-Vª outros grupos (Mercão), ficou estagnado na VIª Assembleia; nesta última assembleia aumentou apenas o número de visitantes (27 pessoas).

TABELA II

PARTICIPACAO DAS LAVADEIRAS NA VIª ASSEMBLEIA.

Bairros	Nº assessoria	%
Suburbana	86	15,8%
Alapados	26	4,7%
Libertadefreelano	25	4,4%
Paralelo - Mata Verde	170	31,2%
Estrada Vella Argent	102	18,7%
Boqui-V. Garcia	55	10,4%
Outros	41	7,5%

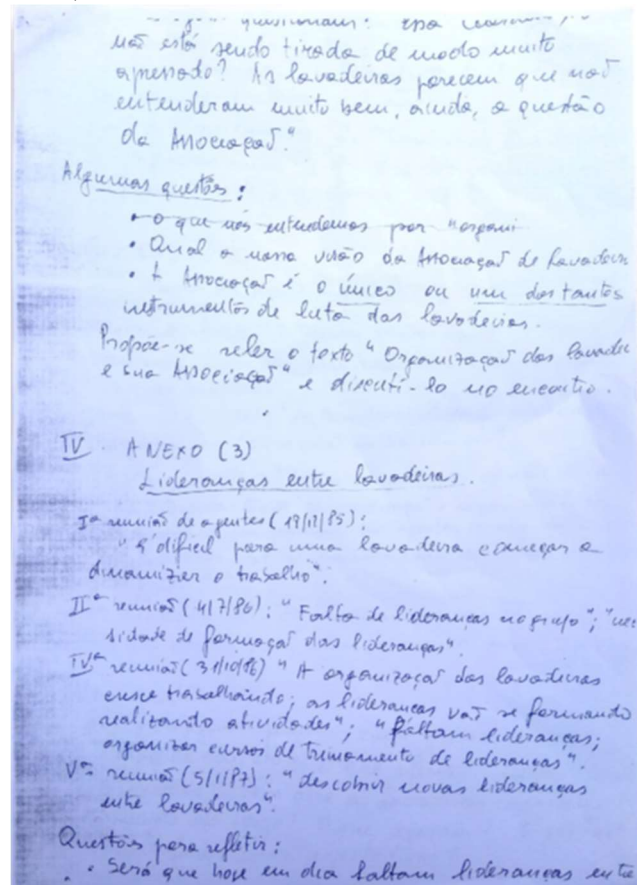
Fonte: Plano de Arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Tabela 4 - Participação das Lavadeiras em Assembleias de 1985 a 1987

Número de assembleias	Data	Local	Nº de lavadeiras
Iª	25/08/85	Paripe	230
IIª	10/11/85	Paripe	170
IIIª	02/03/86	Paripe	150
IVª	25/05/86	Paripe	270
Vª	28/08/86	Mercês	395
	31/08/86	Lobato	130
VIª	22/03/87	Mercês	530

Fonte: Elaborado pela Autora (2020)

Foram vários assuntos discutidos nessas assembleias, falaremos deles em sua respectiva ordem, questões essa levantadas pelas próprias lavadeiras. Conforme Figura 6, abaixo:

Figura 6 - Questões abordadas em assembleias de 1985 a 1987

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983-2000).

E, no Quadro 1 abaixo, discriminamos as questões discutidas.

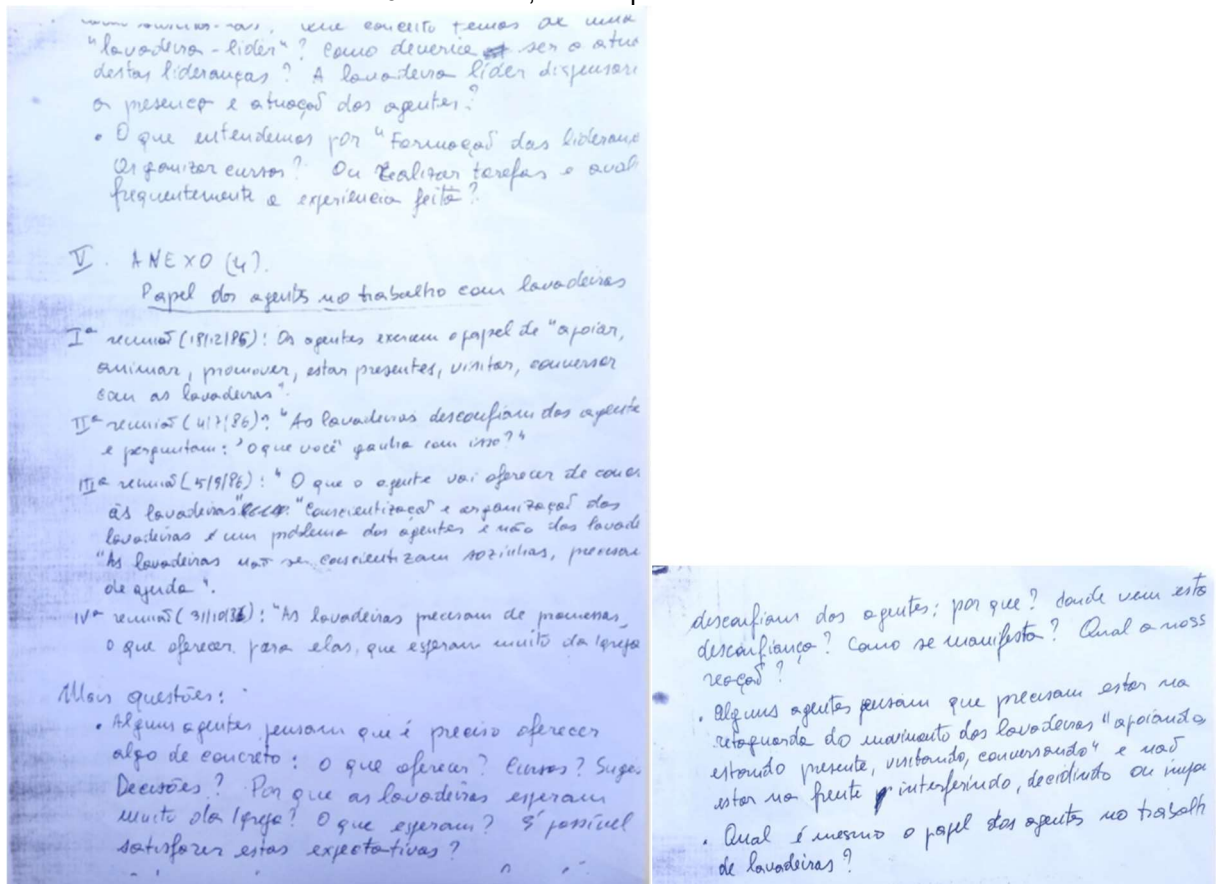
Quadro 1 – Questões abordadas em assembleias de 1985 a 1987

ASSEMBLEIA	QUESTÕES
Iª assembleias	“Unir-se para mostrar que estamos organizadas”, “Organizar melhor: fazer reuniões nos bairros, visitar outras lavadeiras, realizar miniassembleias”, criar um sindicato das lavadeiras e fazer greve.
IIª assembleias	“Torna conhecido o movimento das lavadeiras na imprensa e na TV”, criar a associação das lavadeiras.
IIIª assembleias	“Organizar as lavadeiras é um desejo; elas estão espalhadas nos bairros perfeito”, “Organizar uma assembleia de grupos de lavadeiras de toda a Bahia”.
IVª assembleias	“Criar o sindicato das lavadeiras”
Vª assembleias	“Organizar mais as lavadeiras nos bairros, criar laços entre elas”, O sindicato será assunto da próxima assembleia”.

Fonte: Elaborado pela Autora (2020).

Com relação aos documentos sobre o papel dos agentes no trabalho com lavadeiras, as questões abordadas sobre os agentes foram: o que os agentes podem colaborar para o movimento, qual nível de envolvimento pode ser oferecido pelos agentes sem interferir no movimento e etc., vejamos a figura 7, a seguir:

Figura 7 - Papel dos agentes pastorais em relação as lavadeiras, e as assembleias de Iª a IVª. Junto a isso, varios questionamentos



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Segundo documento visto anteriormente, temos as seguintes informações: uma preocupação muito grande em relação ao papel dos agentes pastorais com as lavadeiras, que eram frequentemente discutidas em reuniões:

- a) Iª reunião (18/12/1985): Os agentes exercem o papel de apoiar, animar, estar presente, visitar e conversar com as lavadeiras.
- b) IIª reunião (04/07/1986): Lavadeiras desconfiadas dos agentes e perguntam: o que você ganha com isso?
- c) IIIª reunião (05/09/1986): O que o agente vai oferecer de concreto as lavadeiras. “conscientização e organização das lavadeiras é um problema dos agentes e não das lavadeiras. “As lavadeiras não se conscientizam sozinhas, precisam de ajuda”.
- d) IVª (31/10/85): “As lavadeiras precisam de promessas, o que oferecer para elas, que esperam muito da igreja.

Algumas das questões descritas no documento: Alguns agentes pensam que é preciso oferecer algo de concreto: o que oferecer? Cursos? Sugestões, decisões? Por que as lavadeiras esperam muito da igreja? É possível satisfazer estas expectativas? Desconfiam dos agentes: por quê? De onde vem essa desconfiança? Como se manifesta? Qual nossa reação? Alguns agentes pensam que precisam estar na retaguarda do movimento das lavadeiras “apoiando estando presente, visitando, conversando” e não estar na frente interferindo, decidindo? Qual é mesmo o papel dos agentes no trabalho das lavadeiras?

Podemos ver, em relação ao documento, que existiam dualidades em relação a atuação dos agentes no movimento, questões sobre o nível de influência deles no movimento, questões em relação as expectativas das lavadeiras sobre o que a Igreja poderia oferecer, e qual o nível de desconfiança dessas mulheres. Sabemos que eram em sua maioria analfabetas, pobres, pretas. Então como não exercer influência em pessoas tão dependente de carinho, atenção e compreensão? Com isso, identificamos informações como: quem estava de fato apoiando o movimento, a preocupação dos agentes, as cobranças das lavadeiras e a evolução do movimento.

A próxima documentação são trechos retirados dos documentos intitulado “Reflexões de alguns agentes”, que pode ser enquadrado de acordo com método de

gestão de Ideográfico Duplex empregado na época, na seção 5 Articulações na subfunções 5.5; com agentes, assessores e demais colaboradores.

Os trechos que apresentaremos a seguir foram extraídos do respectivo documento, que por si só, são autoexplicativos, eles representam alguns impasses, questionamentos dos agentes em relação ao movimento, documentos oriundos de relatos de reuniões feitos apenas com os agentes do CEAS, a fim de saber suas impressões sobre o MLS, vejamos a Figura 8:

Figura 8 - Trechos do documento “Reflexões de alguns agentes”

Houve um certo crescimento no movimento, foi ampliado o trabalho nos diversos bairros de Salvador e alguns bairros fora, como Lauro de Freitas ter cuidado para não atrapalharmos as lavadeiras, por causa dos nossos pontos de vista. Estamos num ano eletivo, como movimento temos que ajudar as lavadeiras nessa questão sem direcionar pra esse ou aquele candidato.

Vejo a mudança de algumas que não conseguiam falar no grupo, nem com as patroas e hoje elas conseguem.

Agora posso ver, em um bom grupo, que não estão só pelo fato das reuniões ou tabelas, mas por verem um valor de estarem juntas e discutirem seus problemas para melhor levarem o movimento para frente.

Para mim é um meio onde mulheres se encontram, discutem seus problemas e se organizam; elas começam a sentir-se seguras de se expressarem, de tomarem decisões, de se sentirem importantes e de fazerem algo do seu interesse.

Vejo este movimento com meio de libertação para “uma classe” oprimida que tem garra e que pode melhorar. Por serem mulheres, ainda mais são marginalizadas; e por serem marginalizadas na sua condição de pobre, mulher e negra é que quero estar com elas. Não como aquela que iria tirá-las desta situação, mas como caminhante que quer caminhar nesta estrada de libertação.

Para mim, o movimento é a ponte que nos leva a traçar o caminho para as lavadeiras chegarem a conquistar a dignidade de pessoa e de cidadã com direitos iguais.

- a distância física e situacional dos agentes. Por mais próximos que estejamos, não vivemos os conflitos e dificuldades do cotidiano das lavadeiras; isso, se por um lado pode representar certa barreira, uma

- a questão da linguagem: por mais que tentamos nos aproximar, nossa linguagem é codificada, elaborada, e a delas é mais simbólica, sem aparências lógicas (nossa lógica). Não guardam nossos discursos e certas questões que colocamos. O desafio aí é que nessa troca de saberes, possamos fazer emergir a linguagem delas com toda a riqueza que carrega e nós, mais que falarmos muito, quando o fizermos, possamos contribuir no que elas demandam.

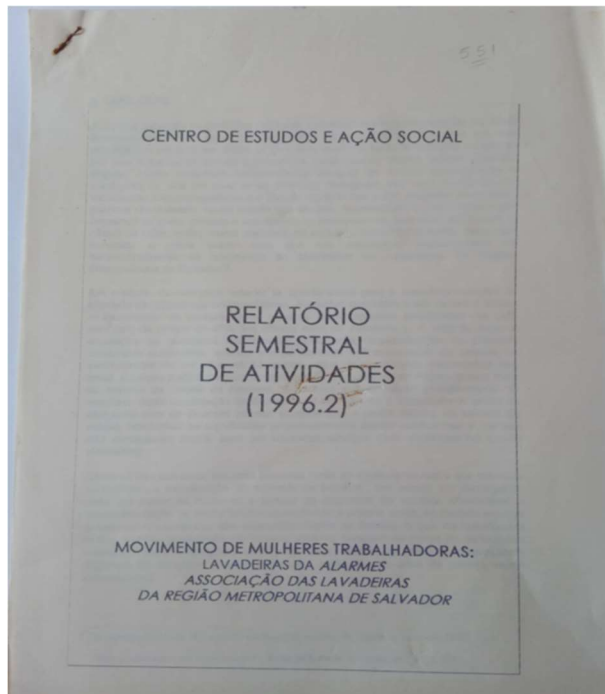
- O agente externo é uma presença forte. Geralmente é ele quem dá o primeiro passo. Como diminuímos para que elas cresçam? Isso já vai acontecendo com os grupos que acompanham a caminhada. Porém, aquelas que não fazem todo o processo nem sempre conseguem passar pelo mesmo processo.

Fonte: Plano de Arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Esses recortes contribuem com o assunto questionado nos parágrafos acima, mas vistos de um novo ângulo, o que faz com que ofereçam uma visão mais ampla do que elas sentiram em relação ao movimento e qual as suas expectativas.

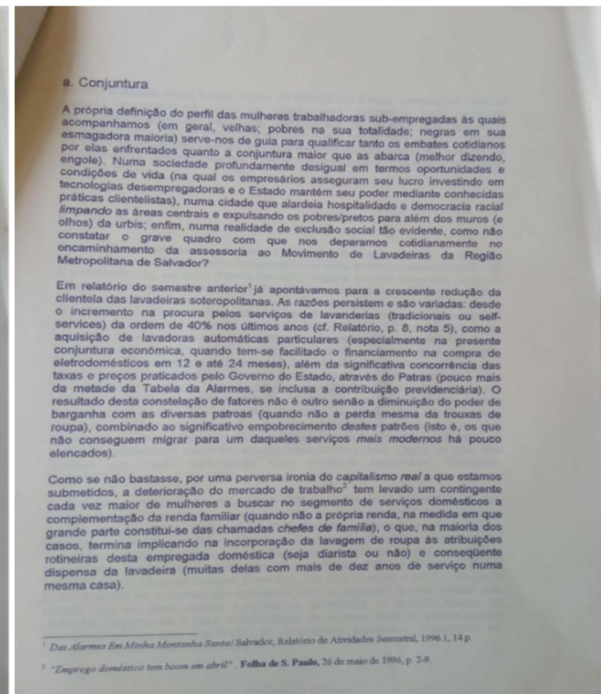
Adiante, apresentamos a documentação referente ao relatório do CEAS em relação ao MLS e fazemos uma contextualização política, social e econômica do período do relatório, que será apresentado nas Figuras 9 e 10, e está na “seção 5 Articulações na subfunções 5.5.1; relatórios (de avaliação, planejamento etc.) no acervo CAMPO no CEAS.

Figura 9 - Relatório semestral de Atividades (1996.2)



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Figura 10 - Continuação, Relatório semestral de Atividades 1996.2



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Essas duas imagens correspondem ao Relatório semestral de Atividades referente a vigência de 1996.2, realizados pelos assessores do CEAS. Para fazer uma análise da conjuntura, no qual o movimento está passando, eles falam um pouco sobre a situação na época das lavadeiras, focando nos fatores econômicos, políticos e social. Também abordam assuntos que causam impacto direto na vida dessas mulheres, como a situação em relação as patroas, questões como “barganha”, a fuga para o trabalho doméstico para complementação da renda familiar, o aumento na taxa

de contribuição previdenciária, a diminuição da clientela, entre outros assuntos. É sempre a partir dessas reuniões de conjuntura que o CEAS estrutura suas ações em relação ao Movimento de Lavadeiras de Salvador.

A partir de agora, iremos focar em um tipo de documento específico: os jornais. Este, de extrema importância para evidenciar a trajetória desse movimento sob o viés da sua atuação e a representatividade nos jornais em circulação na época.

5.3.1 Análise dos jornais da ALARMES: documentação em circulação da época

A criação dos jornais da ALARMES teve apreciação de boa parte das lavadeiras, mesmo a maioria sendo analfabeta, a representatividade do conteúdo informacional nele contido, fazia parte do cotidiano dessas mulheres. Elas se identificavam pelas ilustrações impressas no mesmo. Cujos temas eram tabela de preço, o reconhecimento da profissão, a relação patroa lavadeira, troca de receitas, chamada para assembléias, informações pós assembléias, passeatas, encontro de representantes, divulgar as cantigas e hinos, datas comemorativas. Assuntos recorrentes do dia-a-dia que eram transmitidos via oral, assim o jornal perpetuava essa identidade pela luta de seus direitos e cidadania.

Com relação a organização no acervo, os jornais e recortes fazem parte do método de gestão de Ideográfico Duplex empregado na época, os recortes pertencem a seção 8 Impressos, na subfunções 8.1 materiais de divulgação e propaganda, e 8.3 recortes de jornais. Começaremos pelos 8.1 materiais de divulgação e propaganda.

Encontramos na Figura 11, a seguir, n.11 do jornal da ALARMES, datas comemorativas, informações sobre a tabela, encontro de representantes, entre outras informações.

Figura 11 - Jornal da ALARMES, n. 11 julho de 1988



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Na Figura 12, encontramos datas comemorativas e divulgação das cantigas e hinos.

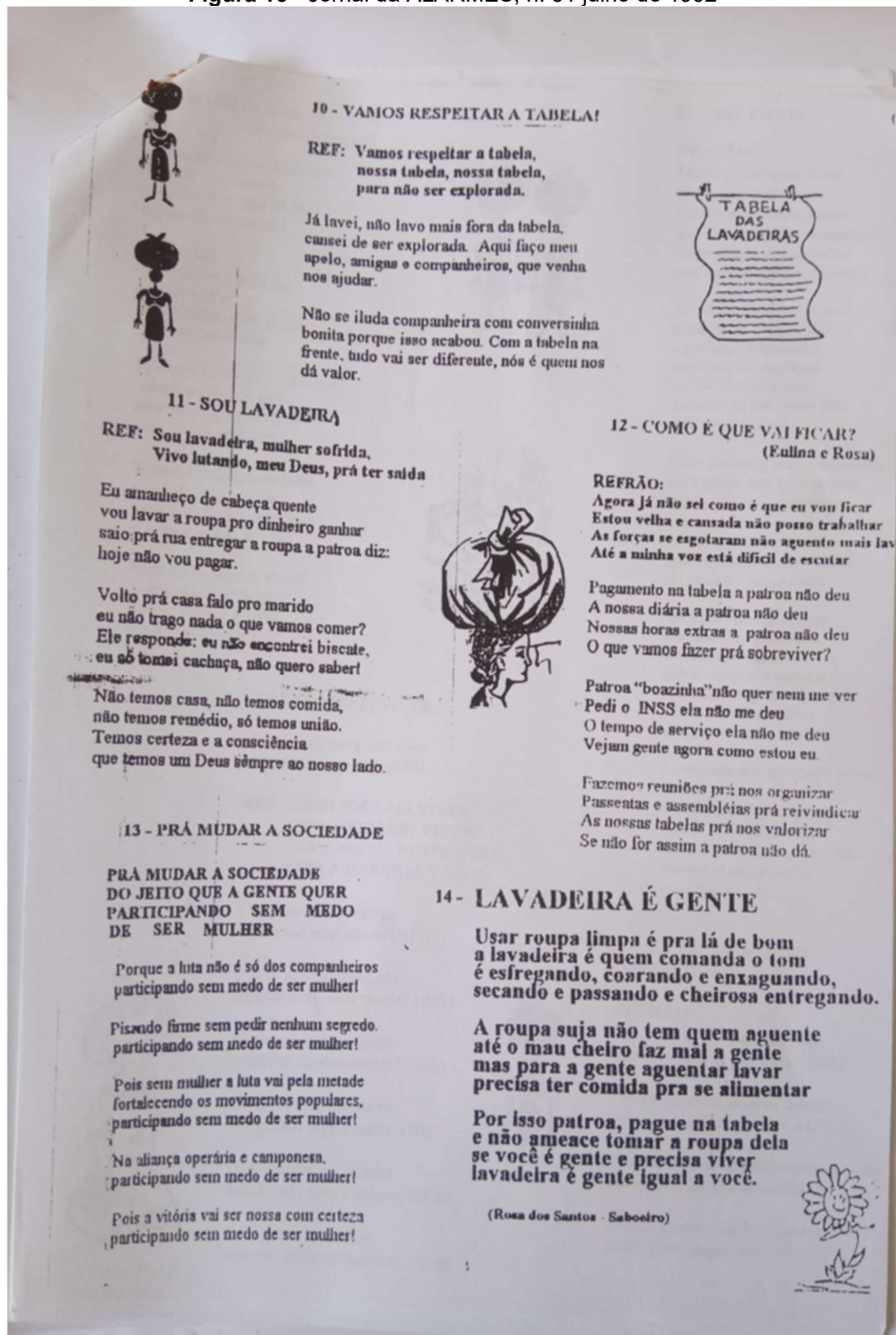
Figura 12 - Jornal da ALARMES, n. 31 julho de 1992



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Na Figura 13, podemos observar informações sobre a tabela, divulgação das cantigas e hinos e palavras de ordem.

Figura 13 - Jornal da ALARMES, n. 31 julho de 1992



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Ao realizar sua função de informar os acontecimentos e trazer situações do dia a dia, o jornal se torna muito importante na ressignificação da memória do MLS, com

as suas reportagens e cobertura dos eventos em tempo real, que o diferencia do jornal da ALARMES de circulação quase que restrita entre as lavadeiras e sua área geográfica.

O jornal em circulação na época ajuda a construir a memória dessas mulheres, as reportagens situam leitores no espaço e tempo, dando uma compreensão melhor dos eventos descritos através de uma narrativa, que procura ter uma linguagem mais popular. Várias são as reportagens com diversos assuntos noticiados que datam de 1986–1992, essas informações nos possibilitaram uma visão de como a mídia percebiam esse movimento e como a sociedade e as lavadeiras se comportavam, estas sempre protagonizando e a sociedade como expectadores e críticos.

Geralmente, as reportagens em relação ao MLS servem como divulgação dos acontecimentos em geral do movimento, dando ao leitor informações sobre valores do serviço e local das lavanderias, relatam o desejo das lavadeiras de ter uma sede só delas, das suas dificuldades em relação ao transporte público, geralmente cheio, tabelas de preço unificada, suas idas e vindas na prefeitura de Salvador e até reivindicações em relação a presidência da república da época.

Elas usam as reportagens para “desabafar”, falar de suas vidas sofridas e do desgaste que a profissão acarreta, também reivindicam a compreensão das patroas em relação ao valor das trouxas de roupa, falam de suas conquistas e vitórias, utilizam os jornais para divulgar os aumentos das tabelada de preço da ALARMES e requerem o reconhecimento da profissão. Através desses recortes podemos ver a participação dessas lavadeiras e seu envolvimento no movimento.

Agora, vamos analisar alguns documentos da categoria recortes de jornais em circulação na época, esses recortes pertencem a seção 8 Impressos na subfunções, 8.3 recortes de jornais.

Começamos pelo recorte n. 01 do jornal A TARDE de 21 de março de 1987, sabemos sobre a ansiedade das lavadeiras pelas assembleias e sua importância na luta pelos seus direitos, principalmente de salários mais justos.

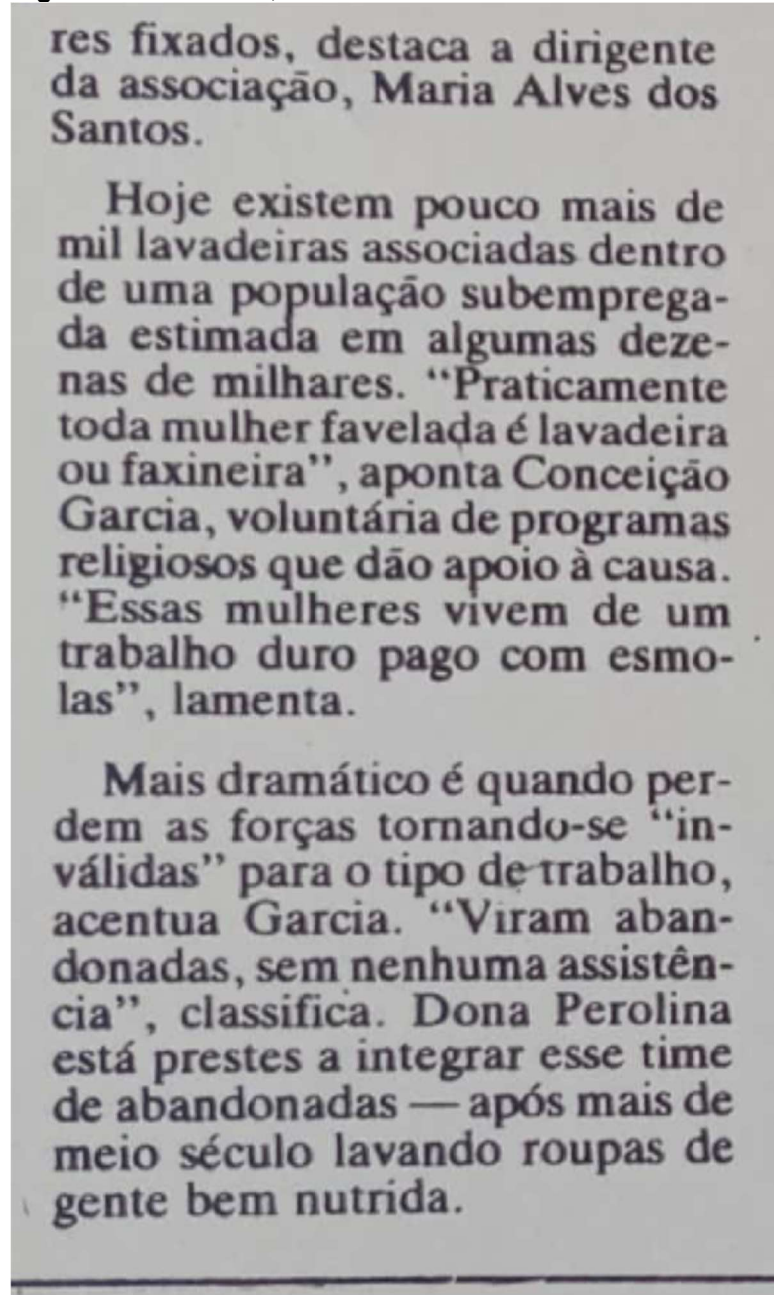
Figura 14 - Recorte n. 01 do jornal A TARDE de 21 de março de 1987

de de classe. A categoria defende um salário justo, pois o rendimento auxilia no pagamento de aluguel, contribui para educação dos filhos, aquisição de gêneros com a complementação sempre do companheiro. Dona Valdecí Cordeiro dos Santos, quatro filhos, moradora dos Pernambués disse que o marido é doente e aposentado e que lavar roupa é uma profissão. Dona Aidê de Oliveira que mora em Coutos, com três filhos e o marido, disse que a assembleia de amanhã é importante pois faz parte da luta pelo reconhecimento ao trabalho da categoria. Já Maria de Lourdes Santos, residente na Sussuarana Velha, 10 filhos, conclama as colegas para a união em defesa dos seus direitos legítimos. Disse que a necessidade lhe obriga a ser lavadeira e hoje está preocupada com o racionamento de luz. As lavadeiras estão confiantes de

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

A seguir, na Figura 15, o recorte 2, Tribuna da Bahia de 4 de outubro de 1991, 4 anos depois vimos que a luta praticamente continua a mesma e o jornal se comporta basicamente como meio informacional do movimento, fala da dirigente da associação, Maria Alves dos Santos, que nos mostra um contexto basicamente semelhante a 1987.

Figura 15 - Recorte 2, Tribuna da Bahia de 4 de outubro de 1991

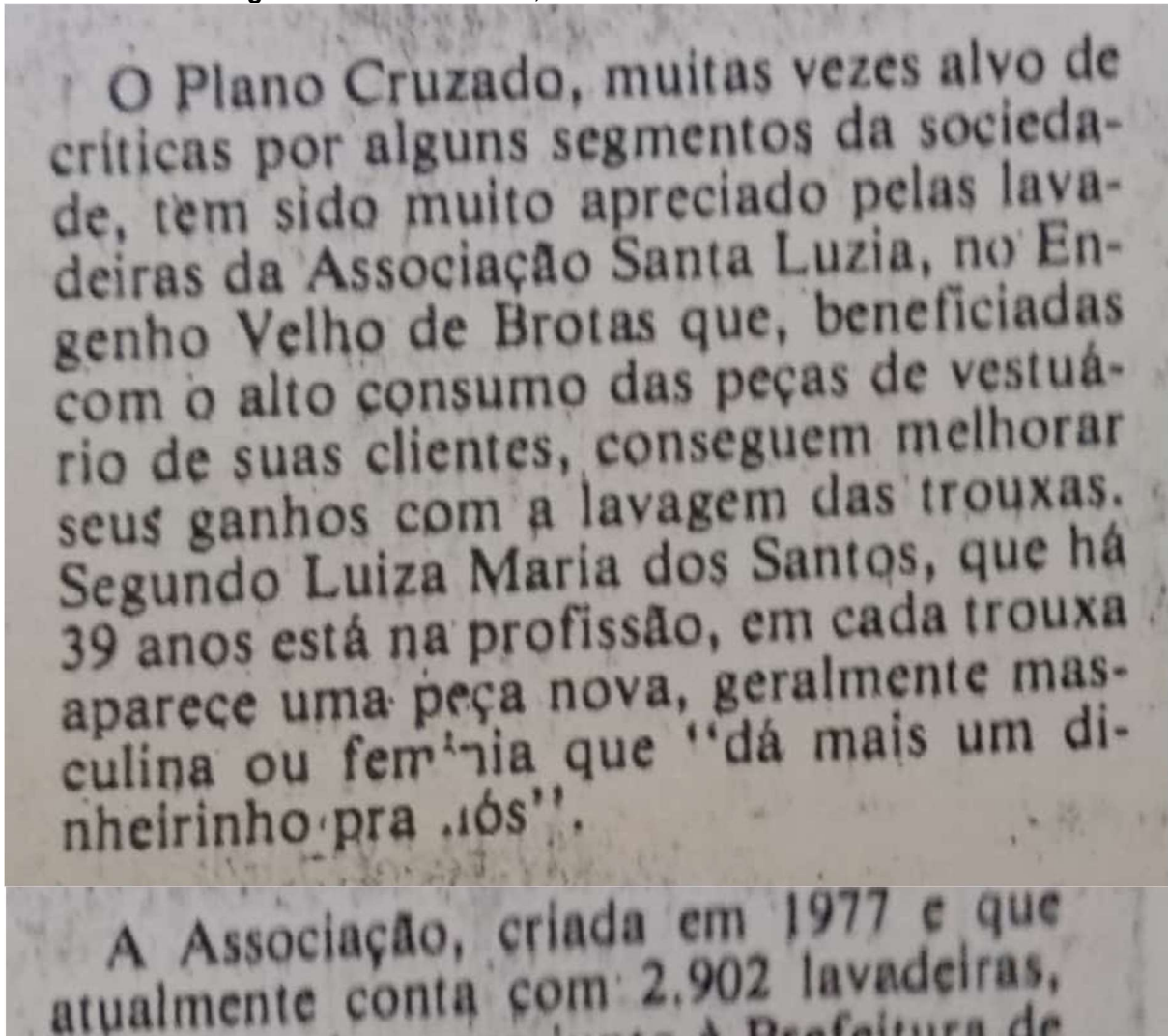


Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Deste modo, a Figura 16, no recorte n. 03, da Tribuna da Bahia de 20/09/1986 nos dá um contexto, político e social das lavadeiras, suas lutas e conquista na época do Plano Cruzado. Fala da situação financeira dessa lavanderia, em especial a Santa Luzia, que segundo pesquisa atual elas continuam sendo a lavanderia mais bem-sucedida e com maior número de lavadeira e como antes comentado com uma conexão especial com a comunidade devido ao seu legado de luta e enfrentamento.

Através desse recorte confirmamos os números aproximados de lavadeiras em 1986, onde constatamos quase 3.000 lavadeiras associadas.

Figura 16 - O recorte n. 03, da Tribuna da Bahia de 20/09/1986



Fonte: Plano de Arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Nas Figuras 17 e 18, respectivamente os recortes do n. 04, do jornal Tribuna da Bahia de 04 de outubro de 1991, se efetivou a 4ª passeata das lavadeiras em busca de seus direitos. Na busca de seus direitos. Também vemos que seu contexto social não teve nenhuma modificação, o desabafo e medo sempre presente para as lavadeiras mais velha que não tinham seguro social, frente o abandono eminente.

Figura 17 - Recorte de n. 04, do jornal Tribuna da Bahia de 04 de outubro de 1991 (Parte 1)

...postuladora, salário mínimo em profissão. Na tarde de ontem, entre duas centenas de companheiros de trabalho — não reconhecido oficialmente — deixou o Campo Grande rumo Praça Municipal na quarta passada de lavadeiras dos últimos anos. O objetivo era comum: reivindicar, publicamente, direitos que a maioria dos trabalhadores tem, mas ainda distantes do tanque.

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Figura 18 - Recorte de n. 04, do jornal Tribuna da Bahia de 04 de outubro de 1991 (Parte 2)

Hoje existem pouco mais de mil lavadeiras associadas dentro de uma população subempregada estimada em algumas dezenas de milhares. “Praticamente toda mulher favelada é lavadeira ou faxineira”, aponta Conceição Garcia, voluntária de programas religiosos que dão apoio à causa. “Essas mulheres vivem de um trabalho duro pago com esmolas”, lamenta.

Mais dramático é quando perdem as forças tornando-se “inválidas” para o tipo de trabalho, acentua Garcia. “Viram abandonadas, sem nenhuma assistência”, classifica. Dona Perolina está prestes a integrar esse time de abandonadas — após mais de meio século lavando roupas de gente bem nutrida.

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Na Figura 19, o recorte nº 05, Jornal A tarde de 23 de março de 1987, nos dá um recorte temporal importante da história do MLS, a assembleia da criação da ALARMES.

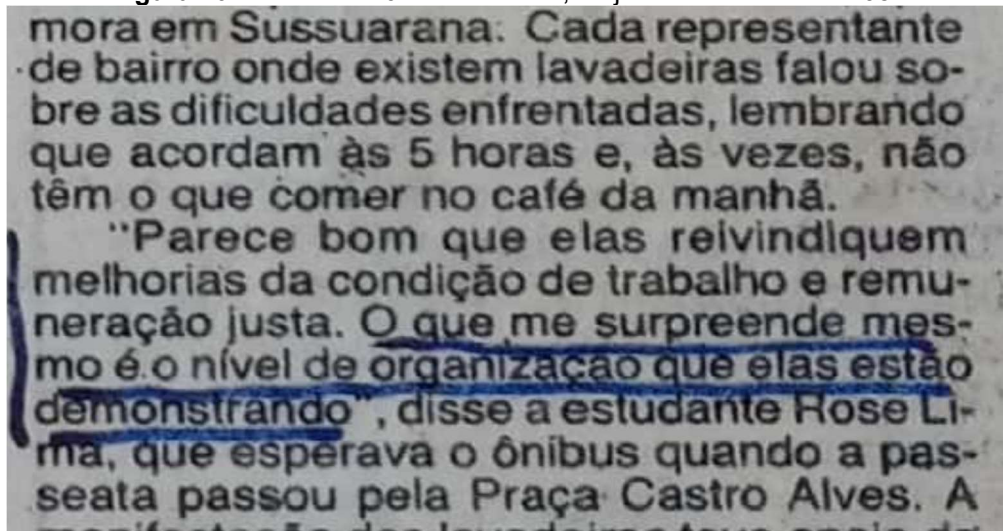
Figura 19 - Recorte nº 05, Jornal A tarde de 23 de março de 1987

Quase 500 lavadeiras, da capital e do interior, reuniram-se ontem, no Colégio das Mercês, para criar a associação da categoria e elaborar tabela única de preços para seus serviços. Elas basearam-se nos preços que estão sendo cobrados nas lavanderias da cidade. Assim, ficou estabelecido que o preço da lavadeira à casa da cliente cus-

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Na Figura 20, o Recorte n. 6 incluindo foto, do jornal A TARDE de 1987, nos traz a visão de uma jovem que se admira da organização delas. E o depoimento de uma lavadeira sobre os percalços do dia a dia como não ter o que comer no café da manhã “desabafo”.

Figura 20 - Recorte n. 6 incluindo foto, do jornal A TARDE de 1987



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Na Figura 21 abaixo, vemos os cartazes as faixas, carros de som, uma multidão que nos lembra o carnaval, mas nos mostra sua organização e vontade de ver suas pautas reconhecidas pela prefeitura e o apoio da população de Salvador.

Figura 21 - Lavadeiras em passeata



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

O recorte 07, Jornal A TARDE, acredito que a data seja 02 de abril de 1992, representa uma das várias divulgações da tabela de preço da ALARMES, essas mulheres lutaram muito por essa conquista, ter sua tabela circulada em um dos jornais impressos mais bem-conceituado da época, mostrando a força desse movimento e que elas já estavam começando a ocupar seu espaço com muito esforço e determinação, vejamos a Figura 22:

Figura 22 -Recorte 07, Jornal A TARDE, [02 de abril de 1992]

ATA DE
26/02

Lavadeiras divulgam sua tabela de preços

A Associação das Lavadeiras da Região Metropolitana do Salvador — Alarmes — está divulgando a nova tabela de preços que passa a vigorar hoje. O último reajuste ocorreu em dezembro do ano passado e, segundo a entidade, o aumento deve-se às dificuldades por que passa a categoria trabalhadora. O reajuste de 75% foi definido na última assembleia realizada ainda nos meados de março e ainda é considerado 18,93% abaixo da inflação acumulada nos primeiros três meses do ano. O preço por peça ficou assim definido: Cr\$25,00 para trouxa de 10 unidades e Cr\$450,00 para trouxas com mais de 20 peças.

TABELA DAS LAVADEIRAS E FAXINEIRAS (ALARMES)

Peças p/semana	Preço mensal	INPS 10%	Peças pesadas	Preço p/peça
01 - 10	25.000,00	2.500,00	Colcha chenil ou fustão	6.300
11 - 20	36.000,00	3.600,00	Colcha veludo ou toalha	9.500
21 - 30	54.000,00	5.400,00	Colcha bordada ou rede	18.800
31 - 40	72.000,00	7.200,00	Colcha croché	16.300
41 - 50	90.000,00	9.000,00	Colcha acolchoada (casal)	47.200
			Colcha acolchoada (sofá)	24.500
			Cobertor	6.300
			Forno de sofá	6.300
			Calça ou jaqueta grossa	5.300
			Calça social	5.200
			Farda	15.800
			Cortina fina (2 bandas)	11.900
			Cortina grossa (2 bandas)	19.800
			Tapete	31.500
DIÁRIA	21.000,00			

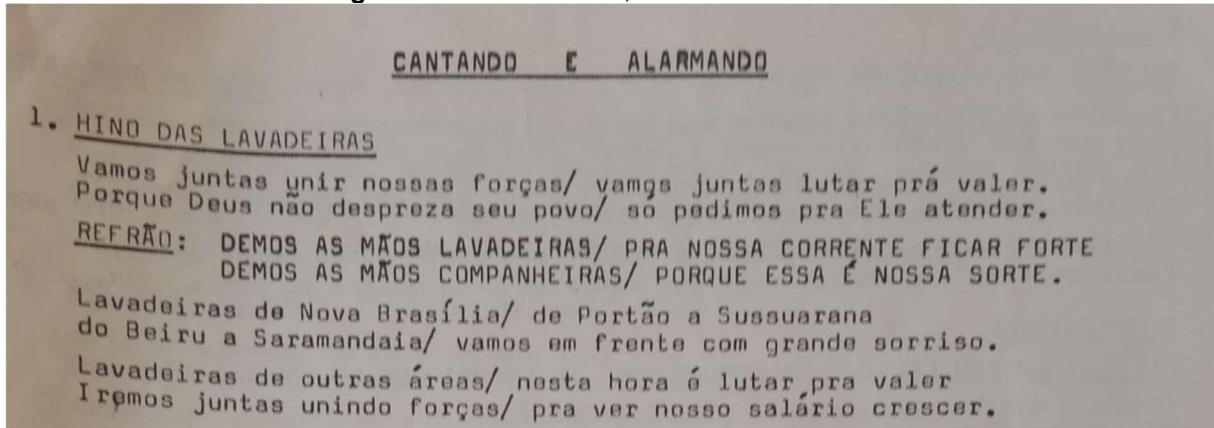
Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Quando falamos sobre o perfil das lavadeiras, estamos nos referindo a mulheres negras em sua grande maioria analfabetas, moradoras de bairro geralmente conhecidos como invasão e favela. Chega um momento nesse trabalho que nos deparamos com essa nova realidade, mulheres poetas, articuladas, criando letras de cantigas, poesias e hinos religiosos. Desse modo, nos deparamos com um patrimônio cultural rico em cores, texturas, parágrafos de poemas e cantigas (hinos), representativo da atividade exercida por essas mulheres na luta diária de lavar a roupa para outras pessoas.

As poesias das lavadeiras juntamente com suas cantigas e hinos estão organizadas no acervo também pelo método de gestão de Ideográfico Duplex e pertencem a seção 6, Discurso, na subfunções, que destacamos as mais relevantes,

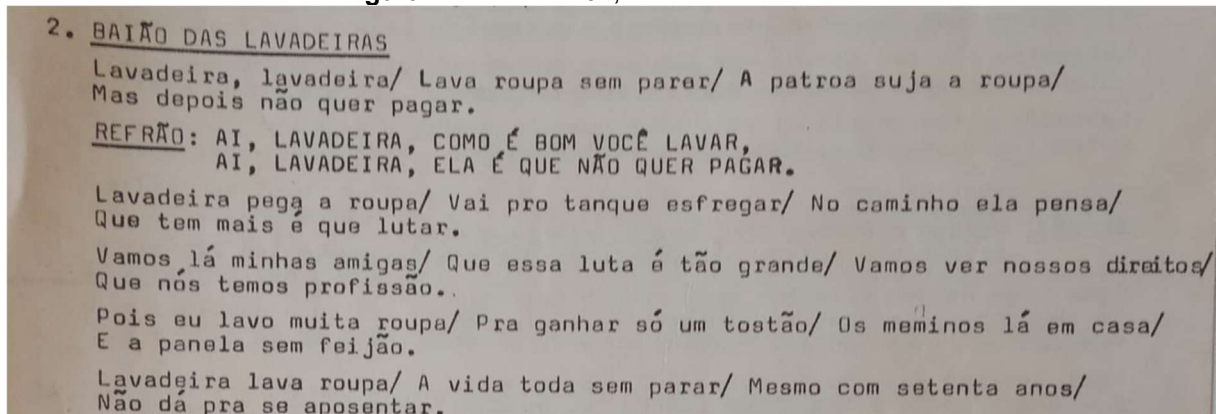
6.1.4 cânticos (hinos), 6.1.5 poemas, 6.1.6 orações e 6.1.7 palavras de ordem. Essa seção representa uma coleção vasta de cantigas (hinos), Xotes, Baião e palavras de ordem. Vejamos as Figuras 23, 24, 25 e 26:

Figura 23 -Recorte nº 01, Hinos das Lavadeiras



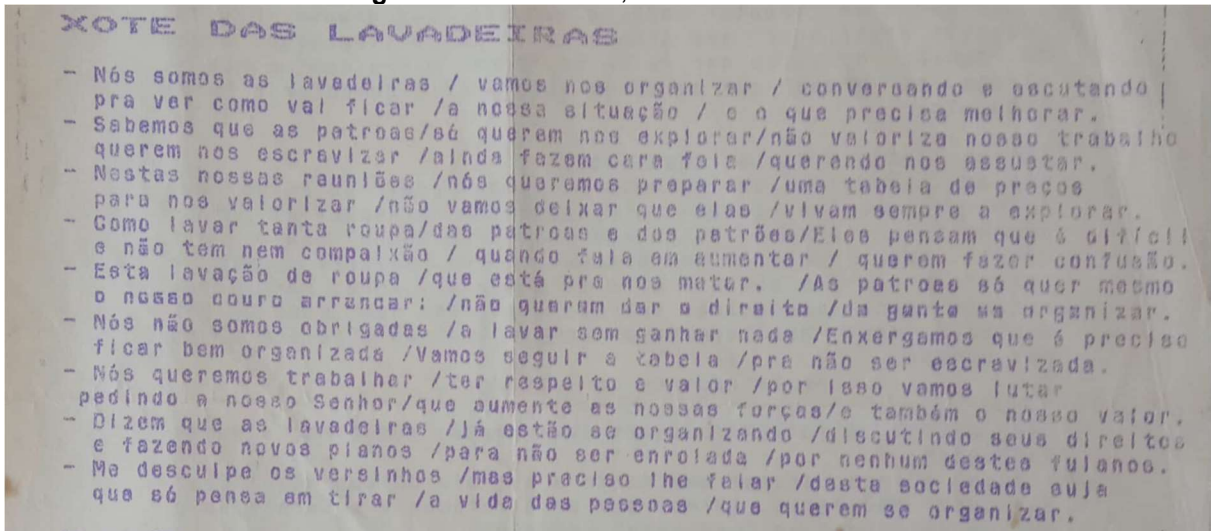
Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Figura 24 - Recorte 02, Baião das Lavadeiras



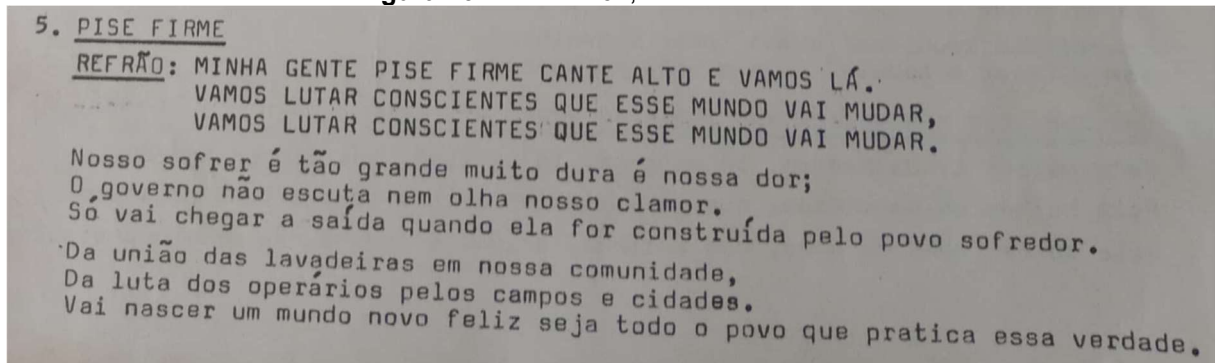
Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Figura 25 - Recorte 03, Xote das lavadeiras



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

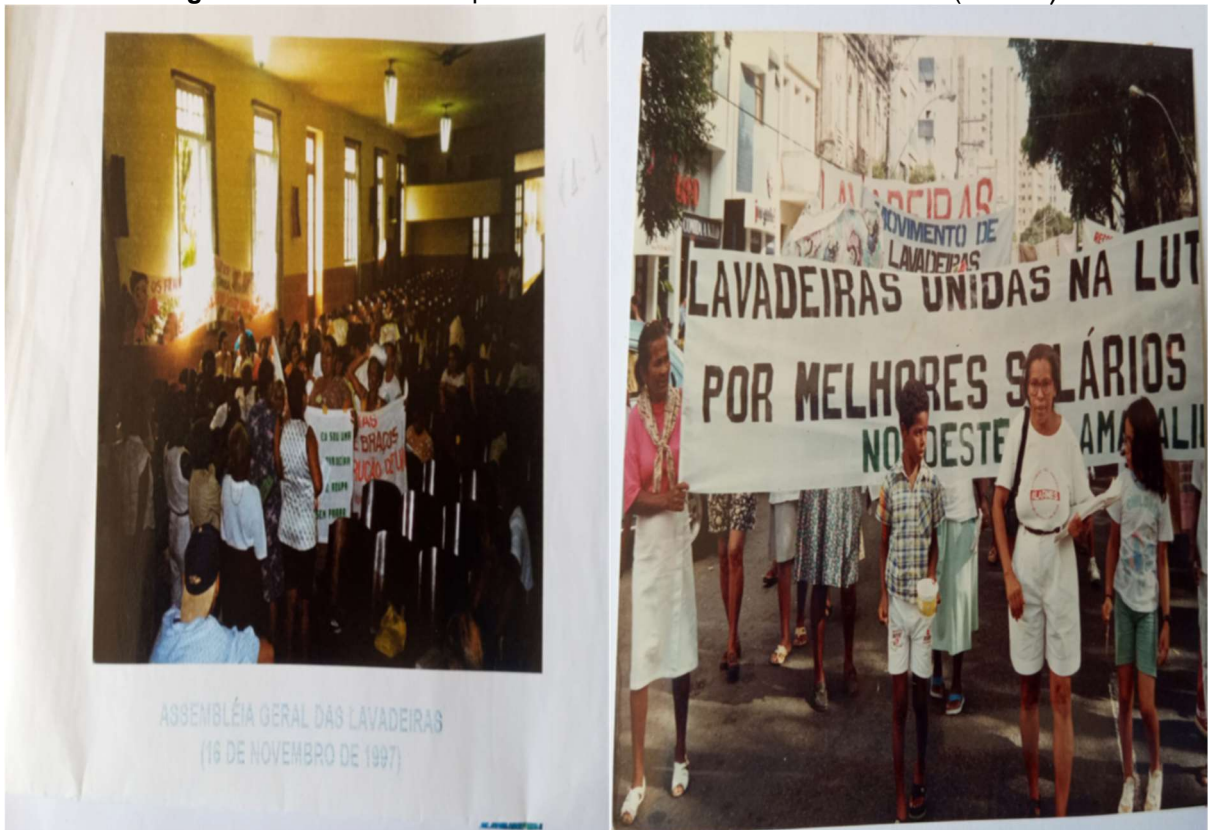
Figura 26 - Recorte 04, Palavras de ordem



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

As fotografias (documentos iconográficos), fazem parte do método de gestão Ideográfico Duplex pertence a seção 4 Mobilizações/Manifestações na subfunções, 4.1, passeatas. Essas imagens, nos mostram a participação das lavadeiras tanto em assembleias quanto em passeatas, assim como o seu nível de organização, vejamos a seguir.

Figura 27 - Assembleia e passeata das lavadeiras em 16/11/1997 (Parte 1)



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000)

Figura 28 - Assembleia e passeata das lavadeiras em 16/11/1997 (Parte 1)



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

A seguir, nas Figuras 29, 30 e 31, vemos um Abaixo assinado que também faz parte do método de gestão de Ideográfico Duplex pertencente a seção 4 Mobilizações/Manifestações na subfunções 4.2, abaixo-assinados.

Figura 29 - Abaixo assinado para requerer dos seus atos constitutivos, realizado em 19/09/1983. Documento datada de 30/10/2002

ILMO. SR. OFICIAL DO CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS DESTA CAPITAL

O ABAIXO-ASSINADO ^{representante} ~~TEM REQUERER O REGISTRO~~ DA ASSOCIAÇÃO DAS LAVADEIRAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR (ALARMES), ^{situada na rua...} ~~FIRMADO EM~~ 18.09.1983, DE ACORDO COM O ARTIGO DE LEI 6.015/75. *Vem requerer o registro dos seus atos constitutivos realizados em 18.09.1983*

PEDE DEFERIMENTO.

SALVADOR, 30 DE Outubro DE 2002

Maria Angelica Souza dos Santos

12o. Ofício de Notas Conceicao A. Nobre Gaspar-Tabela Rua Ariston B. Carvalho, No.6 - Brotas Salvador/BA
Reconheco POR SEMELHANÇA as firmas de: 183PLY51-MARIA ANGELICA SOUZA DOS SANTOS
Salvador, 30 de Outubro de 2002
Em testemunho <u>da</u> Verdade
005- HELIO ANTONIO FERREIRA DULTRA SUB-TABELADO
MDGGM

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Figura 30 - Relação dos membros fundadores da ALARMES 30/10/2002

**RELAÇÃO DOS MEMBROS FUNDADORES DA ASSOCIAÇÃO
DAS LAVADEIRAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE
SALVADOR (ALARMES)**

Dulcelina Machado Pacheco
DULCELINA MACHADO PACHECO

Eulina Vieira Gomes dos Santos
EULINA VIEIRA GOMES DOS SANTOS

Gilhermina Ramos dos Santos
GUILHERMINA RAMOS DOS SANTOS

Iracy Nascimento Bittencourt
IRACY NASCIMENTO BITTENCURT

Lindaugabias da Silva
LINDAURA DIAS DA SILVA

Maria Alves dos Santos
MÁRIA ALVES DOS SANTOS

Maria Angélica Souza dos Santos
MÁRIA ANGÉLICA SOUZA DOS SANTOS

Maria Raimunda Santos
MÁRIA RAIMUNDA SANTOS

Morena Carvalho da Silva Ferreira
MORENA CARVALHO DA SILVA FERREIRA

Regina Honória dos Santos
REGINA HONÓRIA DOS SANTOS

Rosa Maria dos Santos
ROSA MARIA DOS SANTOS

Zeilda Conceição Reis
ZEZILDA CONCEIÇÃO REIS

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Figura 31 - abaixo assinado ao Ministro da previdência Social em 1987

ABAIXO ASSINADO AO MINISTRO DA PREVIDENCIA SOCIAL
Salvador 14/6/87

Ex.mo Senhor Ministro,

Nós lavadeiras de Salvador voltamos a escrever ao Senhor para falar sobre o assunto do nosso INPS. Recebemos uma carta da assessora Tânia Maria Teixeira, pedindo de nós termos paciência, porque a Secretaria Executiva do Grupo de Trabalho estava estudando a reforma previdenciária e também o nosso problema (carta CGM/DF/C nº 7.918). Mas até agora não recebemos nenhuma outra resposta. Scubemos pelo jornal que o Senhor fez um projeto de lei para favorecer os trabalhadores que ganham um salário mínimo, diminuindo para eles a taxa do INPS para 3% (tres por cento). Nós não ganhamos nem um salário mínimo e o que ganhamos não é só para pagar o INPS. Temos que pagar luz, que está caríssima, água, comida, escola para os filhos e outras coisas. Nosso salário não é fixo, porque facilmente perdemos a lavagem de roupa e é difícil achar outra. Imagine o Senhor que lavamos 6 trouxas de roupa por semana e não chegamos a ganhar nem um salário mínimo; como pagar o INPS ?

O que queremos é que o Senhor diminua a taxa do INPS para 3% também para nós lavadeiras, que não temos carteira assinada. A lavadeira não tem condições de pagar igual aos empregados, porque ela paga como autônoma. Nós temos necessidade do INPS, porque lavar é um trabalho sem segurança. As vezes lavamos muitos anos para uma patroa e quando somos despachadas não temos direito a nada.

Não estamos pedindo esmola; queremos pagar uma quantia de INPS que podemos pagar para ter direito aos benefícios. Lavamos há muito tempo, criamos os filhos batendo barrela; não aguentamos mais, a mão vai ficando dura, cheia de unheiro; o peso que pegamos dá dor na cabeça e na coluna; e a frieza que a gente pega na barriga e nos pés, lavando na bacia? A gente não se alimenta direito e facilmente ficamos doentes sem ter assistência médica. E como vamos ficar na velhice sem benefício? Muitas lavadeira não têm marido e que está casada, o marido pode largar e ela vai perder tudo.

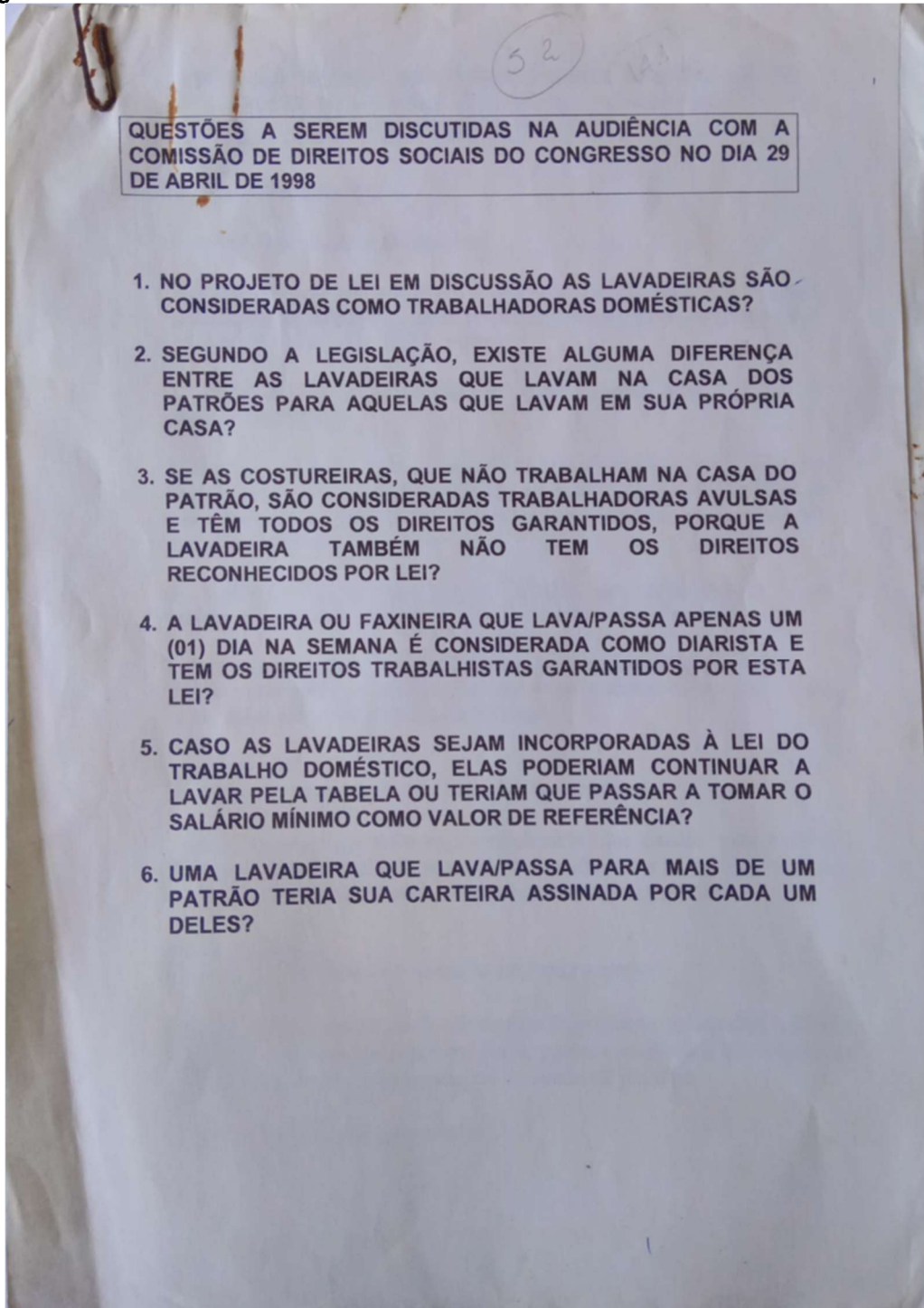
Então achamos que pagando uma taxa de INPS mais barata, por mês, ajudaria nos gastos do médico e daria garantia da aposentadoria na velhice. E vai beneficiar também o INAMPS, é uma ajuda mútua.

Agradecemos pela atenção e aguardamos alguma solução para o nosso caso.

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983-2000).

Com relação as questões Jurídicas estas pertencem a seção 2 Estruturas Organizativas, na subfunções 2.4, questões jurídicas, vejamos os documentos armazenamos nessa seção através da Figura 32.

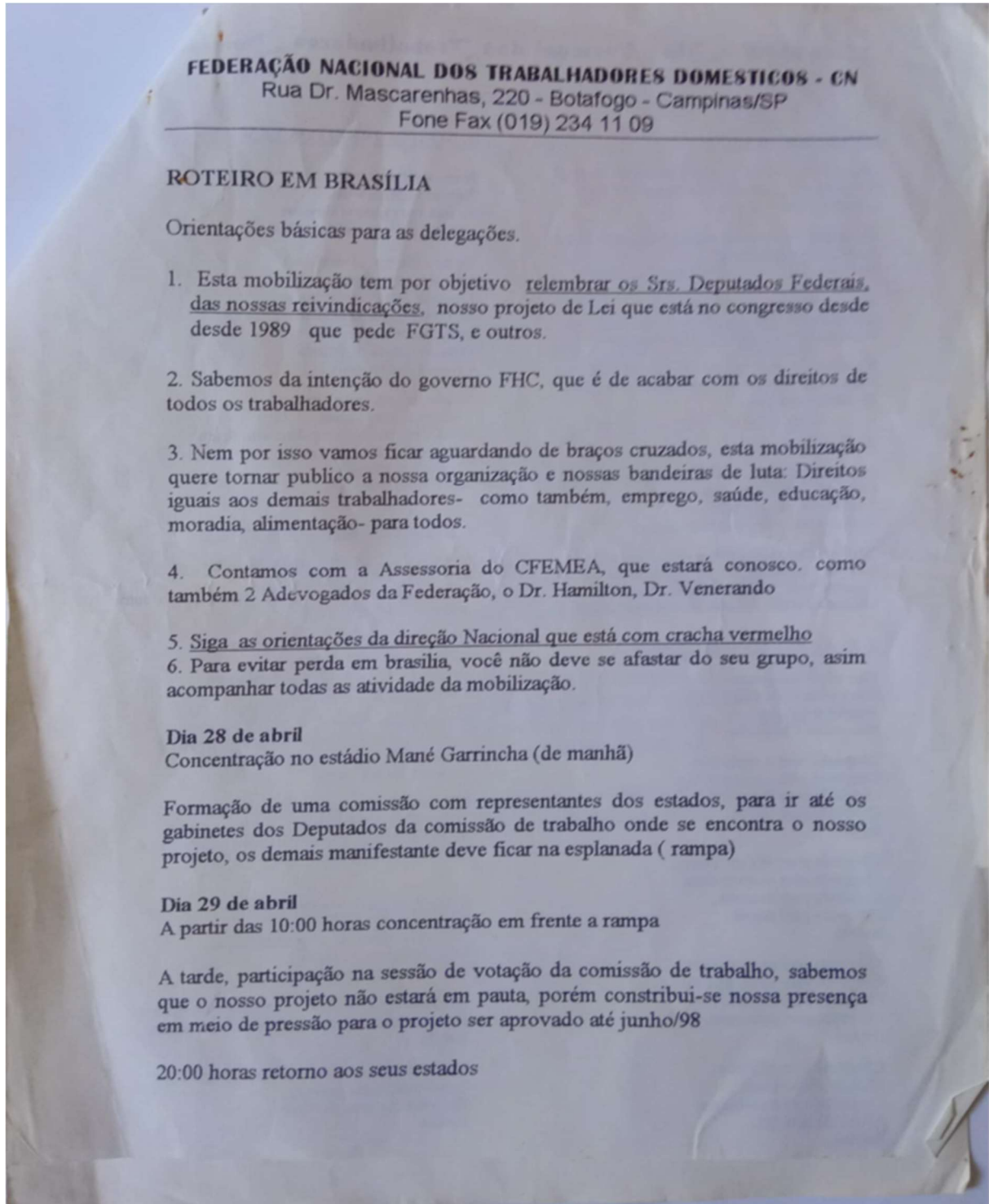
Figura 32 - Questões em discussão na audiência com a comissão de direito em 29/04/1998



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

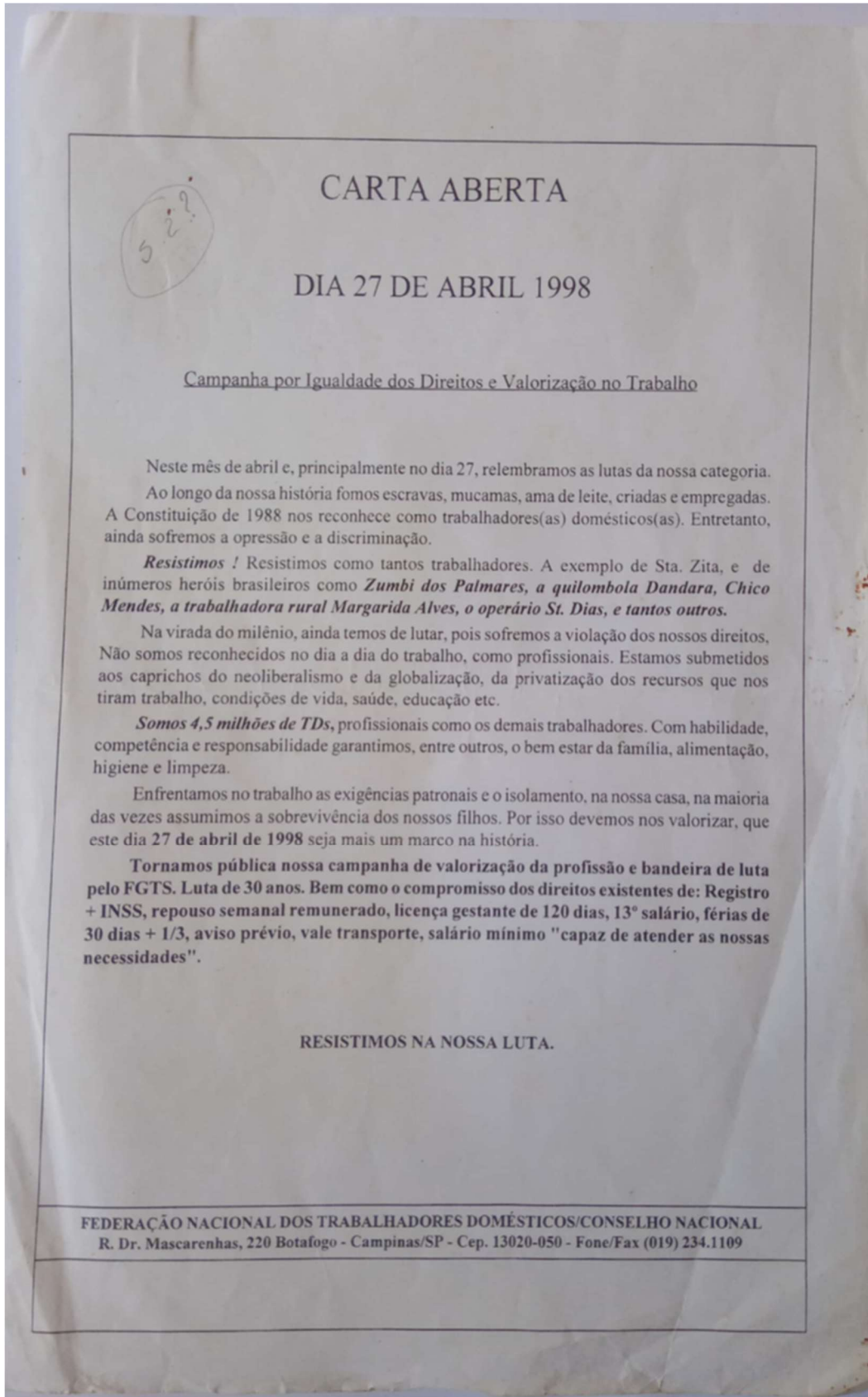
Com relação aos Relatórios (de avaliação, planejamento etc.) estes pertencem a seção 5 Estruturas Organizativas, nas subfunções 2.4.4 Legislação Trabalhistas Referente a Trabalho Doméstico, vejamos as Figuras 33 e 34.

Figura 33 - Roteiro em Brasília, orientação para delegações Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos - CN



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Figura 34 - Campanha por Igualdade dos Direitos e Valorização no Trabalho - Carta Aberta, dia 27/04/1998



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Como afirmamos anteriormente, as fotos também seguem o mesmo método de ordenação dos documentos manuscritos, pertencendo a seção 9 Material audiovisual, nas subfunções 9.2, fotografias.

As fotografias expõem o acervo de materiais audiovisuais. Essas fotos também nos revelam informações privilegiadas sobre essas mulheres, sua classe social, sua etnia, região geográfica a partir local onde foram feitas as fotografias, condições do clima, estado de humor dela entre outras questões contextuais. No caso do MLS começaremos com fotos mais antigas da década de 1980.

Figura 35 - Fotografias da década de 1980



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Da mesma época a Figura 36, mostra a situação degradante da lavagem de roupa, que era feita aparentemente a margem de um rio ou lagoa.

Figura 36 - Fotografias da década de 1980 (Lavadeira a margem de um rio ou lagoa)



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Nesse mesmo contexto, ainda na seção a 4 Mobilizações/Manifestações Públicas temos: Fotos Lavadeiras 15 anos, além de se enquadrar em seção 9 Material audiovisual nas subfunções 9.2, fotografias, também fazem parte método de gestão de Ideográfico Duplex pertence a seção 4 Mobilizações/Manifestações Públicas nas subfunções 4.4.2, dos 15 anos da ALARMES (1998).

As Figuras 37 e 38, a seguir, ilustram dos 15 anos da ALARMES em 1998, assembleias comemorativas, extremamente organizada, com participação das lavadeiras com seus cartazes e faixas, palavras de ordem, reivindicações, camisetas dos 15 anos da ALARMES. A imagem de uma lavadeira idosa, feliz com sua trouxa na cabeça, fala mais do que podemos descrever.

Figura 37 - Lavadeira participando da comemoração de 15 anos da ALARMES com a camisetas dos 15 anos da ALARMES, cartazes e faixas



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000)

Figura 38 - Comemorações dos 15 anos da ALARMES em 1998



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

Cabe salientar que apesar do uso do plano de classificação, e do método Ideográfico Duplex, que é composto de divisão da documentação em funções, subfunções, atividades assuntos e tipo documental série, os arquivos permanentes como os apresentados acima, existe diversas formas para seu arquivamento.

E indispensável que a ordenação de arquivos permanentes se faça por fundos. Hoje em dia já é inadmissível, mesmo nos países cujo emprego de tratamento arquivístico adequado a seus acervos documentais administrativos seja recente, que os documentos estejam arranjados por assunto, por ordem cronológica única, por formado ou suporte matérias da documentação que lhe compete recolher, tratar, custodiar, preservar e divulgar. (BELLOTTO, 2006, p. 127).

As documentações na CAMPO estão armazenadas em armários de arquivo e caixa de arquivos, pastas e organizadores. Toda essa organização por assunto, a exemplo do MLS foi encontrada em pastas identificadas por: assembleias, recorte de jornais, relatórios e etc. de acordo com Heloísa Bellotto (2006), que sugere um nível de ordenação como recolher, tratar, custodiar, preservar e divulgar, percebemos que a CAMPO, desde 2001, dada sua criação, executa a tarefa de organizar, classificar e disponibilizar esta documentação para consulta ao público em geral, seguindo princípios como ordenação e organicidade, principalmente em relação aos fundos que é um conceito básico da Arquivística elaborado pelo historiador francês Nataillis de Wailly. O conceito "respeito aos fundos" estabelece que o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado ao de outras entidades produtoras. Como acontece nos CEAS.

5.4 ENTREVISTAS

Para entender as atividades dos assessores do CEAS que atuaram no MLS, realizamos duas entrevistas, de caráter semiestruturado, constituída por meio de questões abertas analisadas separadamente. As entrevistas com os ex-assessores foram realizadas virtualmente, por e-mail, no período entre setembro e outubro de 2020. Os roteiros de entrevista ficaram disponíveis no CEAS para que os assessores da Equipe Urbana pudessem responder, no entanto só recebemos resposta de 2 (dois) ex-assessores que atuaram diretamente no MLS. O documento do roteiro de entrevista encontra-se disponível no Apêndice A.

Antes das entrevistas fizemos uma breve explanação sobre o tema da pesquisa e seus objetivos, com a finalidade de situar os assessores no contexto do objeto de

estudo a ser pesquisado. Apresentamos também, o perfil dos sujeitos individuais: profissionais de formação interdisciplinar que atua/atuou na assessoria aos movimentos populares urbanos, na articulação, mobilização, e formação de incidência sociopolítica.

Ao serem questionados acerca da sua **função** no CEAS no período em que o atuou no MLS, obtivemos as respostas:

Assessor A: Eu não tive tanta atuação quanto Iran, não. Eu acompanhei em algumas assembleias. Entrei no CEAS no ano de 1995, na condição de assessora da equipe urbana, na luta pela moradia e garantias de direitos e defesas de políticas públicas.

Assessor B: Trabalhei no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) entre outubro de 1994 e julho de 2007. É possível dividir esse período em duas fases: na primeira, atuei em duas Equipes: a Equipe Urbana e a Equipe de Redação, [...] meu trabalho na Equipe Urbana foi de assessoria aos movimentos sociais urbanos em três linhas principais: (1) apoio à luta popular por moradia, seja na assessoria direta às organizações comunitárias e/ou associações de moradores. (2) assessoria ao movimento de escolas comunitárias, sobretudo na Ilha de Itaparica [...] (3) assessoria ao movimento de lavadeiras da Região Metropolitana de Salvador.

O assessor A, alega que teve atuação pouco expressiva. No entanto, veremos na resposta da próxima pergunta que ele(a) teve uma significativa participação. Observa-se que o assessor(a) B atuou na equipe urbana em três frentes: pela direita à moradia, nas ilhas e no MLS. Como observamos em suas palavras “luta por moradia”, e a defesa da luta pela terra na cidade, não era apenas uma questão de assessoria, eles(as) lutavam por seus ideais, que podemos entender era de ajudar pessoas humildes a lutarem por si mesmas e contra o sistema desumano que estava “engolindo” elas(es). Também identificamos que este, atuou na e equipe de redação dos cadernos, dessa forma colaborando em diversas frentes na instituição.

Questionados em relação as **atividades** que desempenhava no Movimento das Lavadeiras. Responderam:

Assessor A: Nesse período, na condição de assessora, eu acompanhava as lavadeiras do Curuzu, então na organização e as lavadeiras do Alto das Pombas e participava na construção, principalmente com o Mosteiro de São Bento, Comissão de Justiça e Paz, muito mais no Mosteiro de São Bento, né. Na condição da construção das assembleias e formação das lavadeiras. Então eu tinha um ritual de, permanentemente ir na área onde se encontravam representantes de lavadeiras do movimento e fazia discussão, formação política. Me lembro bem, minha atuação muito forte lá no Curuzu na e Liberdade.

Assessor B: Minha atuação na assessoria ao movimento de lavadeiras se compunha de três campos de atividade principais. O primeiro deles, e mais

importante, era o acompanhamento aos grupos de lavadeiras em seus próprios bairros, seja através da participação nas reuniões (às vezes semanais, às vezes quinzenais) por elas realizadas, seja pela presença solidária em suas casas. Outro campo de atuação era o apoio à coordenação da Associação Lavadeiras da Região Metropolitana de Salvador (Alarmes), que congregava dezenas de grupos espalhados por toda a região metropolitana. Por fim, um último campo de atuação consistia na participação no grupo de assessoria do movimento, que incluía agentes de diversas instituições (além do CEAS, o Mosteiro de São Bento e o Instituto de Serviços para uma Ação Comunitária/ISPAC) e congregações religiosas (majoritariamente femininas).

Embora o (a) assessor(a) A tenha dito que sua atuação foi pouco expressiva, observamos que sua atuação foi bastante significativa, a partir das falas onde relata que tinha um ritual de ir permanentemente nas áreas de cobertura e atividades do MSL, sobretudo, Curuzu e Liberdade. A colaboração do (a) assessor(a) B, foi diretamente ligada ao acompanhamento do grupo, que era de vital importância para a manutenção do MLS, para a ALARMES, e os demais grupos formados pelas assessorias. Observamos uma atuação bastante intensa, que perdurou por praticamente todo o período em que o MLS esteve em atividade.

Sobre o **contexto social** da época de sua atuação e como estava o cenário político e econômico, responderam:

Assessor A: O cenário, do ponto de vista político, a gente viveu o processo de redemocratização da sociedade. Então os movimentos sociais super organizados, né, nessa perspectiva de tá ainda enfrentando os “requeijozinhos” da ditadura militar. E as organizações dos movimentos populares, buscando se organizar e se fortalecer. Então é uma época de organização do Movimento Negro, uma época das organizações das associações de moradores, e uma época super bonita: em cada canto da cidade a organização das lavadeiras era muito forte. Então o cenário político era de organização popular e defesas de políticas públicas, né. Apesar de uma recessão econômica.

Assessor B: Numa dimensão micro, referente ao cotidiano das lavadeiras, era um contexto de pobreza, marcado sobretudo pelas dificuldades de ordem material enfrentadas por estas mulheres [...].

Numa perspectiva mais geral, seja em termos locais ou nacionais, vivia-se o final de um período de grandes mobilizações coletivas (cujo auge ocorreu na década de 1980), o que se traduziu, no movimento das lavadeiras, pela realização das últimas grandes assembleias gerais e passeatas (realizadas tanto em Salvador quanto em cidades do interior da Bahia, como Feira de Santana) do movimento, que chegaram a reunir cerca de 5 mil pessoas, entre lavadeiras, empregadas domésticas e apoiadores diversas.

A partir dessas respostas, observamos que o (a) assessor(a) A, destacou um período marcado pela presença de vários movimentos sociais, logo após a ditadura militar, então o cenário político consistia em organização popular por seus direitos. O (A) assessor(a) B destacou do período, a dificuldade imensa em relações aos itens

básicos de sobrevivência das lavadeiras, devido a isso a efervescência de grandes mobilizações coletivas e que chegaram a reunir aproximadamente 5 mil pessoas em suas assembleias, entre lavadeiras, empregadas domésticas e apoiadores diversas. O que simboliza um período de grande descontentamento.

Desta forma percebemos que o contexto político do período foi marcado pela atuação de diversos movimentos sociais, voltados para a luta de garantia de direitos dos menos favorecidos. E confrontamos essa realidade através do próprio MLS.

Em seguida, pedimos para os (as) assessores (as) comentarem sobre algum **fato marcante** durante essa relação de assessoria ao Movimento das Lavadeiras. Assim, obtivemos as seguintes respostas:

Assessor A: [...] uma cena que não me sai da cabeça foi quando CEAS, o Mosteiro de São Bento, todas as assessorias que acompanhavam o Movimento de Lavadeiras proporcionaram uma ida até a praia do Flamengo. E as lavadeiras foram. Foi um choque de classe social naquela praia, me lembro como hoje. A classe média burguesa na praia, quando os ônibus das lavadeiras chegaram, então todo mundo, quase, se retirou da praia e as barracas não queriam receber as lavadeiras. Foi quando a gente conseguiu negociar com uma barraca que foi o nosso porto seguro, e onde as lavadeiras brincaram, fizeram lazer na praia de forma coletiva, com seus filhos, com seus netos.

[...] naquela época, a gente já tinha apontado a questão do cuidado e do autocuidado numa perspectiva de lazer, numa perspectiva de ocupação de outros territórios, como no caso a Praia do Flamengo que a gente levou as lavadeiras.

Também o vínculo de movimento de afeto, então fazer movimento também pressupõe vínculo de afeto, sorriso, alegria. Hoje eu tenho com muita convicção o que foi aquele momento. Não era o lazer pelo lazer, mas era o lazer que apontava um projeto político de fazer movimento pensando no afeto, no cuidado, no autocuidado e projetando o Bem-viver que é acima de tudo um projeto político de mulheres negras.

Assessor B: No aspecto positivo, além da solidariedade já apontada na resposta anterior, gostaria de ressaltar a alegria destas mulheres, apesar de todas as agruras e dificuldades vivenciadas no cotidiano. A lavagem de roupa, por ocorrer no ambiente doméstico, necessita muita disciplina e resiliência, e estas mulheres sempre foram mestras nestas artes, o que se traduzia, nos momentos de encontros coletivos, seja nas reuniões no bairro, nas assembleias mensais ou nas passeatas, num ambiente muito festivo, com muito canto, poesia e dança. [...] No aspecto negativo, a conjuntura na qual assessoriei o movimento de lavadeiras foi, também, a de avanço avassalador das organizações criminosas ligadas ao tráfico de droga nos grandes e médios centros urbanos, com impactos desastrosos nos bairros populares e em suas organizações comunitárias.

Com relação as respostas obtidas para fato marcante durante a assessoria ao MSL analisamos que o (a) assessor(a) A aborda de cena memoráveis, como uma ida até a praia do Flamengo, pois configurava como um choque de realidade, ver as lavadeiras pobres em sua situação precária em contraposição a classe média

burguesa que utiliza de seus serviços, se retirando da praia e junto com as barracas que não queriam recebê-las.

Entendemos que a importância de criar vínculos, principalmente afetos, sorrisos, pequenas alegrias entre as lavadeiras e sua assessoria, como a descrita na fala do (a) assessor(a) A, não era o lazer pelo lazer, mas sim fazer o movimento em uma perspectiva do autocuidado, promovendo o Bem-viver.

O (A) assessor(a) B destaca-se as alegrias delas independente de sua vida penosa, a sua disciplina em seu ofício e nas reuniões. As assembleias que elas promoviam sempre era um ambiente muito festivo, com muito canto, poesia e dança, destaca, mas também ressalta o avanço arrasador das organizações criminosas, principalmente ligadas ao tráfico de drogas, e que tinham impactos diretos e desastrosos nos bairros populares e em suas organizações comunitárias, a exemplo das lavadeiras.

Contudo, observamos que a empatia e o envolvimento dos (as) assessores(as) no contexto da vida dessas mulheres, tanto no momento de lutas quanto os momentos de lazer, foram determinantes para o fortalecimento da sua autoestima e consequentemente, o fortalecimento do próprio MLS.

E por fim, perguntamos o que ele (ela) conseguiu **vislumbrar** dessa época de militância?

Assessor A: Uma das coisas que me fortalece minha mística de participação popular, a partir daquela imagem, de majoritariamente mulheres negras, né assumindo o que Angela Davis coloca: quando a gente se movimenta, a gente movimenta a estrutura de uma sociedade. Então aquelas mulheres lavadeiras mexiam com a estrutura da sociedade, já dizendo como categoria doméstica que elas tinham direitos, tanto que ouve a conquista da tabela de preços para as lavadeiras.

Naquela época também, já se aponta o reconhecimento do trabalho doméstico como uma categoria. Para além, o compromisso com o projeto de educação popular numa perspectiva de poder negro para mulheres, para o povo negro.

Esse ritual, da década de 80, década de 90 até início dos anos 2000 marcam minha vida quando eu me lembro dessas lavadeiras. [...]. Eu me lembro muito bem da lavadeira que eu acompanhava na Liberdade, uma mulher linda, linda. Andei pela Santa Mônica com ela mobilizando outras lavadeiras. Então a pegada é que tá dando o contorno especial às mulheres negras no fazer permanentemente a luta de resistência.

Assessor B: Essa experiência de assessoria me ensinou muitas coisas, das quais gostaria de ressaltar duas: a primeira, foi a constatação do sentimento de liberdade, orgulho e altivez destas mulheres, que, em detrimento da baixa escolaridade e da inexperiência em organizações políticas clássicas (como sindicato e partido), construíram uma consciência de classe, étnica e de gênero *sui generis*, que as fazia a prezar a autonomia na realização do seu trabalho (realizado em seu próprio espaço, nos horários por elas escolhidos

e num ritmo por elas definidos) e que pode ser resumido numa expressão muito comum entre elas: “Eu não trabalho sob o tacão da branca”.

Por outro lado, essa densa consciência a nível micro, desvinculada de uma inserção consistente nas estruturas organizativas e políticas mais formais, dificultou a definição de estratégias mais eficientes de sobrevivência enquanto categoria coletiva, como, por exemplo, uma articulação mais orgânica com o movimento das trabalhadoras domésticas, que, nessa mesma época, estava se consolidando através do fortalecimento institucional (com a criação e/ou ampliação de sindicatos da categoria) e jurídico-normativo (mediante a conquista de uma legislação própria).

Sobre a questão acima o (a) assessor (a) A, relata a importância dessas mulheres lavadeiras mexerem com a estrutura da sociedade, evidenciando a sua luta por direitos, como a conquista da tabela de preços para as lavadeiras. Percebemos que esses eventos deixaram marcas na vida desse (a) assessor (a), e a nosso ver são essas mulheres, periféricas e negras, no fazer permanentemente de lutas e resistências que podem provocar essas mudanças.

No que concerne o (a) assessor(a) B, o que mais marcou, independentemente de qualquer coisa, foi sentimento de liberdade, orgulho e altivez destas mulheres, que, em detrimento da baixa escolaridade e da inexperiência construíram uma consciência de classe, étnica e de gênero, em busca de autonomia para realização do seu trabalho, do seu espaço, do seu próprio horário e seu ritmo de trabalho. E nós, consideramos que isso se chama emancipação.

Entretanto, gostaríamos de ressaltar que a consciência a nível micro, trouxe dificuldades na elaboração de estratégias mais eficientes que poderiam fortalecê-las, como no caso do movimento das trabalhadoras domésticas.

Com base nas informações fornecidas, percebemos a importância da mobilização em conjunto para essas mulheres, onde a união foi determinante para o desenvolvimento de uma autonomia coletiva forte e, embora de forma tímida mais constante, para seu estabelecimento em busca de direitos. E a visceral assessoria dessas mulheres e homens comprometidos na luta por mudanças, especialmente da vida de pessoas tão vulnerabilizadas, mas com grande determinação e gana de transformar a realidade a sua volta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me parece que dizer que arquivo é um bem cultural, dizer que sua finalidade é servir à administração ou que suas funções são a guarda e conservação dos documentos visando a sua utilização é muito pouco para compreender a complexidade das questões [que envolvem os arquivos]. (MARTINS, 1979, p. 443-449).

Com base na análise dos dados e resultados aqui apresentados, acreditamos que os objetivos propostos foram alcançados, visto que foi possível responder aos questionamentos propostos pelo problema de pesquisa, discutir acerca da temática central de ressignificação da memória coletiva como papel social dos arquivos através do Movimento das Lavadeiras de Salvador. Desse modo, entendemos que as pesquisas a partir dessa temática podem auxiliar na construção de identidades e promover a memória coletiva de grupos históricos e sociais.

Consideramos que pela vastidão da documentação analisada foi possível constatar que o movimento foi extremamente organizado, apesar de todas as dificuldades enfrentadas. O plano de classificação, assim como o método de arquivamento conseguiu abranger todos os tipos de documentos gerados pelo movimento. Dessa forma, entendemos que MLS mobilizou as áreas jurídica, social, econômica. E assim, foi possível reconstruir a história das lavadeiras, contextualizando o movimento através das documentações e evidenciando detalhes sobre as particularidades da construção do MLS e sua relação com o CEAS, enquanto entidade custodiadora dessa documentação, assim como a participação dos agentes que assessoravam as lavadeiras nos mais diversos contextos apresentados.

Também observamos através dos documentos, a evolução das lavadeiras com o passar do tempo. Sendo assim, é possível identificar uma mudança visível, e para exemplificar usaremos as palavras de um dos muitos relatórios do CEAS: “Eram mulheres que viviam em subempregos, na sua maioria, idosas, empobrecidas, negras, vivendo um momento, social, econômico e político que estava “engolindo” elas”.

Acrescentamos que a maioria dessas mulheres vinham do interior, viviam em barracos, favelas, invasões ou bairros populares e exerciam a atividade de lavadeira por falta de opção de emprego. Em sua maior parte, eram mães solteiras, sem aposentadoria ou assistência médica, analfabetas e não aceitavam a profissão de lavadeira, uma vez que sentiam vergonha desse ofício.

Também foi possível observar através dos documentos que o perfil destas mulheres foi sendo modificado ao longo do tempo. Uma nova visão foi instaurada e começaram a surgir sentimentos de esperança, gratidão, expectativa, orgulho e dignidade. Nos registros imagéticos, vemos nas passeatas que algumas lavadeiras levaram trouxa de roupa na cabeça - anteriormente símbolo de vergonha como relato no livro, *Lavadeiras: Mulheres construindo um movimento* (1989, p. 12) [...] “na rua, o pessoal me chama ‘a mulher da trouxa’ e deixa de falar comigo, vira a cara porque sou lavadeira. E as vizinhas esculhambam porque fico lavando a roupa das brancas e as brancas não dão valor a gente”.

Os sentimentos de desespero e humilhação provocados pela miséria e pela fome vão sendo substituídos lentamente por outros. Esse novo perfil se deve muito a consciência que se foi criando pelas lavadeiras, visto que o trabalho dos agentes tanto em relação a autoestima dessas mulheres, quanto ao trazê-las para a realidade ao entender que elas eram agentes ativos de sua história dentro do cenário que estavam inseridas, nos mais diversos âmbitos, sejam esses sociais, políticos e econômicos.

Dessa forma, é possível compreender que pessoas simples, sem instrução, “condenadas a uma vida miserável”, que perderam a motivação de apostar no futuro por não conseguirem se ver representadas foram capazes de se organizar e lutar por seus direitos.

Atualmente, embora uma parte das mulheres trabalhem por conta própria, outras trabalham nas lavanderias comunitárias da SJDHDS. Essas mulheres enfrentam novos desafios a cada dia, desafios dos novos tempos e também dos processos tecnológicos, a exemplo da utilização das máquinas de lavar e secadoras de roupas. Mesmo assim, hoje as lavadeiras que trabalham nessas lavanderias comunitárias conquistaram algumas prerrogativas do movimento, como a tabela de preços. Ademais, vimos que as lavanderias com lavadeiras oriundas do movimento trazem em seu legado grande aproximação com as comunidades as quais pertencem.

Nesse sentido, com nossos objetivos alcançados ao conseguimos responder às perguntas: Quem foram essas mulheres? Quem ajudou elas em relação ao movimento? Como era a relação delas com o CEAS? Como os agentes se sentia e pensavam em relação a eles e ao movimento? Elas tinham o apoio da família? Como era a vida delas enquanto participante do movimento? Como era a vida delas pós-movimento? Elas mobilizaram Salvador com sua história, estão nos jornais e reportagens? A mídia ajudou o movimento? Elas evoluíram? Elas produziram cultura?

Como elas estão hoje? Entendemos que o campo ainda é amplo para pesquisa e não se esgota neste trabalho.

Inicialmente, objetivamos realizar visitas, entrevistas e observação *in loco* em diversas lavanderias existentes na cidade de Salvador. No entanto, isso não foi possível devido a pandemia de Covid-19 - doença infectocontagiosa, causada pelo vírus SARS-CoV-2, que contaminou mais 55 milhões de pessoas e levou outras 1,3 milhões a óbito até o momento, em todo o mundo, no ano de 2020. Devido a essa situação, tivemos que fazer algumas adaptações em relação a coleta de dados para a pesquisa. Desta forma como sugestão para trabalho futuro, retomaremos as visitas, entrevistas e observação *in loco* em diversas lavanderias existentes na cidade de Salvador.

Como contribuição para área de Arquivologia, acreditamos que o (a) arquivista deve buscar esses novos perfis, ampliar o conceito de arquivo como lugares de memória, além de ampliar e aplicar a teoria arquivística para a organização, tratamento e disseminação da informação em diversos espaços. No caso do CEAS, especificamente, por se tratar de um arquivo permanente ou histórico, a forma correta de organização é o arranjo – que é o agrupamento dos documentos que foram recolhidos ao arquivo permanente. Essa organização visa respeitar a relação dos documentos com as atividades que o geraram, como forma de garantir a preservação.

Outra contribuição que consideramos importante destacar é a da necessidade de construção de uma política de preservação para o acervo apresentado no âmbito desta pesquisa, principalmente com ações emergenciais de conservação. Pois, desde a sua criação em 2001 a CAMPO, tem um acervo fotográfico no qual está incluso as fotos do MLS e de outros movimentos populares, mas infelizmente as fotografias não têm tido a conservação adequada. E por essas variedades de substâncias químicas e variedades de suporte se evidenciou a necessidade de um pensar em relação a sua conservação. Um acondicionamento voltado para cada necessidade específica seria uma forma de ter as fotografias por um longo espaço de tempo, visto que elas são testemunha da história.

Podemos acrescentar, ainda, a aproximação entre os conceitos de arquivo e sociedade e sua justaposição inequívoca com a memória coletiva e identidade. Sem deixar passar a importância da história oficial e o discurso dos sujeitos que brotam através da oralidade e que ganham subsídios nos documentos de arquivo, assim

como a importância da preservação e acesso à informação. Ou seja, essa área abarca práticas interdisciplinares.

Diante do exposto, esperamos que o estudo aqui desenvolvido estimule futuras investigações nas áreas abordadas, principalmente no que se refere àquelas voltadas à promoção da cidadania e ao acesso a conhecimento que oportunize transformações sociais através da aproximação da população com sua identidade cultural e o patrimônio histórico no qual ele está inserido. Para tal, cabe enfatizar a relevância social do profissional arquivista e de sua atuação atualmente, assumindo uma postura que envolva dinamismo e consciência coletiva, principalmente em relação aos usuários.

Essa aproximação com a Casa da Memória Popular (CAMPO) do CEAS celeiro de acompanhamento e assessoria de movimentos populares, mostra-nos a história do país reescrita por aqueles que a fizeram: os grupos populares, através dos relatos de experiências e fatos vivenciados por milhares de homens e mulheres que deixaram sua marca nos mais diversos documentos. Configurando um campo fértil para pesquisadores sensíveis e atuantes de causas sociais e dos grupos populares que tem a memória oral e documental a forma de preservar suas histórias.

Concluimos reforçando e afirmando que enquanto existirem mulheres lavando roupa, seja em lavanderia comunitária ou de “ganho em casa” a profissão persiste e o legado ecoa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira. **O que é feminismo** - Formação profissional e mercado de trabalho. Disponível em: <http://www.ongamigasdoparto.com/2014/12/o-queefeminismo-9-formacao.html>. Acesso em: 09 set. 2020.
- AMNB. **Articulação Mulheres Negras Brasileiras**. Disponível em: <http://www.amnb.org.br/index.asp>. Acesso em: 20 out. 2019.
- ÁVILA, Rodrigo F.; SOUSA, Renato T. B. A aporia dos estudos de comportamento informacional na Arquivística. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 41-53, jan./jun. 2011.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 477 p.: il, - (Arquivo), aula 7 p. 132-143.
- BRASIL. **Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres... Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRASIL. **Lei no 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRITTO, Augusto César Luiz; MOKARZEL, Mariza de Oliveira; CORRADI, Analaura. O Arquivo Enquanto Lugar de Memória e sua Relação com a Identidade. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 158-182, jan./jun, 2017.
- BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- CAIXA FILOSOFAL. **Provérbio Africano**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/561683384752058587/>. Acesso em: 27 nov. 2020.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDOSO, Ana Júlia Soares; SILVA, Pedro Felipy Cunha da; SOUSA, Francinete Fernandes de. A documentação como Fonte de Preservação da História das Religiões: o caso do Rito da Jurema sagrada na Paraíba. *In: II SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRAS*, - 120 anos de Abolição: Desafios e Perspectivas na Construção da Cidadania, Campina Grande: UEPB, 2008.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133. dez./2003. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2020.

CENTRO DE ESTUDO E AÇÃO SOCIAL. **Lavadeiras: mulheres construindo um movimento**. Caderno CEAS, Salvador, 1989.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**, v.11, n. 21, p.129-149, 1998. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062/1201>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FARIAS, Sara Oliveira. Memória e história: interações possíveis. *In*: FARIAS, Sara Oliveira; OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **História Regional e Local: discussões e práticas**. Salvador: Quarteto, 2010.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação: uma interação necessária**. 2005. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.

GAGNON-ARGUIN, Louise. Os arquivos, os arquivistas e a arquivística: considerações históricas. *In*: GAGNON-ARGUIN, Louise; ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTRE, Carol. **Os fundamentos da Disciplina Arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, p. 29-60, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra**. 2009. Disponível em:
<http://herstoriapreta.blogspot.com/2009/07/mulher-negra.html>. Acesso em: 27 nov. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Tradução de: La mémoire collective.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

HOWES, Robert. Repensando o planejamento contra desastres e emergência. *In*: DUARTE, Zeny (org.). **A conservação e a restauração de documento na era pós-custodial**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 103-108.

IRACI. Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000).

JUSBRASIL. **Artigo 3 da Lei nº 8.159 de 08 de Janeiro de 1991**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11728289/artigo-3-da-lei-n-8159-de-08-de-janeiro-de-1991>. Acesso em: 10 out. 2020.

MARTINS, Ismênia de Lima. A utilização popular do arquivo. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA*, 4., 1979, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 1979.

MATTOS, Fabricio Correa; VIGNOLI, Richele Grengue. O papel social dos arquivos: observações acerca da importância dos arquivos para a construção da cidadania e para a preservação da memória. *In: II WORKSHOP DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (WPCI)*. 2013.

MEMÓRIA, DO MUNDO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Memória do Mundo**. Diretrizes para salvaguarda do patrimônio documental. 2002. Disponível em: <https://mowlac.files.wordpress.com/2012/07/diretrizes-para-a-salvaguarda-do-patrimc3b4nio-documental.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

MEYER, Johanna Brígida Rocha Ribeiro. **Lavadeiras vão à luta: organização e atuação da ALARMES na Bahia (1983-2002)**. 2016. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, dez.1993.

PEREIRA, Railane Antunes. **Educação Patrimonial: o papel social do Arquivo Nacional**. 2016.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Terra e Paz, 1985.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun./2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.

PIOVESAN, Flávia. A Proteção Internacional dos Direitos Humanos das Mulheres. São Paulo, **EMERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57 (Edição Especial), p. 70-89, jan.-mar. 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTAL GELEDÉS. **Poderia a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?** 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

PORTAL GELEDÉS. **Provérbios Africanos**. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/proverbios-africanos/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

PRESTES, Anita Leocádia. O historiador perante a história oficial. **Germinal: marxismo e educação em Debate**, v. 2, n. 1, p. 91-96, 2010.

RELATÓRIO de Atividades da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social – SJDHDS 2018 (Salvador/BA – 2019).

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Marília Ferreira. **Arquivo Entre A Memória e o Patrimônio Cultural**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arquivologia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

RODRIGUES, Marcia Carvalho. PATRIMÔNIO DOCUMENTAL NACIONAL: CONCEITOS E DEFINIÇÕES. **Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf.** Campinas, SP v.14 n.1 p.110-125 jan./abr. 2016.

SANTOS, Joel Abilio dos. História: arquivos e memória oral. *In*: NAGEL, Rolf; RICHTER, Eneida Izabel Schirmer (Orgs.). **Elementos de arquivologia**. Santa Maria: Bonn, 1988. p. 110-113.

SANTOS, Rosa dos. **Grito dos Excluídos**. Plano de Arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras - ALARMES (1983–2000).

SECRETARIA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. Governo da Bahia. **Lavanderias públicas de Salvador mantêm vivas a tradição das lavadeiras e história da cidade**. 2009. Disponível em: <http://www.justicasocial.ba.gov.br/2019/03/2683/Lavanderias-publicas-de-Salvador-mantem-vivas-a-tradicao-das-lavadeiras-e-historia-da-cidade.html#:~:text=2019%2014%3A03-,Lavanderias%20p%C3%ABlicas%20de%20Salvador%20mant%C3%AAm%20vivas%20a,lavadeiras%20e%20hist%C3%B3ria%20da%20cidade&text=Salvador%20conta%20com%206%20lavanderias,no%20Engenho%20Velho%20de%20Brotas>. Acesso em: 27 nov. 2020.

SELLTIZ, Calire; WRIGHTSMAN, Lawrence; COOK. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São. Paulo: E.P.U., 1987.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba**. 122 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SILVA, Marise Borba de; GRIGOLO, Tânia Maris. **Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e da extensão II**. Caderno Pedagógico. Florianópolis: Udesc, 2002.

TADIELO, Cristina. **Desafios da mulher negra na sociedade brasileira**. Notícia Preta. 2020. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/os-desafios-da-mulher-negra-na-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 12 out. 2010.

THE WINNER TAKES IT ALL. [Compositor e intérprete]: ABBA. Super Trouper, 1980. 1 CD (41'53 min).

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. **Jesuítas e o apostolado social durante a ditadura militar: a atuação do CEAS**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

ZORZO, Francisco Antônio; BAZZO, Leda Maria Fonseca; DE ALCÂNTARA, Lucian Conceição. Território Urbano e Memória Coletiva. **Revista Especialidades**, v. 8, n. 1, p. 318-339, 2015.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO CURSO DE ARQUIVOLOGIA

Atuação dos assessores do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), no Movimento das Lavadeiras de Salvador. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao ICI-UFBA como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em Arquivologia. Intitulado: **O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR: o papel social dos arquivos na ressignificação da memória coletiva.**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual a sua função no CEAS no período em que o Movimento das Lavadeiras esteve em atuação (final dos anos 1970 até os anos 2000)? Comente.

2. Quais atividades você desempenhava no Movimento das Lavadeiras? Comente.

3. Sobre o contexto social da época de sua atuação, como estava o cenário político e econômico?

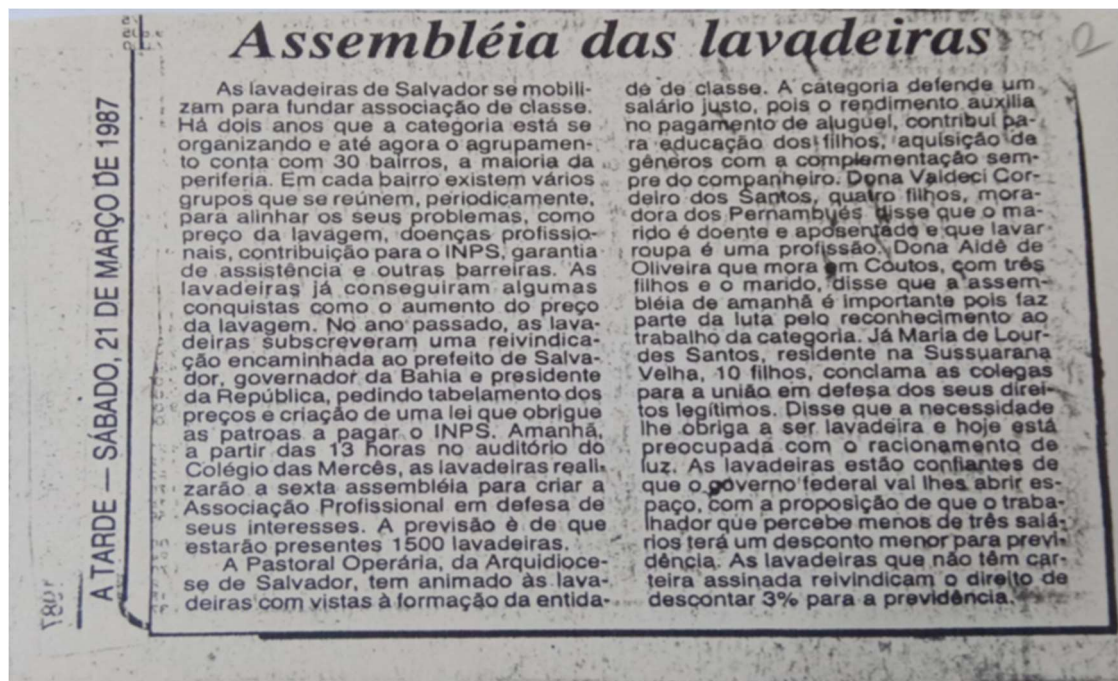
4. Comente sobre algum fato marcante durante essa relação de assessoria ao Movimento das Lavadeiras?

5. O que você conseguiu vislumbrar dessa época de militância?

ANEXO A – IMAGENS DOS DOCUMENTOS QUE NÃO FORAM UTILIZADOS NAS ANÁLISES¹



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000)



Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000)

¹ Os jornais estão na ordem dos recortes apresentados na seção “5.3.1 Análise dos recortes de jornais”.

Aumentam serviços para lavadeiras de Salvador

O Plano Cruzado, muitas vezes alvo de críticas por alguns segmentos da sociedade, tem sido muito apreciado pelas lavadeiras da Associação Santa Luzia, no Engenho Velho de Brotas que, beneficiadas com o alto consumo das peças de vestuário de suas clientes, conseguem melhorar seus ganhos com a lavagem das trouxas. Segundo Luiza Maria dos Santos, que há 39 anos está na profissão, em cada trouxa aparece uma peça nova, geralmente masculina ou feminina que "dá mais um dinheirinho pra nós".

A Associação funciona à rua Almirante Alves Câmara, 112, no Engenho Velho de Brotas, e oferece às associadas vários serviços entre os quais assistência jurídica, social, cursos de treinamento, além de trabalho de intermediação de diaristas. A tabela de preços varia de acordo com a quantidade de peças. De uma a 10 peças o preço por trouxa é de Cz\$ 20,00, pra pagamento mensal o valor é de Cz\$ 80,00. A maior trouxa, que varia de 51 a 60 peças, é cobrado o valor de Cz\$ 60,00, com o pagamento mensal de Cz\$ 200,00. O trabalho de engomação, lavagem de redes, tapetes, cortinas etc, são cobrados separado.

TERRENO

A Associação, criada em 1977 e que atualmente conta com 2.902 lavadeiras, está tentando agora junto à Prefeitura de Salvador conseguir um terreno para a construção de sua sede própria. Segundo a presidente da Associação, Aurelina Ferreira Santos, o próximo passo a ser conquistado pela categoria será a aposentadoria com 25 anos e, para isso, a Associação enviará a Brasília, uma comissão para falar com o Ministro da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães.

Ao ministro, elas pedirão a redução da contribuição previdenciária, que ainda é recolhida exclusivamente pelas lavadeiras e que representa Cz\$ 154,00 a menos por mês no salário de quem ganha o mínimo de Cz\$ 804. "Essa é uma injustiça pra a categoria, uma vez que muitas profissionais não ganham nem Cz\$ 300,00 por mês e ainda têm de pagar o imposto sozinha".

As pessoas interessadas em associar-se poderão procurar a própria Associação ou obter informações através do telefone: 234-0639.

Segunda Fim 29/09/86
TRIBUNAL DA BAHIA

Lavadeira quer direitos reconhecidos

Perolina Alves Gomes, 72 anos, lava roupa há 58. Não tem previdência Social, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, aposentadoria, salário mínimo em profissão. Na tarde de ontem, entre duas centenas de companheiros de trabalho — não reconhecido oficialmente — saiu o Campo Grande rumo à Praça Municipal na quarta passada de lavadeiras dos últimos anos. O objetivo era comum: reivindicar, publicamente, direitos que a maioria dos trabalhadores tem, mas ainda distantes do tanque.

O movimento organizado pela Associação das Lavadeiras da Região Metropolitana de Salvador (Alarmes) visava ainda alcançar a Câmara de Deputados, em Brasília, onde tramita projeto de lei do deputado Jacques Wagner (PT-Ba) propondo o reconhecimento da profissão. Pre-

vendo as dificuldades de aprovação do projeto e a quantidade de roupa suja que poderá ser colocada sobre a intenção do representante das lavadeiras, a Alarmes saiu na frente tentando incentivar a categoria a "lutar por direitos".

O primeiro conselho é que se exija das patroas cumprimento da tabela de preços. A orientação seguinte é cobrar, sobre o valor da diária (Cr\$ 8 mil) ou das peças, os 10 por cento de Previdência Social. Um volume de até 40 peças tem preço fixado em Cr\$ 9 mil líquidos — Previdência paga à parte. Lavadeiras que conseguem, em um mês, atingir o recorde de lavagem entre 201 a 240 peças, têm direito a Cr\$ 29 mil — valor abaixo do salário mínimo. Apesar dos conselhos da Alarmes, tem muita gente que cede às patroas e termina cobrando abaixo dos valo-

res fixados, destaca a dirigente da associação, Maria Alves dos Santos.

Hoje existem pouco mais de mil lavadeiras associadas dentro de uma população subempregada estimada em algumas dezenas de milhares. "Praticamente toda mulher favelada é lavadeira ou faxineira", aponta Conceição Garcia, voluntária de programas religiosos que dão apoio à causa. "Essas mulheres vivem de um trabalho duro pago com esmolas", lamenta.

Mais dramático é quando perdem as forças tornando-se "inválidas" para o tipo de trabalho, acentua Garcia. "Viram abandonadas, sem nenhuma assistência", classifica. Dona Perolina está prestes a integrar esse time de abandonadas — após mais de meio século lavando roupas de gente bem nutrida.



As lavadeiras realizaram uma passeata de reivindicação do Campo Grande à Praça Municipal

TRIBUNA DA BAHIA

Sexta-Feira, 4 de Outubro de 1991

A TARDE — SEGUNDA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 1987

Lavadeiras têm tabela de preços

Quase 500 lavadeiras, da capital e do interior, reuniram-se ontem, no Colégio das Mercês, para criar a associação da categoria e elaborar tabela única de preços para seus serviços. Elas basearam-se nos preços que estão sendo cobrados nas lavanderias da cidade. Assim, ficou estabelecido que a ida da lavadeira à casa da cliente custará Cz\$150,00 ao dia. De acordo com a tabela elaborada, uma trouxa de roupa, contendo até 10 peças, custará Cz\$200,00 ou Cz\$5,00 por peça, para ser lavada fora. A trouxa mensal mais para custa Cz\$700,00 — de 51 a 60 peças. Também houve um pouco de entretenimento para as lavadeiras, com apresentação de grupos folclóricos e de teatro, no auditório do colégio (Pág. 3).



As lavadeiras criaram sua associação e elaboraram uma tabela única de preços de serviço

Lavadeiras elaboram tabela única de preços

Lavadeiras de Salvador e do interior, notadamente de Guanambi, reuniram-se, ontem, em assembleia no Colégio das Mercês com dois objetivos: elaboração de uma tabela única de preços, com base nos preços que estão sendo cobrados nas lavanderias da cidade e criação da associação da categoria. Mas as 432 lavadeiras presentes não se limitaram a discutir os problemas da categoria. Um programa foi preparado para permitir um pouco de entretenimento como cantoria, apresentação de grupos folclóricos e teatro. Algumas lavadeiras subiram ao palco do auditório do colégio para dar seus depoimentos sobre as condições de vida e de trabalho.

Mas o importante mesmo foi a tabela única que padroniza os preços das lavagens de roupa. Pela tabela, a ida da lavadeira na casa do cliente custará Cz\$150,00 por dia. Uma trouxa de roupa contendo de uma a 10 peças, para ser lavada fora, custará mensalmente Cz\$200,00

ou Cz\$5,00 por peça. De 11 a 20 peças, Cz\$3,75 por peça ou Cz\$300,00 por mês. De 21 a 30 peças, Cz\$3,33 por peça ou Cz\$400,00 por mês. De 31 a 40 peças, Cz\$3,12 por peça ou Cz\$500,00 por mês. De 41 a 50 peças, Cz\$3,00 por peça ou Cz\$600,00 por mês, de 51 a 60 peças, Cz\$2,90 por peça ou Cz\$700,00 por mês.

Quanto às peças consideradas pesadas, são estes os preços: colcha chenil — Cz\$30,00 por peça; colcha de veludo — Cz\$60,00 por peça; cortina fina — Cz\$25,00 por peça; cortina grossa — Cz\$50,00 por peça; calça US Top — Cz\$25,00 por peça; farda suja de óleo — Cz\$60,00; forro de sofá — Cz\$60,00. Segundo Eneida Franco, que integra a coordenação que está implantando a Associação das Lavadeiras de Salvador, o preço por peça fixado na tabela é muito barato. Cada peça custará, em média, Cz\$4,00. As lavanderias, que dobraram seus preços estão cobrando, em média, Cz\$40,00 por peça.

Fonte: Plano de arquivamento da CDP, nos documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras ALARMES (1983–2000)



A
 (TARDE)
 19-XI-87
 (19)

O protesto das lavadeiras, ontem, demonstrou que a categoria está realmente mobilizada

Lavadeiras protestam por salário

As lavadeiras trocaram, ontem à tarde, as trouxas por faixas e cartazes e reivindicaram em passeata, do Campo Grande à Praça Municipal, a remuneração mais digna, direito aposentadoria, assistência médica e o INAMPS e reconhecimento da profissão. Gritando palavras de ordem — "queremos ganhar pela tabela, estamos cansadas de bater barrela", as lavadeiras surpreenderam pela capacidade de mobilização demonstrada. "Trabalhamos 20, 30 anos e da temos de seguro na vida. Acordamos cedo, a alimentação é ruim e destruímos nossas mãos, para ganhar um dinheiro miserável", desabafou Enedina de Jesus, oito filhos, vivendo de ganho há duas décadas recebendo apenas Cz\$1,8 mil, trabalhando para oito famílias (pág. 3).



Lavadeiras trocam as trouxas pelas faixas

"Queremos ganhar pela tabela, estamos cansadas de bater barrela", explicou. A tabela da Associação das Lavadeiras da Área Metropolitana de Salvador (Alarmes), estabelece valores para as trouxas, que variam de Cz\$450,00 a Cz\$1.500,00. Pela diária, o valor cobrado é de Cz\$350,00. "A maioria de nós não tem marido, e quando tem, ele é pedreiro, pintor, biscateiro. Por isso, a gente lava para fora, tentando aumentar um pouco a renda", explicou Enedina de Jesus, que mora em Sussuarana. Cada representante de bairro onde existem lavadeiras falou sobre as dificuldades enfrentadas, lembrando que acordam às 5 horas e, às vezes, não têm o que comer no café da manhã.

"Trabalhamos 20, 30 anos e não temos nada seguro na vida. Acordamos cedo, a alimentação é ruim, destruímos nossas mãos para ganhar um dinheiro miserável", desabafou Enedina de Jesus, que lava de ganho há 20 anos, tem oito filhos e ganha apenas Cz\$1,800 fazendo a lavagem de roupa de oito famílias. Ela disse que apenas uma das freguesas paga Cz\$600,00 preço da tabela por 20 peças de roupa, enquanto as outras pagam Cz\$200,00 e

até menos. "A tabela, pelo menos, garante um dinheiro melhor", explicou.

A tabela da Associação das Lavadeiras da Área Metropolitana de Salvador (Alarmes), estabelece valores para as trouxas, que variam de Cz\$450,00 a Cz\$1.500,00. Pela diária, o valor cobrado é de Cz\$350,00. "A maioria de nós não tem marido, e quando tem, ele é pedreiro, pintor, biscateiro. Por isso, a gente lava para fora, tentando aumentar um pouco a renda", explicou Enedina de Jesus, que mora em Sussuarana. Cada representante de bairro onde existem lavadeiras falou sobre as dificuldades enfrentadas, lembrando que acordam às 5 horas e, às vezes, não têm o que comer no café da manhã.

"Parece bom que elas reivindiquem melhorias da condição de trabalho e remuneração justa. O que me surpreende mesmo é o nível de organização que elas estão demonstrando", disse a estudante Rose Lima, que esperava o ônibus quando a passeata passou pela Praça Castro Alves. A manifestação das lavadeiras teve apoio de diversas entidades sindicais, associações de bairros e da Pastoral das Lavadeiras, ligada à Igreja Católica.

pp.
 (3)



As lavadeiras deixaram de lado as roupas e foram à passeata

16
A TARDE
24/4/92

Lavadeiras divulgam sua tabela de preços

A Associação das Lavadeiras da Região Metropolitana do Salvador — Alarmes — está divulgando a nova tabela de preços que passa a vigorar hoje. O último reajuste ocorreu em dezembro do ano passado e, segundo a entidade, o aumento deve-se às dificuldades por que passa a categoria trabalhadora. O

reajuste de 75% foi definido na última assembleia realizada ainda nos meados de março e ainda é considerado 19,93% abaixo da inflação acumulada nos primeiros três meses do ano. O preço por peça ficou assim definido: Cr\$625,00 para trouxa de 10 unidades e Cr\$450,00 para trouxas com mais de 20 peças.

TABELA DAS LAVADEIRAS E FAXINEIRAS (ALARMES)

Peças p/semana	Preço mensal	INPS 10%	Peças pesadas	Preço p peça
01 - 10	25.000,00	2.500,00	Colcha chenil ou fustão	6.300
11 - 20	36.000,00	3.600,00	Colcha veludo ou toalha	9.500
21 - 30	54.000,00	5.400,00	Colcha bordada ou rede	16.800
31 - 40	72.000,00	7.200,00	Colcha croché	10.500
41 - 50	90.000,00	9.000,00	Colcha acolchoada (casal)	47.200
			Colcha acolchoada (sof.)	24.500
			Cobertor	6.300
			Forro de sofá	6.300
			Calça ou jaqueta grossa	5.300
			Calça social	3.200
			Farda	15.800
			Cortina fina (2 bandas)	11.900
			Cortina grossa (2 bandas)	19.800
			Tapete	31.500
DIÁRIA	21.000,00			

A TARDE
24/4/92

Lavadeiras divulgam sua tabela de preços

A Associação das Lavadeiras da Região Metropolitana do Salvador — Alarmes — está divulgando a nova tabela de preços que passa a vigorar hoje. O último reajuste ocorreu em dezembro do ano passado e, segundo a entidade, o aumento deve-se às dificuldades por que passa a categoria trabalhadora. O

reajuste de 75% foi definido na última assembleia realizada ainda nos meados de março e ainda é considerado 19,93% abaixo da inflação acumulada nos primeiros três meses do ano. O preço por peça ficou assim definido: Cr\$625,00 para trouxa de 10 unidades e Cr\$450,00 para trouxas com mais de 20 peças.

TABELA DAS LAVADEIRAS E FAXINEIRAS (ALARMES)

Peças p/semana	Preço mensal	INPS 10%	Peças pesadas	Preço p peça
01 - 10	25.000,00	2.500,00	Colcha chenil ou fustão	6.300
11 - 20	36.000,00	3.600,00	Colcha veludo ou toalha	9.500
21 - 30	54.000,00	5.400,00	Colcha bordada ou rede	16.800
31 - 40	72.000,00	7.200,00	Colcha croché	10.500
41 - 50	90.000,00	9.000,00	Colcha acolchoada (casal)	47.200
			Colcha acolchoada (sof.)	24.500
			Cobertor	6.300
			Forro de sofá	6.300
			Calça ou jaqueta grossa	5.300
			Calça social	3.200
			Farda	15.800
			Cortina fina (2 bandas)	11.900
			Cortina grossa (2 bandas)	19.800
			Tapete	31.500
DIÁRIA	21.000,00			

A TARDE
24/4/92

Lavadeiras divulgam sua tabela de preços

A Associação das Lavadeiras da Região Metropolitana do Salvador — Alarmes — está divulgando a nova tabela de preços que passa a vigorar hoje. O último reajuste ocorreu em dezembro do ano passado e, segundo a entidade, o aumento deve-se às dificuldades por que passa a categoria trabalhadora. O

reajuste de 75% foi definido na última assembleia realizada ainda nos meados de março e ainda é considerado 19,93% abaixo da inflação acumulada nos primeiros três meses do ano. O preço por peça ficou assim definido: Cr\$625,00 para trouxa de 10 unidades e Cr\$450,00 para trouxas com mais de 20 peças.

TABELA DAS LAVADEIRAS E FAXINEIRAS (ALARMES)

Peças p/semana	Preço mensal	INPS 10%	Peças pesadas	Preço p peça
01 - 10	25.000,00	2.500,00	Colcha chenil ou fustão	6.300
11 - 20	36.000,00	3.600,00	Colcha veludo ou toalha	9.500
21 - 30	54.000,00	5.400,00	Colcha bordada ou rede	16.800
31 - 40	72.000,00	7.200,00	Colcha croché	10.500
41 - 50	90.000,00	9.000,00	Colcha acolchoada (casal)	47.200
			Colcha acolchoada (sof.)	24.500
			Cobertor	6.300
			Forro de sofá	6.300
			Calça ou jaqueta grossa	5.300
			Calça social	3.200
			Farda	15.800
			Cortina fina (2 bandas)	11.900
			Cortina grossa (2 bandas)	19.800
			Tapete	31.500
DIÁRIA	21.000,00			

MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DA RMS
REFLEXÃO DE ALGUNS AGENTES
Preparação da conversa com Beatriz

Esta conversa com alguns agentes é uma oportunidade de sistematizar um pouco mais a nossa experiência de trabalho no movimento das lavadeiras e de explicitar melhor as diferentes maneiras de trabalhar, as diferentes expectativas e outras divergências que aparecem no trabalho a nível de bairro e de cidade. Não é o caso de tomarmos qualquer tipo de decisões, pois faltariam não só os outros agentes envolvidos no trabalho, mas principalmente estariam ausentes as próprias lavadeiras que só elas têm o direito de decidir algo concernente ao movimento delas.

Para aprofundar um pouco mais cada assunto limitamos o número de participantes que atuam há mais tempo neste trabalho. Seguem as contribuições de cada um dos convidados.

O encontro será realizado no CEAS nos dias 27-28 de agosto, iniciando a conversa às 8,30 de sábado (o almoço será oferecido pelo CEAS. À noite cada um volta para sua casa). Cada um leia todos os textos e faça suas observações. No início do encontro faremos uma pauta prioritária. Nesta conversa contaremos com a ajuda de Beatriz, assessora do NOVA (entidade de assessoria popular) do Rio.

I. L. U. C. I. N. H. O

COMO VEJO O MOVIMENTO?

Houve um certo **crescimento** no movimento, foi **ampliado o trabalho** nos diversos bairros de Salvador e alguns bairros fora, como Lauro de Freitas-Itinga-Camaçari-Catu e Guanambi (interior). Contudo sinto um certo **recuo** por parte dos agentes, não querer avançar mais. Ext é a **questão da Associação**; as lavadeiras estão continuamente pedindo uma **sede, carteiras etc...**; sabemos que por trás disso tem as exigências da patroas. Mas algumas lavadeiras estão insistindo na sede. Será que **analisamos o ponto de vista delas?** Se de um lado percebo o crescimento, de outro está acontecendo o **esvaziamento de alguns bairros**. Será que o movimento não está respondendo os anseios desse grupo? ou os agentes não estão animando-as para a luta? Ou ainda será que precisamos **mudar a maneira de trabalharmos?** Penso que precisamos **deixar** cada vez mais as próprias lavadeiras **assumirem o movimento**, não devemos ter medo de perder a **nossa liderança**. Devemos ajudá-las a posicionarem-se. Como é natural em todo movimento que cresce, sinto divergência entre alguns agentes quanto ao modo de trabalhar. Precisamos ter cuidado para **não atrapalharmos as lavadeiras, por causa dos nossos pontos de vista**. Estamos num **ano eletivo**, como movimento temos que ajudar as lavadeiras nessa questão sem direcionar pra esse ou aquele candidato.

PRECISAMOS APROFUNDAR

2

- A metodologia usada na elaboração da nova tabela.
- reavaliar a maneira como estamos elegendo a coordenação.
- a importância das visitas no bairro e a nível de área.
- a problemática da associação.

2. M Á R C I A

COMO VEJO O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS?

Posso dizer que diante da caminhada que fiz junto as lavadeiras até aqui, algo mudou e cresceu.

Vejo a mudança de algumas que não conseguiam falar no grupo, nem com as patroas e hoje elas conseguem.

Vendo também as que não queriam dizer que eram lavadeiras e não queriam que ninguém as vissem com roupas, hoje já se sentem trabalhadoras, com dignidade e merecedoras de respeito enquanto tal.

Tudo isso fez com que aumentasse o grupo e crescesse a amizade entre elas e a vontade de continuarem lutando para uma melhoria no seu mundo do trabalho, no seu pagamento, no seu reconhecimento profissional. Sinto-me cada dia motivada a lutar junto a elas para que possam ser reconhecidas como categoria e para que levem o movimento que é delas para frente com o valor merecedor dos seus esforços.

Agora posso ver, em um bom grupo, que não estão só pelo fato das reuniões ou tabelas, mas por verem um valor de estarem juntas e discutirem seus problemas para melhor levarem o movimento para frente.

Para mim é um meio onde mulheres se encontram, discutem seus problemas e se organizam; elas começam a sentir-se seguras de se expressarem, de tomarem decisões, de se sentirem importantes e de fazerem algo do seu interesse.

Foi a partir daí que elas começam a se darem valor como mulheres e como trabalhadoras, exercendo seu trabalho com valor e respeito.

Vejo este movimento com meio de libertação para "uma classe" oprimida que tem garra e que pode melhorar. Por serem mulheres, ainda mais são marginalizadas; e por serem marginalizadas na sua condição de pobre, mulher e negra é que quero estar com elas. Não como aquela que iria tirá-las desta situação, mas como caminhante que quer caminhar nesta estrada de libertação.

Para mim, o movimento é a ponte que nos leva a traçar o caminho para as lavadeiras chegarem a conquistar a dignidade de pessoa e de cidadã com direitos iguais.

O QUE APROFUNDAR?

- meios de valorização do trabalho com mulheres;
- leis trabalhistas (se possível, não reconhecidas: como biscates).
- processo de organização popular.
- dinâmicas para entrosamento em grupos populares.

3. GERALDO

3

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O TRABALHO COM LAVADEIRAS.

1) Estou a quase 2 anos acompanhando o movimento das lavadeiras. Atuo em tres bairros e, também, a nível geral, nos encontros de representantes, em algumas reuniões das coordenadoras, nas assembléias. Tentarei colocar certas questões que me vão aparecendo nesses dois níveis. Como ponto de partida, acho importante uma constatação: as lavadeiras constituem uma imensa categoria em Salvador, formada principalmente de donas de casa, na sua maioria analfabetas e residindo nos lugares mais pobres da cidade.

Por que isso como ponto de partida? Porque acredito que é o chão fe-cundo de onde brota um jeito diferente de conceber a organização popu-lar, ou seja, concebê-la mais como processo, como algo que se faz, sem muitos projetos e idéias claras, sem a segurança de termos as respos-tas para todos os impasses. Apesar e por causa disso, colocarei aqui alguns elementos de minha prática, naquilo que tem sido o processo vi-vido e os impasses, no que são o vir-a-ser.

2) Desde o começo percebi que havia certa novidade no que chamamos de trabalho de base do movimento. O privilegiar as visitas, o escutar e valorizar a racionalidade própria das lavadeiras, as pequenas reuniões nas casas, ruas e baixadas. Investi bastante tempo nisso e considero de fato que aí está grande parte da força do movimento. Isso porque tal perspectiva não é aquela que procura levar propostas, questões e soluções, mas busca no mundo das lavadeiras, e na maneira como elas o compreendem, o que e como fazer. Esse mundo, com sua racionalidade criadora e criativa, nos coloca as questões mais importantes que elas querem discutir. Assim, nós somos "agente" nesse trabalho, mas de forma diferente. Não temos a primazia na condução ideológica, porque quem coloca as questões são elas. A gente suscita a conversa, provoca, mas, muitas vezes isso nem é tão necessário. O ficar no horizonte da conversa delas, o valorizar todo o dito e vivido, representa, sob um ponto de vista, que os verdadeiros agentes do processo global são elas e não nós.

Alguns desafios que percebo no trabalho nesse nível (nós em relação a elas e elas em relação entre si):

- a distância física e situacional dos agentes. Por mais próximos que estejamos, não vivemos os conflitos e dificuldades do cotidiano das lavadeiras; isso, se por um lado pode representar certa barreira, uma vez que fica difícil perceber todo o complexo mundo que tece suas re-lações sociais no local de moradia, por outro, pode também ser algo positivo: podemos representar o elo que as liga com a categoria em suas relações com o movimento, que é maior.

- certas situações-limite (fome, doença, vilência) nos deixam muitas vezes como impotentes. O que fazer? Tensão entre deixar como está ou ser "assistencialista". Às vezes não é possível nem proporcionar, de imediato, a discussão que possa provocar a solidariedade do grupo.

- a questão da **linguagem**: por mais que tentamos nos aproximar, nossa linguagem é codificada, elaborada, e a **delas é mais simbólica**, sem aparência lógica (nossa lógica). Não guardam nossos discursos e certas questões que colocamos. O desafio aí é que nessa troca de saberes, possamos **fazer emergir a linguagem delas** com toda a riqueza que carrega e nós, mais que falarmos muito, quando o fizermos, possamos contribuir no que elas demandam.

- O **agente externo** é uma **presença forte**. Geralmente é ele quem dá o primeiro passo. **Como diminuímos para que elas cresçam?** Isso já vai acontecendo com os grupos que acompanham a caminhada. Porém, aquelas que não fazem todo o processo nem sempre conseguem passar pelo mesmo processo.

- As conjunturas diversas e adversas em certos bairros, com relação à vida e às relações interpessoais, nem sempre conduzem a uma caminhada comum. **Elas continuam dispersas e atomizadas**. Como colaborar para que se instaure um **processo grupal**? Ligado a isso, a pergunta de sempre: e a **grande massa**, como fica a compreensão que temos do movimento?

- As **lideranças nos grupinhos** são importantes. Porém, como é a relação que se instaura? De **domínio**, a exemplo do que se passa com tantas lideranças de bairro? Como fica nossa intervenção na colaboração em vista da **formação numa perspectiva mais democrática e horizontal**?

3) Com relação ao processo geral, que se corporifica na **ALARMES** e todas as suas atividades, acho importantes os passos dados até aqui e a maneira como tem sido. De certa forma tenta-se ir devagar, no ritmo delas. As questões que me aparecem nesse nível:

- Hoje elas falam da **sede, registro, carteirinha**. Como responder? O que está **por trás** é tirar benefícios, principalmente de **assistência médica e aposentadoria**. Um grande grupo das que frequentam o movimento já está na época de aposentar-se. As doenças são diversas. Será que o melhor caminho é mesmo **ir protelando**, remetendo-as à Associação Santa Luzia, aos postos de saúde? Sinto que **tal discussão precisa ser aprofundada em todos os níveis: agentes, coordenação, representantes, grupos de base**. Parece-me que no momento, ainda vamos passando a responsabilidade de discutir de um para outro.

- A questão do processo de **formação das lideranças-lavadeiras**: por um lado há um apostar nas diferentes lideranças e nos diversos níveis de representatividade das mesmas. Acho fundamental o fato de nesse processo **não haver uma elitização acentuada**. Há o destaque das mesmas, mas elas continuam sendo o que são e o emergir de uma consciência dos direitos não é maior do que o da maioria da categoria que acompanha o movimento. São **lideranças "servidoras" da categoria** que **fazem o que está ao alcance e não além de si**. No momento não vejo com clareza que tenhamos que **"treinar" lavadeiras para assumirem os diversos papéis**, inclusive os hoje desempenhados por nós. Sinto que isso é uma **contradição: como o movimento ser delas, se elas não assumem tudo o que o movimento implica e exige? Por que não darmos do nosso "saber" a elas e também certos "saberes" presentes no movimento popular em geral**. Não seria **"assistencialismo"** ou **"excesso de poder"** de nossa

parte? Como não tenho clareza e acho que o caminho não passa pelo "treinamento", **prefiro conviver com a contradição**, sabendo que o processo é mais rico do que parece à primeira vista e, **se estamos juntos (lavadeiras e agentes), encontraremos como equacionar tal questão no próprio processo.**

- Outra questão importante é a **relação entre o movimento das lavadeiras e outros movimentos populares.** Percebo que muitos agentes se angustiam diante do "empiricismo" cultivado pelo trabalho no movimento das lavadeiras; o ficar só no "imediato" da vida parece não levar a uma consciência maior. Porém, parece-me que **tal imediato é o chão mais fecundo onde as lavadeiras sentem-se seguras, seja para dele falar, como também para, a partir daí, participar de lutas a ele relacionadas.** Nesse sentido **vejo a relação** com outros movimentos populares mais estruturados e com maior clareza de rumos e objetivos, por um lado, **problemática** porque pode não corresponder ao que é o cotidiano - vivido e sentido - pelas lavadeiras que participam do movimento e pela massa que recebe seus benefícios (principalmente a tabela). **Por outro lado, pode ser positivo,** uma vez que a relação de lógicas diferentes sempre leva ao **enriquecimento mútuo** de quem participa. Pessoalmente **prefiro ir mais devagar: apostar num maior relacionamento das lavadeiras com categorias próximas (faxineiras, domésticas) e também a nível de bairros (associações), deixando sempre a elas o primeiro passo e colaborando na medida em que formos solicitados.**

Tais questões são apenas algumas das muitas que vão nos aparecendo no percurso; não tem a pretensão de verdade, são somente mais alguns elementos para contribuir nesse processo de discussão.

4. JOSÉ ANTONIO

TEXTANDO ARRUMAR ALGUMAS QUESTÕES DO TRABALHO DA ALARNES.

Não é fácil sistematizar um avaliação do trabalho com lavadeiras, porque na fase atual do trabalho não fica ainda claro se o ponto de referência são as lavadeiras, os agentes ou as patroas. Durante muito tempo os problemas eram equacionados principalmente a partir da colaboração ou não dos agentes. Ainda hoje sente-se a necessidade da colaboração deles e conseqüentemente eles ocupam um espaço importante nas tomadas de decisões. Este é um dos pontos a questionar. Até 86 as reuniões congregavam lavadeiras e agentes para decidir tudo. A partir de meados de 86 os agentes começaram a se reunir em separado com a finalidade de tomar decisões concernentes apenas a eles e não às lavadeiras. Mas os agentes não deixaram de influenciar as decisões tomadas na reunião das representantes.

As patroas nunca deixaram de ser as ausentes "presentes" no processo de organização das lavadeiras. Elas ocupam um grande espaço na vida da lavadeiras; estas estão dominadas econômica, política e ideologicamente pelas patroas. Não é a toa que as lavadeiras ainda reclamam a presença das patroas nas assembléias.

Tomando as lavadeiras como ponto de referência, ainda surge outra questão: a massa das lavadeiras tem algum laço com os grupos da ALARNES, mas não é fácil verificar isso para poder fortalecer tais laços.

CANTANDO E ALARMANDO

1. HINO DAS LAVADEIRAS

Vamos juntas unir nossas forças/ vamos juntas lutar pra valer.
Porque Deus não despreza seu povo/ so pedimos pra Ele atender.

REFRÃO: DEMOS AS MÃOS LAVADEIRAS/ PRA NOSSA CORRENTE FICAR FORTE
DEMOS AS MÃOS COMPANHEIRAS/ PORQUE ESSA É NOSSA SORTE.

Lavadeiras de Nova Brasília/ de Portão a Sussuarana
do Beiru a Saramandaia/ vamos em frente com grande sorriso.

Lavadeiras de outras áreas/ nesta hora é lutar pra valer
Iremos juntas unindo forças/ pra ver nosso salário crescer.

2. BAIÃO DAS LAVADEIRAS

Lavadeira, lavadeira/ Lava roupa sem parar/ A patroa suja a roupa/
Mas depois não quer pagar.

REFRÃO: AI, LAVADEIRA, COMO É BOM VOCÊ LAVAR,
AI, LAVADEIRA, ELA É QUE NÃO QUER PAGAR.

Lavadeira pega a roupa/ Vai pro tanque esfregar/ No caminho ela pensa/
Que tem mais e que lutar.

Vamos lá minhas amigas/ Que essa luta é tão grande/ Vamos ver nossos direitos/
Que nós temos profissão.

Pois eu lavo muita roupa/ Pra ganhar só um tostão/ Os meminos lá em casa/
E a panela sem feijão.

Lavadeira lava roupa/ A vida toda sem parar/ Mesmo com setenta anos/
Não dá pra se aposentar.

3. ALERTA, LAVADEIRA (Melodia de Olé Mulher Rendeira)

REFRÃO: ALERTA, LAVADEIRA! ALERTA COMPANHEIRA!
A UNIÃO QUE FAZ A FORÇA TEM A FORÇA DA MULHER.

Madame é exigente e paga mixaria./ Minhas forças se esgotam/
Nesta vida dia a dia.

A trouxa é um colosso, não cabe no varal./ E eu choro por meus filhos, /
Pobrezinhos. passam mal.

Não tenho INPS, nenhuma garantia. / Se cair no pé do tanque/
Já não tenho serventia.

4. BAIÃO DA NOVA MULHER

REFRÃO: VIVA, VIVA A MULHER DESTA NAÇÃO/
QUE VAI GERANDO NO VENTRE A NOVA SEMENTE DA LIBERTAÇÃO.
E VEM TRAZENDO NO SANGUE A SEMENTE NOVA DA REVOLUÇÃO !

Sertaneja, manhã cedo, vai ela sem medo, já vai trabalhar.
Trabalho duro suado, bolsão conquistado a duro penar!

Sai de casa, come nada e sem deixar nada pros filhos comer,
Volta trazendo um pouquinho e ganho mesquinho não dá pra viver!

Companheira gordestina constrói nova sina vamos caminhar! Ganhando a terra e a rua.
A força que e tua ninguém vai quebrar,

Na lei ou na raça a vitória já vem.

Une o teu braço ao do homem pra vencer a fome e cantar o bem!

5. PISE FIRME

REFRÃO: MINHA GENTE PISE FIRME CANTE ALTO E VAMOS LÁ.
VAMOS LUTAR CONSCIENTES QUE ESSE MUNDO VAI MUDAR,
VAMOS LUTAR CONSCIENTES QUE ESSE MUNDO VAI MUDAR.

Nosso sofrer é tão grande muito dura é nossa dor;
O governo não escuta nem olha nosso clamor.
Só vai chegar a saída quando ela for construída pelo povo sofredor.

Da união das lavadeiras em nossa comunidade,
Da luta dos operários pelos campos e cidades.

Vai nascer um mundo novo feliz seja todo o povo que pratica essa verdade.

HINO DAS LAVADEIRAS

- Vamos juntas unir nossas forças / vamos juntas lutar prá valer.
Porque Deus não despreza seu povo / só pedimos pra ele atender.
- Demos as mãos Lavadeiras / pra nossa corrente ficar forte
Demos as mãos companheiras / Porque esse é nossa sorte. (bis)
- Lavadeiras do Engenho Velho / da Chapada e Cosme de Farias
do Paripá a Maçarenduba / da Liberdade às Cajazeiras.
- Lavadeiras de Nova Brasília / de Portão a Sussuarana
do Belru a Saramendala / Vamos em frente com grande sorriso.
- Lavadeiras de outras áreas / nesta hora é lutar pra valer
Iremos juntas unindo forças / pra ver nosso salário crescer.

XOTE DAS LAVADEIRAS

- Nós somos as lavadeiras / vamos nos organizar / conversando e escutando
pra ver como vai ficar / a nossa situação / e o que precisa melhorar.
- Sabemos que as patroas/só querem nos explorar/não valorize nosso trabalho
querem nos escravizar / ainda fazem cara feia / querendo nos assustar.
- Nestas nossas reuniões / nós queremos preparar / uma tabela de preços
para nos valorizar / não vamos deixar que elas / vivam sempre a explorar.
- Como lavar tanta roupa/das patroas e dos patrões/Eles pensam que é difícil
e não tem nem compaixão / quando fala em aumentar / querem fazer confusão.
- Esta lavagem de roupa / que está pra nos matar. / As patroas só quer mesmo
o nosso ouro arrancar: / não querem dar o direito / de gente se organizar.
- Nós não somos obrigadas / a lavar sem ganhar nada / Enxergamos que é preciso
ficar bem organizada / Vamos seguir a cabeça / pra não ser escravizada.
- Nós queremos trabalhar / ter respeito e valor / por isso vamos lutar
pedindo a nosso Senhor/que aumente as nossas forças/o também o nosso valor.
- Dizem que as lavadeiras / já estão se organizando / discutindo seus direitos
e fazendo novos planos / para não ser enrolada / por nenhum destes fulanos.
- Me desculpe os versinhos / mas preciso lhe falar / desta sociedade suja
que só pensa em tirar / a vida das pessoas / que querem se organizar.

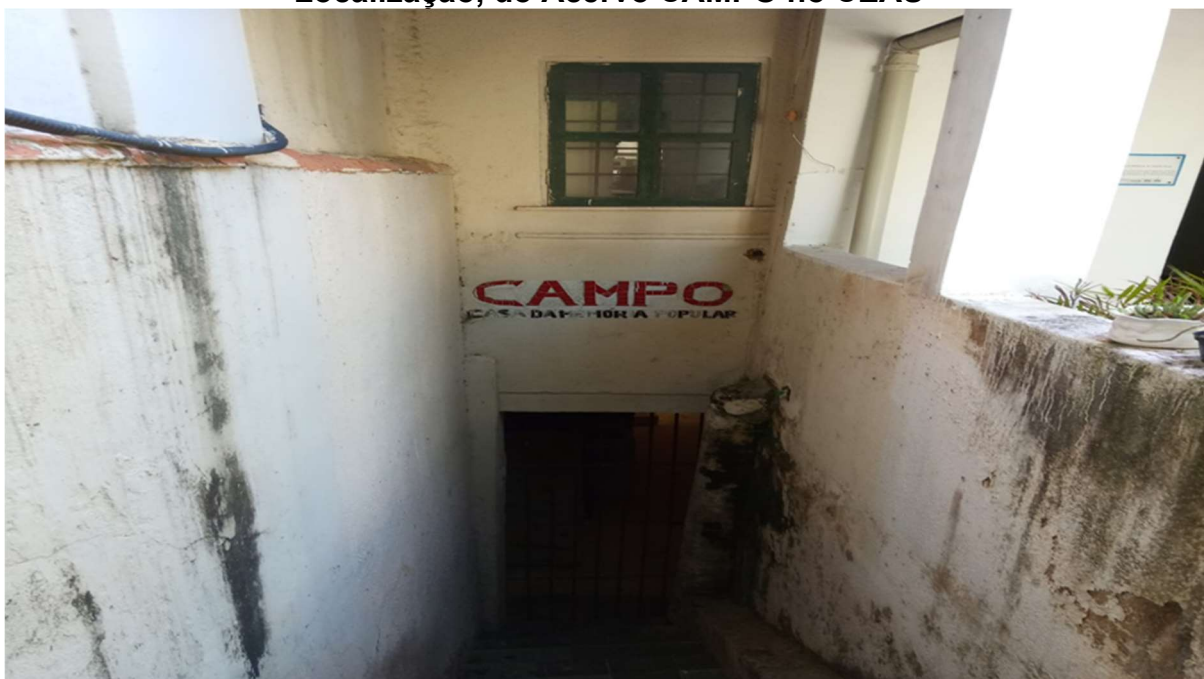
BAIZO DAS LAVADEIRAS

- Lavadeira, lavadeira / Lava roupa sem parar
A patroa suja a roupa / Mas depois não quer pagar
AI, LAVADEIRA, COMO É BOM VOCÊ LAVAR
AI, LAVADEIRA, ELA É QUE NÃO QUER PAGAR
- Lavadeira pega a roupa / Vai pro tanque esfriar
No caminho ela pensa / Que tem mais é que lutar
- Vamos lá, minhas amigas / Que essa luta é tão grande
Vamos ver nossos direitos / Que nós temos profissão
- Pois eu lavo muita roupa / Pra ganhar só um tostão
Os meninos lá em casa / E a panela sem feijão
- Lavadeira lava roupa / A vida toda sem parar
Mesmo com setenta anos / Não dá pra se aposentar

MULHER NA LUTA

- Vai prá beira do riacho / com a trouxa na cabeça / Prá ganhar uma mixaria
lava roupa todo dia, se resfria e não se queixa (bis).
- O sol quente na cabeça / e os pés na água fria. é a mulher lavadeira,
trabalha a semana inteira prá poder ganhar a vida (bis).
- Bota a lenha no fogo / faz o leite do menino. Varre a casa, limpa a mesa e
arruma a prateleira, enquanto ele está dormindo (bis).
- é a mulher dona da casa/ sem tempo prá descansar. Faz almoço faz a janta,
e a noite lá prá tantas, ela ainda sem deitar (bis).

Localização, do Acervo CAMPO no CEAS



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).